



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES - ICHCA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA - PPGH

ISMÉLIA DA PENHA BALDUCE TAVARES

**MULHERES NA GUERRILHA:**

práticas e estratégias femininas na guerra dos cabanos Alagoas e Pernambuco  
(1832-1850)

MACEIÓ

2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

ISMÉLIA DA PENHA BALDUCE TAVARES

**MULHERES NA GUERRILHA:**

práticas e estratégias femininas na guerra dos cabanos Alagoas e Pernambuco  
(1832-1850)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Alagoas, como requisito para a obtenção do grau de Mestre em História sob orientação da Prof. Dra. Arrizete Cleide de Lemos Costa.

MACEIÓ

2020

**Catálogo na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca Central**  
**Divisão de Tratamento Técnico**

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

T231m Tavares, Ismélia da Penha Balduce.

Mulheres na guerrilha : práticas e estratégias femininas na Guerra dos Cabanos Alagoas e Pernambuco (1832-1850) / Ismélia da Penha Balduce Tavares. – 2020. 110 f. : il. color.

Orientadora: Arrizete Cleide de Lemos Costa.

Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes. Programa de Pós-Graduação em História. Maceió, 2020.

Bibliografia: f. 108-110.

1. Brasil - História - Cabanada. 2. Mulheres. 3. Mulheres e guerra. 4. Guerra - Estratégia. I. Título.

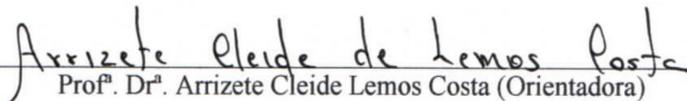
CDU: 94(81).052

**Folha de Aprovação**

ISMÉLIA DA PENHA BALDUCE TAVARES

Mulheres na guerrilha: práticas e estratégias femininas na Guerra dos Cabanos  
Alagoas/Pernambuco (1832-1850)

Dissertação submetida ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Alagoas e aprovada em 19 de outubro de 2020.

  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Arrizete Cleide Lemos Costa (Orientadora)  
Universidade Federal de Alagoas

**Banca Examinadora:**



Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Janaína Cardoso de Mello (Examinadora Externa)  
Universidade Federal de Sergipe



Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria de Lourdes Lima (Examinadora Externa)  
Universidade Federal de Alagoas

Dedico esse trabalho a Dirceu Lindoso (em memória)

## AGRADECIMENTOS

Certo dia, quando eu estava com dúvida se deveria prosseguir com minha pesquisa sobre as mulheres do século XIX, sonhei com minha avó Mariana Nunes da Silva. Uma das lembranças mais doces da minha infância, e que ficou na minha memória, foi um dia em que ela chegou sem avisar, tal qual no sonho que tive. No sonho ela veio nos visitar. Morávamos num sítio arrendado pelo meu pai na zona norte do Rio de Janeiro que ficava distante da cidade, bem isolado de tudo. Minha avó trouxe um cesto cheio de coisas gostosas e nos levou, eu e minhas três irmãs para fazer pic-nic na mata. Ela trouxe alegria para nossas vidas. Carreguei essa imagem em minha memória para sempre. Fiquei pensando porque sonhei com minha avó algo que tínhamos vivido? Resolvi voltar no tempo para investigar, já que na época eu era ainda criança. Descobri que ela havia nascido no final do século XIX, mulher negra e filha de escravizado. Então, lembrei que Margareth Rago disse no artigo intitulado “Mulheres na historiografia brasileira – História Cultural”, 1995, que deveríamos realizar mais pesquisas sobre as mulheres, nem que seja para fazer justiça as nossas avós. Ao lembrar dessa memória afetiva, percebi que não poderia deixar de agradecer três mulheres de minha estima e afeto.

Primeiramente à minha avó Mariana N. da Silva (em memória) pelo sonho que me devolveu o entusiasmo. Agradeço à minha mãe Landinha Balduci Tavares (em memória) pelo afeto que nos uniu. Agradeço à minha irmã Zenilda Balduci Tavares pela amizade e por ter cuidado sempre de mim.

Sou grata ao Nuno Lindoso, meu filho amado, por compartilhar comigo suas experiências intelectuais, por me incentivar desde o início dessa empreitada e pelo companheirismo nas alegrias e nos momentos mais difíceis.

Meu agradecimento mais que especial para quem me aproximou, desde sempre, aos fatos históricos sobre a Guerra dos Cabanos e por ter sido meu incentivador até seus últimos dias de vida. Meu companheiro, Dirceu Lindoso (em memória).

Agradeço imensamente o incentivo e a acolhida de minha Orientadora, Professora Dra. Arrizete Cleide de Lemos Costa, pela compreensão, pelos ensinamentos e paciência durante todo percurso até a presente conclusão do Mestrado.

Sou grata ao Grupo de pesquisa Documentos, Imagens e Narrativas – GPDIN/UFAL/CNPq, liderado pela professora Dra. Arrizete C. L. Costa do qual faço parte, pelas trocas de saberes. Agradeço as companheiras e companheiros pelo entusiasmo e por tudo que compartilhamos durante os nossos encontros.

No que diz respeito a pesquisa de campo no Estado de Alagoas, agradeço ao Fórum Domingos Fernandes Calabar, de Porto Calvo na pessoa da Escrivã Judicial Maria José Santana. Agradeço também ao Cartório de primeiro ofício de Porto Calvo na pessoa da tabeliã Rosângela Maria dos Santos. Agradeço a Vilma Nóbrega e toda equipe do Arquivo Público de Alagoas. Quero agradecer também ao Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, IHGA, na pessoa de Tarcyelma pela atenção com que sempre me recebeu durante a pesquisa.

Em Pernambuco, agradeço a Wilton Barbosa, chefe da hemeroteca do Arquivo Público Estadual de Pernambuco – APEJE, pela atenção e acolhimento durante os dias que estive realizando pesquisa no arquivo. Agradeço especialmente ao professor Hildo Elda Rosa bem como ao professor e pesquisador Êmerson Correia que me receberam e foram essenciais na busca das fontes manuscritas durante minha pesquisa no Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano de Pernambuco - APEJE/PE.

Agradeço às professoras Dra. Maria de Lourdes Lima e Dra. Janaína Cardoso de Mello pelas valiosas contribuições feitas na ocasião da qualificação da presente pesquisa e por aceitarem fazer parte de minha banca de Mestrado.

Meu agradecimento especial ao Programa de Pós-Graduação em História (UFAL), por me oportunizar na realização do Mestrado.

Agradeço à Irmã Miriam do Sagrado Coração de Jesus por compartilhar comigo as informações sobre a comunidade agrária da zona rural de Maragogi. Agradeço ao Emanuel Stelita pela entrevista cedida por telefone sobre o Engenho Genipapo situado nos territórios cabanos.

Sou grata à Rebeca de Melo pela amizade e pelo apoio.

Meu agradecimento especial ao professor Antônio Felipe Pereira Caetano por ter me permitido assistir suas aulas de Paleografia no ano de 2019. Agradeço também à Anne Karolline Campos Mendonça que disponibilizou, materiais de estudos paleográficos para me auxiliar nas transcrições dos manuscritos.

Agradeço a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas – FAPEAL e a CAPES, pela concessão da bolsa que foi primordial para o desenvolvimento desta pesquisa.

## RESUMO

Apresente narrativa discorre sobre a história vista de baixo, a história das mulheres cabanas que viveram no contexto da Guerra dos Cabanos e que dela participaram. No âmbito da historiografia regional e nacional, a Guerra dos Cabanos é estudada como uma insurreição que aconteceu durante o século XIX, entre os anos de 1832 a 1850, nas Províncias de Alagoas e Pernambuco. Embora fontes documentais que apresentem vestígios da presença das mulheres nesse conflito armado já tenham sido visitadas por historiadores que escreveram sobre a guerra, não foi encontrado registro de pesquisas históricas que tratem especificamente da questão, tanto no âmbito da história nacional como regional e, particularmente alagoana. Esta investigação parte do levantamento de fontes manuscritas e publicações em periódicos do século XIX, interpelando-as sobre quais as formas explícitas e implícitas de representações das mulheres naquele universo histórico da Guerra dos Cabanos (1834-1850). As narrativas acerca das mulheres que pertenceram ao mundo cabano são lacunares e residuais, o que me levou a adotar os métodos de análises de conteúdo de Laurence Bardin (2011) e o método microanalítico de Carlo Ginzburg (1989b). Ambos buscam as afinidades nas técnicas para o desvelamento das pistas, dos vestígios atos falhos, os ditos das entrelinhas<sup>1</sup>, os silêncios, as contradições que possuem os documentos. Tendo como fundamentação teórica a História Cultural, demonstro como essas mulheres que estiveram embrenhadas nas matas, sofrendo as represálias das incursões militares naqueles tempos de guerra são protagonistas no cotidiano da guerra.

**Palavras-chave:** Mulheres, práticas, estratégias, Guerra dos Cabanos

---

<sup>1</sup> Os ditos nas entrelinhas é conseguir captar o que não está claramente escrito ou expresso, mas pode ser entendido num determinado discurso ou escrita.

## ABSTRACT

This study develops about a history seen from the bottom, the history of women who lived in the context of the War of Cabanos, and who participated in it. In the field of regional and national historiography, the War of Cabanos, or Cabanada, has been studied as an uprising that took place during the 19th century, between the years of 1832 and 1850, in the Provinces of Alagoas and Pernambuco. Although documentary sources that show traces of the presence of women in this armed conflict have already been visited by the historians who have written about this war, no record of historical research dealing specifically with the issue has been found, in both areas of national and regional history, and particularly in Alagoas. This investigation has based on handwritten sources and publications in 19th-century journals, searching and examining the explicit and implicit forms of women representations in that historical universe of the War of Cabanos (1834-1850). The narratives about these women are lacunar and residual, which led me to use the method of content analysis proposed by Laurence Bardin (2011) and the approach of microanalytical research by Carlo Ginzburg (2017). It was necessary to find affinities in both techniques to uncover the clues, the Freudian slips, what it's conveyed between lines, the silences, the contradictions in such documents. Based on the cultural-historical theory, I demonstrate how these women who lived deep in the woods, suffering the reprisals of the military incursions in those times of war, are protagonists in the battle.

**Palavras-chave:** Women; Practices; Strategies; War of Cabanos

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

APA	Arquivo Público de Alagoas
IGHAL	Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas
APEJE	Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano de Pernambuco (hemeroteca)
APEJE	Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano de Pernambuco(fontes manuscritas)

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Mapa do cenário da Guerra dos Cabanos.....	65
---	----

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2 MULHERES AUSENTES NAS ESCRITAS.....</b>	<b>22</b>
2.1 O Encobrimento da Presença feminina na escrita documental estamental.....	22
2.2 O esquecimento historiográfico ou mulheres figurantes.....	56
<b>3 IMAGENS DO PROTAGONISMO HISTÓRICO FEMININO NAS MATAS DO TOMBO REAL (1832-1850) .....</b>	<b>63</b>
3.1 O Cenário.....	65
3.2 Mulheres no campo de batalha: Práticas culturais de sobrevivência e resistência.....	68
3.3 Ana Preta e os escravizados fugidos para as Matas do Tombo Real.....	86
3.4 Lauriana Maria: guerreira e combatente nas Matas Tombo Real.....	87
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>95</b>
4.1 Sobre movimentos e memórias da História.....	101
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>105</b>

## INTRODUÇÃO

A mulher morena galopa os campos verdes, o sonho cabano na garupa. Lauriana Maria - a Lula - em seu cavalo crinalvo, a poeira da fadiga no chão, guerreira dos bandos cabanos.

*Póvoa Mundo*, 1981, de Dirceu Lindoso.

Este estudo discorre sobre a história vista de baixo<sup>2</sup>, ou seja, a história das mulheres cabanas que viveram no contexto da Guerra dos Cabanos e que dela participaram. No âmbito da historiografia regional e nacional a Guerra dos Cabanos é estudada como uma insurreição que aconteceu durante o século XIX, entre os anos de 1832 a 1850, nas províncias de Alagoas e Pernambuco. Consistiu num grande conflito armado liderado em seus primeiros meses, por senhores de engenho absolutistas, com participação de colonos pobres, escravizados fugidos, e índios aldeados, que a princípio queriam a restauração com o regresso do Imperador Pedro I que havia abdicado ao trono em meio a conflitos políticos e retornado para Portugal.

A Guerra dos Cabanos se desenvolveu num momento de muita turbulência em que a unidade do país estava ameaçada entre os anos de 1831 a 1850 (CARVALHO, 2012). Segundo o historiador José Murilo de Carvalho (2012), os partidos liberais moderados, restauradores e absolutistas disputavam poder dentro de um cenário de revoltas populares que se desenvolviam por todo país. A descentralização de 1834, com a reforma na Constituição ampliando os poderes dos presidentes das províncias concedendo a esses políticos a liberdade de nomeação e transferência de funcionários públicos, fez emergir um novo tipo de revolta.

O aumento da violência contra os cabanos ocorre a partir dessa emenda na Constituição feita durante o Império. Foi quando os presidentes das províncias de Alagoas e Pernambuco se utilizaram da lei que lhes estendia o direito de nomear sem a participação do governo central. Desse modo se uniram nomeando por conta própria os comandantes para atuarem com extrema violência a caça aos cabanos, seus roçados, seus arraiais e as mulheres na guerra. Então, a palavra extermínio começa a aparecer com frequência nos relatórios. O trecho abaixo citado faz parte de uma proclamação escrita pelo Vice-Presidente da Província de Pernambuco, Manoel de Carvalho Paes de Andrade – publicada no *Diário de Pernambuco*, em 18 de março de 1834 –

---

<sup>2</sup> História vista de baixo ou história popular é uma corrente historiográfica oriunda da Inglaterra, tendo como expoentes historiadores como E. P. Thompson, Christopher Hill, Natalie Zemon Davis. A proposta da história vista de baixo é produzir um estudo em que os processos históricos tenham foco nos grupos sociais esquecidos.

revela o desprezo pelos cabanos, um contingente populacional constituído por agricultores pobres, negros, índios aldeados e pequenos proprietários de terra:

Guardas Nacionais do Una e Sirinhaém, ouvi a voz de vossos verdadeiros interesses, cerrai os ouvidos as sugestões atrabiliárias de encobertos inimigos, e desprezíveis, e detestáveis egoístas. Correi ao lado de vossos irmãos: vinde partilhar conosco a glória do extermínio dos Cabanos: recordai a Guerra dos Palmares, em que a criminoso indiferença de homens livres deu anos de existência a insubordinação de escravos. O mundo inteiro já cansa de mirar-nos, e começa a desprezar-nos a vista de um punhado de salteadores. Salvai o vosso nome, e lavai a Pernambuco da mancha que começa a desfia-lo. Eis: marchai conosco, aniquilemos os Cabanos e griteemos triunfantes (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 18 de março de 1834).

No final de 1832, a guerra muda seu curso e se transforma numa revolução social, sob a liderança de Vicente Ferreira de Paula, representante do povo cabano. As notícias das constantes fugas de um contingente expressivo de mulheres e homens negros para se juntarem aos cabanos se espalhou pelas províncias causando medo a elite local que detinham o poder e os privilégios. Desesperados por estarem perdendo a mão de obra escrava e medo da memória palmarina que os assombravam, os representantes dessa elite começaram a publicar proclamações no sentido de recrutar as pessoas ligadas aos proprietários de terra, para se empenharem na extinção dos revoltosos. Nas publicações dos periódicos da época é possível encontrar a troca de favores, onde homens de poder político e econômico doavam quantidades enormes de pólvora e “cartuchames”<sup>3</sup> para as províncias, em apoio ao poder legalista com o objetivo de aniquilar a revolta cabana.

Embora fontes documentais que apresentam vestígios da presença das mulheres nesse conflito armado já tenham sido visitadas por historiadores que escreveram sobre a guerra, não foi encontrado registro de pesquisas históricas que tratem, especificadamente da questão, tanto no âmbito da história nacional, como regional e, particularmente na historiografia alagoana. Esta investigação parte do levantamento de fontes manuscritas e publicações em periódicos do século XIX, interpelando-as sobre quais as formas explícitas e implícitas de representações das mulheres naquele universo histórico da Guerra dos Cabanos (1832-1850).

Na historiografia que versa sobre a guerra, observa-se o uso frequente do *Diário de Pernambuco*, do período entre 1834 a 1836, como também o *Diário da Administração Pública de Pernambuco*, do período entre 1834 a 1836, como fontes de pesquisa. Após o reconhecimento da pertinência das referidas fontes para a presente pesquisa, demarquei-as

---

<sup>3</sup> Invólucro de pólvora ou de cartuchos para arma de fogo particularmente para fuzil automático.

como um importante *corpus* documental e sigo na seleção de documentos suscetíveis de fornecer informações significativas. Estas fontes históricas consistem em textos tirados dos relatórios militares, escritos normalmente pelos comandantes das partidas exploradoras nas matas cabanas durante a guerra, onde relataram de forma descritiva e detalhada os acontecimentos ocorridos no dia.

O *Diário de Pernambuco* era um órgão de representação das classes dominantes naquele período, portanto, sua escrita era portadora de uma ideologia<sup>4</sup> de oposição aos cabanos que publicava frequentemente artigos, cartas e relatórios desclassificando os cabanos, particularmente as mulheres. Acrescenta-se também como fonte impressa importante desta pesquisa, o *Diário da Administração Pública de Pernambuco*, pois, muitos dos seus exemplares registram vestígios da presença feminina na guerra, bem como as práticas cotidianas dessas mulheres no conflito cabano. Destaco ainda, o uso de manuscritos, ofícios, correspondências, relatórios e termos de fiança do século XIX encontrados no Arquivo Público de Pernambuco, no Arquivo Público de Alagoas e no Cartório do município de Porto Calvo como fontes de informação histórica para a pesquisa.

As representações sobre as mulheres cabanas e suas participações no conflito construídas pelos representantes da “ordem social” no período imperial exige uma difícil operação historiográfica, pois, além de escassas<sup>5</sup>, são densamente pejorativas e desqualificadoras. Nos relatórios que constam interrogatórios feitos àquelas mulheres, observo que a fala predominante é a de quem interroga, deixando silenciada a voz que poderia revelar informações mais significativas na escrita. Segundo Dirceu Lindoso (2005, p. 32), a percepção de uma cultura a partir da estrutura de seus elementos de *representação*, apresenta dificuldades de ordem metodológica e teórica. Segundo o citado historiador, a escrita é a superfície nas sociedades de linguagem gráfica – na qual a representação dos fatos culturais é codificada. Esta codificação inclui um mascaramento na passagem dos produtos sociais para a condição de produtos simbólicos e/ou valores de cultura.

Portanto, interpretá-las exige a aplicação de procedimentos metodológicos pertinente à operação historiográfica. Para Marc Bloch (2002), o primeiro procedimento que deve ser adotado é o da observação:

---

<sup>4</sup>Ha vários significados para o termo. Um dos mais abrangentes apresenta a ideologia como um sistema de “ideias”, ou, mais exatamente, de crenças mais ou menos coerente. Considera ainda que as ideologias são formas de se entender o mundo e de se posicionar nele. Ver: **(Dicionário de Conceitos Históricos, 2020)**.

<sup>5</sup>Por realizavam trabalhos informais sem direitos atribuídos, ficaram quase sem registros.

O historiador, não consegue, ou não é possível remontar os fatos tal qual aconteceram, mas o historiador pode trazer à tona a luz, interpretações possíveis transformando os fenômenos continuamente. A observação histórica consiste em fazer com que, diante dos vestígios, os estudiosos saibam retirar as informações necessárias para remontar os fenômenos históricos. (BLOCH, 2002, p. 56).

Como dito anteriormente, as informações acerca das mulheres que pertenceram ou pertencem ao mundo cabano, estão cheias de lacunas e são residuais, o que me levou a adotar o método da análise de conteúdos de Laurence Bardin (2011), visto que nos fornece técnicas de análise das escritas (descrição do conteúdo das mensagens, indicadores – qualitativos que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção das mensagens contidas nos referidos documentos. (BARDIN, 2011, p. 42). O método de análise de conteúdos permitiu o desvelamento das pistas, dos vestígios quase imperceptíveis da participação da mulher, espacialidade e temporalidade cabana.

No decorrer deste estudo se notará as associações da análise de conteúdos com o método microanalítico de Carlo Ginzburg (1989b), pois há afinidades nas técnicas da procura por pistas, atos falhos, os ditos das entrelinhas, os silêncios, as contradições que os documentos contêm. Este percurso define-se pela procura de significados que homens e mulheres de outros tempos deram às suas existenciais históricas, portanto, solicita do historiador tanto o rigor metodológico quanto a intuição. Giovanni Levi coloca que a micro-história possibilita a “[...] reconstituição do vivido” e por outro lado, propõe-se “[...] a identificar as estruturas invisíveis segundo as quais esse vivido se articula. (LEVI, 2000, p. 17).

Foi dessa maneira que me confrontei com os pressupostos teóricos deste estudo, delimitados no campo da História Cultural. A Guerra dos Cabanos apresenta fatos culturais referentes às mulheres – hábitos, costumes, táticas, estratégias e ações – que indicam uma efetiva participação histórica das mulheres cabanas naquele movimento social. Com o objetivo de demonstrar o protagonismo que mulheres como Lauriana Maria, Ana Preta, Maria Luiza tiveram na história, sobreponho-me à hegemônica representação como figurante que lhes foi destinado na historiografia brasileira e na historiografia alagoana. Assim ressignifico essas representações no sentido de lhes atribuir outras significações, ou seja, as de protagonistas. Para tornar visíveis as mulheres nas publicações dos periódicos e manuscritos da época, precisei observar as entrelinhas e por onde essa notícia se expressa, quem as produziu, quais os interesses, em que circunstâncias e quem são os seus interlocutores.

Este gesto interpretativo e crítico requer a construção de uma narrativa que destaque a participação dessas mulheres na Guerra dos Cabanos e revele o que ficou oculto, em silêncio, sobretudo, que revele as violações de seus direitos, as diversas formas de opressões e de

violência, seja ela de ordem física, moral ou psicológica. Assim apoio-me na perspectiva do historiador da cultura Roger Chartier (1990), quando defende o conceito de representações e a sua funcionalidade para visualizarmos o campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação e de como essas lutas geram inúmeras apropriações possíveis de acordo com os interesses sociais. Se como diz Roger Chartier, as apropriações geram práticas sociais, a historiografia pode fazê-lo. Então, elaboramos uma revisão historiográfica referente ao tema da Guerra dos Cabanos e da história das mulheres procurando inventariar as apropriações realizadas pelo(a)s historiadore(a)s.

Inicialmente, trazemos à tona a escrita estamental – o discurso das classes dominantes legitimando suas visões do mundo social – cuja intencionalidade é moldar a narrativa das factuais às regras do seu pensamento (LINDOSO, 2005).

Em contrapartida, há uma produção historiográfica sobre a Guerra dos Cabanos que a considera um evento de grande importância histórica. O primeiro historiador/geógrafo que discorre sobre ela, diríamos que numa perspectiva tradicional, mas não incriminatória é Manoel Correa de Andrade em *A Guerra dos Cabanos* (1965), livro considerado o desbravador do tema por apresentar um minucioso estudo da documentação com datações e descrição dos fatos. Segundo Dirceu Lindoso (2005), a riqueza documental na escrita de Manoel Correia de Andrade, dissipou, de maneira definitiva, a opacidade da escrita historiográfica estamental. Quanto à participação das mulheres na obra do autor: “[..] estes cabanos, huma multidão de mulheres e crianças miseráveis que os acompanhão são consumidores de carne e farinha, que da capital é mandada para a sustentação das tropas”, é residual. (Ofício do Governo apud ANDRADE, 1965, p. 174).

Décio Freitas (1978), analisa as condições de rebaixamento que levaram o povo cabano a lutar pela liberdade e sobrevivência diante das mudanças provocadas pelas questões sociais, econômicas, alguns elementos culturais e indícios da participação da mulher na guerra cabana. Já o historiador Luís Sávio de Almeida (2008), traça o caminho do grande líder cabano Vicente Ferreira de Paula com uma narrativa historiográfica pelo viés da história política e o conceito de elite durante o período da guerra, destacando os grandes tomadores de decisões que influenciaram o poder, a exemplo de partidos e organizações políticas (2008). São poucas as informações com relação a mulher na narrativa do historiador. Luís Sávio de Almeida Sávio por ser o mais recente a escrever um livro sobre a guerra, especialmente sobre o líder cabano Vicente Ferreira de Paula, não evidenciou a participação da mulher neste conflito, deixando uma grande lacuna e, portanto, silenciando inclusive a participação de Lauriana Maria,

companheira de luta do próprio líder, enfatizando a hegemonia branca senhorial bem como suas relações de poder.

Dirceu Lindoso (2005) narra a Guerra dos Cabanos descrevendo os documentos e fatos da cabanada por meio de uma metodologia histórico-cultural, utilizando uma abordagem etno-histórica. Índícios documentais na historiografia de Lindoso nos permitem entender que as mulheres cabanas participavam de forma mais ativa na guerra, atuando como companheiras e combatentes dentro da espacialidade cabana. Dessa forma o historiador lança uma perspectiva para novas indagações. Para o autor, a violência contra as mulheres nesse conflito não resultou em notícias expressivas, elas estão esquecidas, adormecidas nas frestas documentais. Dirceu Lindoso no livro *A Razão Quilombola*, 2013, discorre sobre um episódio marcante que nos fornece evidências da presença das mulheres num dos momentos finais da guerra: “[...] a prisão das mulheres cabanas que lutavam na guerra como guerrilheiras e como vivandeiras, na prisão do forte militar de Tamandaré, onde algumas foram assassinadas a golpes de cacete pelos soldados repressores.” (LINDOSO, 2013, p. 131).

Essa pesquisa entende que essa historiografia deve ser revisitada trazendo uma nova discussão quanto a participação das mulheres, refletir sobre sua efetiva participação, como se deu e de que forma elas estiveram inseridas no contexto histórico. As mulheres aparecem ao longo da narrativa do historiador sinalizando de forma pontual sua presença, embora ainda sem refletir sobre as formas de participação. “Muitas foram as mulheres aprisionadas nesse ataque de 21 de julho de 1834” (LINDOSO, 2005, p. 360).

A historiadora Janaína Mello em seu estudo sobre a Guerra Cabana descreve que a revolta cabana envolveu múltiplas categorias sociais e étnicas onde o espaço geográfico da Guerra tornou-se uma verdadeira arena, onde homens e mulheres combateram uma dominação econômica e política sistêmica (MELLO, 2005). Nessa afirmativa da historiadora, fica evidente a resistência das mulheres junto com seus pares.

Segundo a historiadora Maria Luiza Ferreira de Oliveira (2015) em seus estudos sobre as guerras no período cabano, sinaliza que algumas mulheres conseguiram ter sua atuação registrada nos papéis de tantos homens. Não obtiveram destaques, mais a simples menção em uma, duas cartas, indica-nos que circularam naquela guerra (OLIVEIRA, 2015).

Eliana Ramos Ferreira (2003), historiadora paraense, ao pesquisar o tema sobre as mulheres na Cabanagem do Pará, relata que desvendou uma vasta documentação sobre como se deu a participação das mulheres na guerra. “Apesar de silenciadas pela história e historiografia, elas representavam um segmento relevante no desenrolar dos acontecimentos na Cabanagem, inclusive, na reorganização da sociedade paraense” (FERREIRA, 2003, p. 8).

Para refletir sobre as formas de participação das mulheres no conflito cabano, além de dialogar com as fontes de arquivo e com a historiografia sobre a Guerra dos Cabanos, elaborei uma revisão de estudos historiográficos que mostram as mulheres como protagonistas da história, ocupando os espaços da produção historiográfica internacional, nacional e regional. No âmbito da produção historiográfica internacional, destaco dois nomes que desenvolveram importantes estudos sobre a história das mulheres: a historiadora norte-americana Natalie Zenon Davis e a historiadora francesa Michelle Perrot.

No livro *Nas Margens: três mulheres do século XVII* (1997), Davis reconstituiu a vida de três mulheres do século XVII, de religiões e vidas distintas de diferentes espacialidades, revelando como essas três mulheres teceram cada uma ao seu tempo, a partir de suas vivências sociais, culturais e religiosas um caminho de êxito numa sociedade onde foram educadas para serem esposas e mães, sem acesso a formações acadêmicas. Por intermédio da corrente historiográfica micro-história, a historiadora elucida o papel social de três mulheres anônimas que viveram em situação periférica dos centros políticos europeus e revela a condição das mulheres no início do mundo moderno. Em entrevista a Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke (2000), Davis diz que escrever sobre mulheres pode ser encarado como uma missão de salvamento e reafirma que na historiografia tradicional, as mulheres sempre ocuparam um lugar periférico e estiveram num campo de estudo pouco explorado (PALLARES-BURKE, 2000).

Michelle Perrot faz emergir na escrita de *Os Excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros* (2018), uma história das mulheres com destaque em suas atuações de protagonismo atuando como agentes sociais de sua própria história. Para a historiadora, os interesses que a move nessa empreitada é o desejo de compreender, trazer à luz o que ficou na invisibilidade e não o de reparar as brechas deixadas pela violência, pela dominação (PERROT, 2018). Nas reflexões da autora ela salienta que através do tempo o silêncio da história da mulher não foi apenas no relato, foi ditado também pelas religiões, pelo sistema político e pelos manuais de comportamento que ditavam as regras sociais que cabiam a elas (PERROT, 2018). Porém, escrever uma história das mulheres, diz a autora, possui enormes dificuldades, sobretudo, devido ao apagamento de seus rastros público e privado (PERROT, 2018).

No âmbito da historiografia nacional, Margareth Rago figura como uma das mais expressivas referências. No artigo “As mulheres na Historiografia Brasileira – História Cultural”, a autora realiza um levantamento da produção acadêmica, onde a centralidade temática é a participação das mulheres nos acontecimentos históricos (RAGO, 1995). A autora enfatiza que as imagens predominantes de todo discurso sobre levantes, guerras, conflitos, motins, abolição da escravatura, tiveram como protagonistas homens, em detrimento das

mulheres que sempre transitaram em silêncio nas narrativas historiográficas, entretanto, sinaliza a tendência na historiografia recente da presença feminina que vem, gradativamente, firmando presença nos acontecimentos históricos e na construção social (RAGO, 1995).

Destaco ainda, na historiografia nacional, a contribuição de Maria Odila Dias sobre as mulheres. A historiadora no livro *Quotidiano e Poder* (1984), reflete sobre as experiências das mulheres pobres, negras, livres, escravizadas e forras, que de forma criativa e resistente descobriram formas de sobrevivência na incipiente urbanização da cidade de São Paulo do século XIX. Demonstra que apesar da exclusão das mulheres nos diversos meios de trabalho assalariado, elas construíram na prática, conscientes ou não, seu meio de vida. Segundo Maria Odila Dias, foi vendendo ervas, verduras, artesanatos que se firmaram na sociedade como agentes de transformação.

Nos recenseamentos analisados pela historiadora, consta que 35% a 45% das mulheres declaravam viver do seu próprio trabalho, assumindo o sustento de suas famílias, desmistificando a tendência em estabelecer a divisão de trabalho entre sexos, difundido no patriarcalismo no Brasil do século XIX. A historiadora conta que as fontes escritas são muito reticentes com relação a mulher e seu cotidiano, principalmente mulheres pobres e analfabetas; as fontes estão sempre comprometidas com os valores da dominação e poder (DIAS, 1984).

Embora existam estudos historiográficos que apontem a presença das mulheres na Guerra dos Cabanos, faltam estudos que aprofundem a efetiva participação das mulheres neste conflito. Mary Del Priore (2013) observa que:

Ainda faltam mais historiadores, homens e mulheres, que interpretem com maior frequência o estabelecimento, a gênese e a importância dos fatos históricos que envolvem as mulheres; faltam mais pesquisas regionais ou sínteses que nos permitam resgatá-los de regiões do país onde o tema ainda não despertou vocações (DEL PRIORE, 2013, p. 09).

A ausência de uma reflexão sobre a participação das mulheres na escrita da história de Alagoas, especialmente na Guerra dos Cabanos, foi a motivação para enveredar pelos arquivos, superar as fronteiras que nos impõe os documentos, determo-nos na historiografia da guerra, para enfim fazê-las presentes como protagonistas da história. Por que não acreditar que não exista margem na escrita sobre as mulheres? Acredito que para mudar essa condição da mulher e dirimir esse processo de silenciamento é preciso contar seus feitos, seus modos de participação na sociedade. Entender que os procedimentos da escrita historiográfica podem reverter uma situação de margem, até mesmo desenterrando os mortos como fazem os

historiadores. Parafraseando Davis (1997) escrever sobre a mulher é quase um trabalho de salvamento.

Para isto se faz necessário ir além do silêncio da historiografia estamental, da vitimização dos relatos que as mostram como prisioneiras de guerra; não é o suficiente dizer que elas foram violentadas pelos soldados opressores, nem que a companheira do líder cabano Vicente de Paula era “morena e bonita”. Ao estabelecer um diálogo entre a historiografia, as fontes documentais bem como a pesquisa oral sobre esse conflito, possa emergir novas explicações sobre a sociedade alagoana.

Acredito ser possível reconstruir, pela via da linguagem e da memória acontecimentos e ocorrências que incidem na participação das mulheres no cenário da guerra, que de certa maneira, venha caracterizar não só uma das facetas do Brasil Império, mas ainda, lançar uma luz sobre questões mais amplas da formação histórica de Alagoas. Para Ecléa Bosi (2009), a memória é vista como substrato para a reconstrução histórica a partir de processos da rememoração de acontecimentos vividos, pessoas, personagens, lugares e costumes.

A memória constitui-se num recurso para tentar conhecer o passado. São os vestígios da memória e do esquecimento: sensações, percepções, sentimentos, traços psicológicos, imagens, experiências e linguagem que possibilitam conhecer o passado e problematizar a história através do desafio à história oficial. Muito embora as mulheres apareçam frequentemente nas fontes documentais sobre a guerra como passivas, não iremos nos cegar quanto à escrita oficial daquele momento e as lacunas deixadas pela mesma. Já foi colocado que os documentos analisados no decorrer desta pesquisa nos induzem a desconsiderar à importância das mulheres no conflito, todavia, o recurso da memória não dispensa os cuidados de verificação da consistência interna do depoimento, avaliar seus erros, omissões ou imprecisões. O confronto, a contextualização, análise do conteúdo e a crítica são indispensáveis para tornar confiável a utilidade da pesquisa. Portanto, fundamentada no estudo documental defendo o pressuposto de que as mulheres da guerra cabana constituíam um elo essencial da guerrilha, cuidando da manutenção dos roçados que garantiam a alimentação para sobrevivência e continuidade das ações, transitando nas matas como vetores de transmissão de informações, cuidando dos feridos e quando precisavam, seguiam para os campos de batalhas acompanhando seus pares, filhos e familiares.

No decorrer deste estudo demonstro como essas mulheres que estiveram embrenhadas nas matas, sofrendo as represálias das incursões militares naqueles tempos de guerra, não permaneceram passivas. A partir das evidências metodologicamente capturadas nas “margens” das fontes documentais foi possível provar, para além do *modus operandi* da violência contra a

mulher, que os administradores da ordem imperial, estava lidando com mulheres guerreiras pois, não se rendiam, não denunciavam, resistiam e combatiam com diversas e sutis táticas e estratégias de combate.

Com o intuito de expor o percurso de pesquisa que constitui o *corpus* da dissertação, socializando o conhecimento histórico dela resultante, exponho através da escrita de quatro capítulos. No interior de cada um deles, discuto às questões que lhes são pertinentes. No primeiro capítulo, denominado “Introdução” apresento, discuto e comento o percurso da investigação, desde a indicação das fontes; escolha do tema e indicação dos problemas; revisão historiográfica ou estado da questão; os procedimentos metodológicos com os quais serão abordadas; as especificidades teóricas; as motivações e/ou justificativa; os objetivos e por fim, a descrição sintética e expositiva do conteúdo geral da dissertação.

O segundo capítulo: “Mulheres ausentes das escritas” está subdividido em dois subcapítulos: 2.1 “O encobrimento da presença feminina na escrita documental estamental” – onde é inventariada a terminologia da escrita anticabana e as implicações ideológicas da desqualificação e criminalização relativa aos cabanos e o silenciamento da participação das mulheres no conflito. No 2.2 “O esquecimento historiográfico ou mulheres figurantes”, tem-se a revisão historiográfica das escritas que não abriram espaço para as mulheres cabanas.

O terceiro capítulo intitulado “Imagens do protagonismo histórico feminino nas Matas do Tombo Real (1832-1850)” – são apresentados os primeiros registros historiográficos nos quais as mulheres emergem nas narrativas ainda de forma embrionária e, gradativamente, vão assumindo o protagonismo. Este capítulo se subdivide em quatro momentos narrativos: 3.1 O Cenário, constitui-se em imagens dialéticas<sup>6</sup> do espaço território do campo de batalha, por onde tantas mulheres transitaram com suas práticas e estratégias, resistindo a violência e o medo. Um espaço de morada, de trabalho, onde uma comunidade étnica cultural e plural sonhou viver uma sociedade que julgavam possível ou mais justa. 3.2 Mulheres no campo de batalha: práticas culturais de sobrevivência e resistência, trata-se do relato sobre as mulheres na luta por sobrevivência, bem como suas experiências de vida, de trabalho, atuando, questionando, construindo laços culturais e sociais, interagindo cada uma a seu modo, no centro de uma conjuntura de extrema violência e de medo. Os itens seguintes deste capítulo inspiram-se na indicação de Jacques Rancière: “o tempo da história não é apenas o dos grandes destinos coletivos. É aquele em que qualquer um e qualquer coisa fazem história e são testemunho da história” (2018, p. 60).

---

<sup>6</sup>Imagens dialéticas – “São representações concretas de infinitos fenômenos abstratos, plenos de historicidade.” Ver: COSTA, 2014, p. 30.

Então, os subcapítulos que seguem são o 3.3 Ana Preta e os escravizados fugidos para as matas do Tombo Real, e o subcapítulo” 3.4 Lauriana Maria: guerreira e combatente nas Matas Tombo Real. Estes intencionam restituir os nomes de Anna Preta e Lauriana Maria e os lugares de protagonistas na história dos cabanos.

O ponto de chegada ou o quarto capítulo é intitulado “Considerações finais: Nele, avalio os pressupostos e os resultados da presente pesquisa, dialogando com as fontes históricas e informações historiográficas, assim como com as testemunhas e a memória coletiva dos cabanos do século XX – descendentes dos cabanos do século XIX – não apenas a partir do que divergem em suas posições, mas também do que as unifica. Não somente para dar visibilidade às representações do protagonismo histórico e político das mulheres cabanas no contexto de formação da nacionalidade brasileira, mas também para inseri-las na historiografia brasileira.

## 2 MULHERES AUSENTES NAS ESCRITAS

O invisível que é, simplesmente,  
o que faz com que o visível exista  
Jacques Rancière

### 2.1 O Encobrimento da Presença feminina na escrita documental estamental

É na escrita documental onde foi inventariada a terminologia da escrita anticabana e as explicações ideológicas da desqualificação e criminalização relativas ao povo cabano e o silenciamento da participação da mulher no conflito. Estamos diante de fontes escritas que nos permitem observar em suas entrelinhas o processo de desqualificação e ocultação da participação efetiva das mulheres na Guerra dos Cabanos. Silenciadas pelo discurso da escrita documental, porém, não se pode negar sua atuante presença. No entanto, pistas se apresentam nas entrelinhas de forma codificada e mesmo que preconceituosas nos permitem, a partir de operações historiográficas bem como nos procedimentos metodológicos, desvelar os diferentes modos de participação do seguimento feminino, atribuindo a elas um protagonismo na história.

As guerras e revoltas causam grandes rupturas na ordem social, cultural, política de uma dada sociedade, é quando uma multiplicidade de fatos se ocultam enquanto outros vem à tona e se apresentam de diferentes maneiras alterando o modo de viver dessa sociedade. Dessa forma, para analisar a participação da mulher na Guerra Cabana foi preciso recolher os cacos espalhados nos documentos, para observar o que não ficou evidente, e que permaneceu oculto, silenciado na escrita estamental.

A presente pesquisa revela nos documentos analisados a forma incriminatória criada dentro de uma ideologia do poder político do século XIX, naquele momento da guerra, que intencionou esconder a participação da mulher naquele contexto. Nos resultados das análises documentais, expondo a terminologia anticabana, bem como as implicações ideológicas de desqualificação da mulher, encobrendo sua força de participação no cotidiano desse conflito armado. Particularizo o segmento feminino no processo incriminatório pela quantidade de fatos que ficaram ocultos desde a violação de seus direitos, incluindo a negação de sua participação, bem como a perda sobre seus próprios destinos naquele momento da guerra. Encaminho esta pesquisa, tecendo os fios ou juntando os pedaços, os cacos, para fazer emergir essa teia social e cultural onde as mulheres construíram nesse território de violência e medo, suas formas de resistência. Desse modo, a partir de procedimentos microanalíticos, comparo fontes documentais, analiso as entrelinhas, as frestas de luz que possam surgir, no sentido de refletir a

participação dessa mulher que esteve silenciada nos arquivos e na escrita documental estamental.

Entretanto, essa escrita documental estamental possui uma especificidade perversa de se revelar explícita na sustentação das ideologias do poder tão bem elaborada, que faz da verdade do outro, sua antítese ou insignificante. Mas o que nos é contraditório nessa representação feminina do discurso anticabano é, justamente, o que norteia as interpretações, pois, no entrelaçar das fontes para reconstrução ou revelação da história dessas mulheres, o que ficou oculto vai se desnudando. Dessa forma foi a partir do olhar crítico nas frestas e nas brechas documentais que busquei a participação da mulher nesse conflito armado entre as Províncias de Alagoas e de Pernambuco no século XIX.

As práticas cotidianas das mulheres cabanas, surgem de forma codificada na escrita documental estamental de maneira a não evidenciar o que poderia apresentar como potência do segmento feminino, nos modos culturais e sociais de sobrevivência no desenvolver da guerra. E essas práticas sociais de resistência da mulher naquele período, só se expressam a partir de um conjunto de procedimentos metodológicos que priorize os detalhes, as pequenas informações deixadas quase que inconscientemente por quem escreve os documentos. O segmento feminino tem seus próprios códigos que se apresentam nas práticas cotidianas, diluídas consciente ou inconscientemente no seu modo de sobrevivência.

Na análise documental podemos observar que as mulheres constituíam como prática de guerra alguns artifícios a exemplo de contar os fatos ao avesso, ou seja, mentir intencionalmente às autoridades para proteger o seu povo. Em um relatório datado de 1 de julho de 1834 assinado pelo Major Francisco Antônio Ignácio Pontes, célebre cabano, segundo a escrita, foi visto pedindo a uma mulher moradora numa vila para comprar “cartuchames” para a guerrilha cabana. Ela possivelmente o fez e deveria ser uma prática de colaboração com a causa. Entretanto, logo depois, ao se encontrar de frente com um comandante de guerra, a mulher diz que a ela foi pedido que comprasse a munição, mas declarou não ter intenção de fazê-lo, criando um enredo que fez sentido para as autoridades que, possivelmente, não percebiam a sutileza da inversão dessa atuação, forma de sobrevivência feminina. Essa mentira para salvar o outro se constitui como uma prática social de resistência da mulher cabana que se expressa de forma codificada na escrita. O motivo que me leva a pensar que se tratava de uma prática cabana está nas entrelinhas dos documentos analisados e em outras evidências encontradas, semelhantes a esta, em outros documentos transcritos para a presente pesquisa. Estas informações, mesmo que de forma fragmentadas estão nas escritas documentais.

As mulheres na escrita documental sempre figuram dentro de um conjunto complexo de informações históricas, porém, não menos importantes para a historiografia da guerra. Podemos observar nos documentos analisados para esta pesquisa, que as representações das mulheres não correspondem a mulheres ativas, figurando sempre no silenciamento, como vítimas de um sistema patriarcal o qual não atribuía a elas qualquer valor. Podemos observar que a retórica da dominação e a forma incriminatória contra os pequenos proprietários, os camponeses e o povo pobre das matas, a população negra, incluindo as mulheres, bem como os ataques constantes e simultâneos das tropas militares a essas comunidades se perpetuaram na escrita documental estamental como “naturais”.

Esta escrita menciona às mulheres apresentando-as sempre atrelada às crianças ou coisas, tal qual o cavalo, as granadeiras e os cartuxos, tratando-as como coisas. O que se pode perceber nos relatórios de guerra, ao longo das leituras e reflexões nos documentos é que a palavra cabano sempre se referia ao homem e nunca a mulher, portanto, observa-se a intencionalidade de lhes conferir passividade, inferioridade ou fazer referência aquele(a) que não se inclui dentro do contexto da guerra.

Os dez cabanos apresentados e as cinquenta e seis pessoas, entre mulheres e meninos, das quais já tem falecido algumas de pura miséria, deixei soltas, e em liberdade de procurarem sua vida, alistando a todas. (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 7 e maio de 1834).

Podemos conferir ainda, que nos Relatórios Militares da Guerra havia uma recusa intencional em apresentar as mulheres como força combatente ou de resistência, reforçando o estereótipo de fragilidade feminina como forma de negar sua força:

O Capitão Wanderley, disse-me que trouxe essas mulheres que se apresentaram, por que elas utilizavam aos Saltiadores: pois havendo quantidade extraordinária de mandioca no carão, ellas a arrancão, moem sobre pedras, expremem a massa em um pano, e depois deitando a em formas, ou vasilhas de barro sobre o fogo, e mexendo-a aprontam a farinha da qual remeto a Vossa Senhoria essa amostra, que o dito capitão presenciou fazer. Não tenho dado rações a essas desgraças a pesar de comover o seu estado; porque entendo ser mal entendida caridade consumir com inimigos os nossos gêneros. A negra preza, declara ser escrava de Francisco de Borja Buarque, morador em Pernambuco; servia a Vicente de Paula, o qual está agora em Poço-preto entre Baixa-seca, Duas bocas, e Pacas, ficando ali só com quatro homens de sua guarda: Vossa Senhoria pode tirar desta escrava esclarecimentos necessários, e por isso a remeto para interrogar: ella dirá como os inimigos passaria em Massiapinho ao pé de Baixa-seca, caminhando por dentro do riacho para não deixarem pegadas: dirá as munições que tem os inimigos, d'onde lhes vem gado e etc... (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 7 de maio de 1834).

Olhar as mulheres nesse conflito cabano apenas da forma pela qual elas foram representadas em documentos oficiais e na imprensa formal é esquecer que os discursos nunca são neutros ou isentos. Ao longo da presente pesquisa, pude perceber uma certa mudança na escrita estamental com relação ao segmento feminino conferindo-lhe um outro valor aos olhos do pesquisador. Foi quando se intensificou a guerra de guerrilhas nas matas cabanas com a presença sistemática e organizada das operações militares, apoiadas pelos presidentes das duas Províncias, para extermínio dos cabanos como ficou evidenciado no ofício enviado ao Comandante das Armas, José Joaquim Coelho, apresentado:

Conte com toda a minha cooperação, auxilio e força de autoridade, podendo Vossa Senhoria pela sua parte obrar livremente como obrava nos territórios de Pernambuco; os mesmos poderes que para acabar a guerra lhe conferiu o Excelentíssimo Sr. Manoel de Carvalho, eu lhe confio igualmente. Deus guarde a Vossa Senhoria Palácio do Governo das Alagoas em Porto de Pedras, 18 de julho de 1834. (Diário da Administração Pública de Pernambuco, 18 de junho, 1834).

Os comandantes das partidas exploradoras estavam livres para tomar decisões que suas escritas deixavam escapar algumas nuances nas lacunas documentais mediante suas vaidades ao prender cabanos e cabanas, destruir roçados, derrubar arraiais, cortar cabeça de célebres cabanos, prender ou matar mulheres cabanas ou torturar homem negro em público para fazê-lo entregar a localização dos guerrilheiros. Desse modo, passaram a revelar nas entrelinhas da escrita a força de luta cabana e as mulheres começaram a serem inventariadas de duas formas, alternando sua nomenclatura: as mulheres e as cabanas. Tanto que no mesmo relatório o comandante escreve que foram mortos um cabano e uma cabana, prendemos 15 cabanas, presos dois homens e duas mulheres. Os cabanos eram os homens combatentes, portanto o que podemos inferir é que as mulheres quando mencionadas cabanas, eram também combatentes junto com seus pares. Os roçados, na sua maioria, eram cuidados pelas mulheres e os ataques sistemáticos na destruição dos roçados, como se expressa nos relatórios, eram constantes e perversos, pois, os cabanos viviam praticamente da economia agrícola e que também era a base de sustento das famílias. É muito comum nos relatórios militares acontecer fogos nos roçados, lugar de onde sempre saíam soldados baleados. Essa escrita documental reafirma o que já foi dito na historiografia sobre a guerra, onde as mulheres cuidavam dos roçados sempre com uma arma ao alcance da mão para possíveis defesas em caso de ataques (FREITAS, 1978).

A seguir, apresento os passos analíticos da pesquisa sobre a escrita documental estamental, utilizando os procedimentos do método de análise de conteúdos de Laurence

Bardin (2011) que nos permitiu desvelar as pistas, os vestígios da participação da mulher no cotidiano da guerra. Utilizo também o método microanalítico de Carlos Ginzburg (1989b), pela associação que os dois métodos possuem afinados na busca das pistas, dos silêncios, dos vestígios e das contradições que os documentos apresentam. A seguir separamos os documentos que analisamos, fazendo uso do método da análise de conteúdo que consiste em quatro etapas: 1. Transcrição do documento, 2. Ficha de conteúdo, 3. Índices e indicadores analíticos, 4. Inferência que evidencia alguns princípios analíticos dos documentos selecionados.

**TRANSCRIÇÃO DOC. 1:** Cópia do relatório do Capitão Sebastião Lins Wanderley - Comandante das partidas exploradoras da Província de Pernambuco, publicada no *Diário de Pernambuco*, em 17 de maio de 1834.

Ilustríssimo Senhor – Com indizível prazer transmito a Vossa Senhoria a inclusa cópia da parte, que recebi do Capitão Sebastião Lins Wanderley, comandante das partidas exploradoras desta Província, que ontem se recolheram: e vendo que as Tropas do meu Commando vão rivalizando em patriotismo e coragem com os Bravos Pernambucanos, sobre maneira me lizongeo de estar a sua frente. Os dez cabanos apresentados e as cinquenta e seis pessoas, entre mulheres e meninos, das quais já tem falecido algumas de pura miséria, deixei soltas, e em liberdade de procurarem sua vida, alistando a todas, e obrigando os homens a apresentarem-se duas vezes por semana. Fui testemunho de hum quadro consternador: crianças a espirar de fome, mulheres reduzidas a esqueletos cobertas de trapos imundos, e em cujos semblantes appareição visivelmente os caracteres da fome, e da desgraça! Forão mortos quinze homens, e huma mulher, e presos cinco papa-méis, e uma negra. O Capitão Wanderley, disse-me que trouxe essas mulheres que se apresentaram, por que ellas utilizavam aos Saltiadores: pois havendo quantidade extraordinária de mandioca no carão, ellas a arrancão, moem sobre pedras, expremem a massa em um pano, e depois deitando a em formas, ou vasilhas de barro sobre o fogo, e mexendo-a aprontam a farinha da qual remeto a Vossa Senhoria essa amostra, que o dito capitão presenciou fazer. Não tenho dado rações a essas desgraças a pesar de comover o seu estado; porque entendo ser mal entendida caridade consumir com inimigos os nossos gêneros, cuja falta nos obriga muitas vezes a distribuir as nossas Tropas só meia ração com que apenas se sustentam; com tudo tenho mandado socorrer as crianças inocentes, e que estão quase a morte; as outras, que recorão a caridade dos fiéis, ou que se sustentem como fazião entre os Saltiadores. A negra preza, declara ser escrava de Francisco de Borja Buarque, morador em Pernambuco; servia a Vicente de Paula, o qual está agora em Poço-preto entre Baixa-seca, Duas bocas, e Pacas, ficando alí só com quatro homens de sua guarda: Vossa Senhoria pode tirar desta escrava esclarecimentos necessários, e por isso a remeto para interrogar: ella dirá como os inimigos passaria em Massiapinho ao pé de Baixa-seca, caminhando por dentro do riacho para não deixarem pegadas: dirá as munições que tem os inimigos, d'onde lhes vem gado e etc... No dia quatro do corrente apresentaram-se em Porto e Pedras, vindas do campo inimigo, seis mulheres, quatro meninos, huma preta velha e hum moleque, huma parda velha, outra de menor idade, dois escravos, e mais hum molato escravo de hum habitante de Porto de Pedras. Todos estes referem, que os Cabanos estão na última extremidade.

## FICHA DE CONTEÚDO DOC. 1:

Espécie Documental:	Relatório
Emissor:	Sebastião Luiz Wanderley Padrinho
Destinatário:	Thomás Henrique Comandante Geral
Data Tópica:	Porto Calvo
Data Cronológica:	7 de maio de 1834
Quantidade de páginas:	1 página simples
Assinatura:	Wanderley e Francisco

Assunto: Relatório ao Comandante Geral da Província sobre as partidas exploradoras nos campos para bater o inimigo, bem como suas localidades territoriais. Informa que no dia primeiro de maio bateram as regiões, Mangibura, Agua fria, Moura, Capiana, Genipapo, Samba, Lavagem, e Maruim. Relata ter encontrado ali, uma partida de salteadores, que assim que pressentiram a presença das tropas puseram-se em fuga. Informa que tomaram uma roda, mandiocas, massa na prensa, farinha no forno, e que tudo ali foi arrasado. Mas adiante ele diz que voltando ao Engenho Genipapo encontraram com eles “os Cabanos” no Sítio do oiteiro e os bateu. O capitão relata que morreram dois cabanos e uma mulher, saindo uma menina baleada e que tomaram suas competentes armas. Tomaram: seis granadeiras roladas, sete espingardas finas, duas pistolas, duas paineiras, seis facas, três baionetas e três fações.

## ÍNDICES E INDICADORES ANALÍTICOS DOC 1:

Neste primeiro Periódico identificamos um número considerável da palavra mulher e levantamos durante a transcrição, palavras e adjetivos atrelados a ela, em torno dos quais o discurso se organiza. Podemos observar uma seletividade no discurso com relação ao gênero feminino de forma a negar sua força de luta e de resistência.

Mulheres	E meninos
Mulheres	Cobertas de trapos imundos
Mulheres	Foram mortas
Mulher	Papa-mel
Mulheres	Utilizavam aos salteadores
Mulher	A negra preza servia a Vicente de Paula
Mulheres	Vinda do campo inimigo
Mulher	Preta velha

Mulher	Parda velha
Mulher	De menor idade
Mulher	Escrava

### **INFERÊNCIAS DOC 1:**

No discurso fica visível a associação de adjetivos ou palavras compostas ao gênero feminino de modo a persuadir o leitor a não observar o equívoco entre o que está explícito e o implícito. A frequência com que a palavra mulher aparece no relatório já denota sua importância no cotidiano e no universo da guerra. No primeiro parágrafo o comandante diz ter encontrado dez cabanos e 56 mulheres e meninos. Veja que no discurso existem os que são cabanos e o que são mulheres, denotando já uma separação entre força e fragilidade. Poderia ter incluído no discurso que encontrou 66 cabanos entre homens, meninos e mulheres. É uma forma de desassociar, criar uma fronteira entre a mulher e seu próprio mundo cabano, sem lhe atribuir a devida importância. Ele diz que apesar de consternado por encontrar mulheres doentes, reduzidas a esqueletos apresentando caracteres da fome e que algumas faleceram de pura miséria, o comandante afirma que alistou a todas e as deixou em liberdade para procurarem sua vida. O discurso está carregado de preconceitos onde essas mulheres são adjetivadas pelo comandante como desgraça. Morrem quinze homens e uma mulher, suponhamos que sejam do grupo armado, portando morreram em combate. O comandante prende cinco papas-més e uma mulher negra. Em toda historiografia sobre a Guerra dos Cabanos os negros papa-méis são apresentados como conhecedores de táticas de guerra e se constituíam guerrilheiros de grande resistência. Esta mulher negra, presa, é enviada ao comando geral para ser interrogada, porque segundo nos fala a escrita ela sabia demais, além de servir ao Vicente de Paula, o procurado líder popular da Guerra dos Cabanos. Ao dizer que essa mulher servia ao líder cabano, é como se ela fosse subserviente, submetida a ele. O que podemos inferir é que essa mulher era guerreira e possuía uma função, e prestava serviço a causa. Pressupomos que essa mulher não tenha dado as informações que lhes pedia, por fidelidade a causa cabana e por esse motivo foi levada a prisão para ser interrogada, portanto ela representava uma resistência feminina. Um terceiro ponto onde fica evidente que as mulheres possuíam um papel essencial na guerra, está na suposta organização social, onde algumas combatiam enquanto outras trabalhavam nos roçados e ainda, as que trabalhavam no fabrico da farinha. Muitas vezes, como mostra a escrita, utilizando-se de uma técnica artesanal,

um fazer cultural apreendido dos que as antecederam, já que as casas de farinha estavam sendo destruídas pelas tropas exploradoras.

O fato de considerar que no texto escrito pelo comandante da expedição exploradora, as mulheres são estigmatizadas como derrotadas ou inofensivas, está amplamente compensado pelo conjunto de informações deixadas pelo sujeito que escreve, porque tal discurso não impede uma interpretação que nos leva a participação efetiva das mulheres no cotidiano da Guerra, porque ele está cheio de brechas e de contradições. Ainda adiante o Comandante descreve que no dia quatro do corrente mês, seis mulheres, quatro meninos, uma preta velha, uma parda velha, outra de menor idade e um moleque se apresentaram em Porto de Pedras dizendo que os cabanos estavam na outra extremidade. Primeiramente é pertinente observar como essas mulheres são desclassificadas conforme a escrita: (seis mulheres, uma preta velha, uma parda velha, uma negra e uma de menor idade), evidenciando na escrita mais uma vez um estereótipo de fragilidade e desdém com que as mulheres eram tratadas, principalmente as mulheres negras e as mais velhas. No entanto, os oficiais pareciam não perceber a sagacidade dessas mulheres em produzir informações falsas para acobertar os cabanos.

**TRANSCRIÇÃO DOC. 2:** Relatório da operação das forças acampadas e das explorações nas matas feitas pelo Capitão José Alves, ofício assinado por Joaquim José Luiz de Souza, em 1 de julho de 1834.

Illm. e Exm. Sr. envio a vossa excelência a copia e peças officiais inclusas, que contem os resultados das explorações feitas pelo Capitão José Alves, e tentativa de Saltiadores no Engenho Camorim. V. Ex. Depois de as ler, levá-las ao conhecimento do Exm. senhor presidente, e publicá-la pela imprensa me fará o favor enviar os originais –Deos guarde a V. Ex –Quartel do Comando em chefe das Tropas de Operações em Cavaco, 1 de julho de 1834. Ilustríssimo e excelentíssimo senhor José Joaquim Coelho Comandante das Armas ---Joaquim José Luiz de Souza, Comandante em Chefe.

Ilustríssimo Sr. Com a cópia da parte inclusa, faço ver a V. Senhoria o resultado da exploração que acaba de fazer o Capitão José Alves nas Matas do Tapado, entregando-se does Cavallos para o serviço das bagagens e does bacamartes granadeiros.

Das relações igualmente inclusas, verá V. S. **os presos cabanos**, que me foram entregues pelo Tenente Coronel Carneiro, os que remeto para Tamandaré, **como tão bem mulheres**, meninos, escravos machos e fêmeas e moleques que remeto ao Juiz de paz do Una. Os nossos soldados, tanto de huma tanto de outra força tem adoecido muitos de maneira que obriga-me a reforçar a do Capitão José Alves, com mais trinta praças apesar de que este número não é metade dos que tem adoecido. Deos guarde a V. S. -Quartel do Comando das Forças do Centro em Água Preta 23 de junho de 1834 ---Ilustríssimo Sr. Joaquim José Luiz de Souza Coronel Commandante da Força do Centro.

N.B. Também remeto quatro cartuxos de pólvora emballadas, que foram apanhadas dos Saltiadores.

Cópia – Illm. Sr. No dia 17 do corrente a uma hora da tarde sahi do Ponto do Verde, para o Tapado, onde cheguei as dez horas da noite, e dahi dirigi-me aos ranxos do Commandante Melinho, devidamente ao chegar destes ranxos, a força em três divisões. Huma para casa de farinha, outro para o ranxo do Felipe Alves, e outra para os ranxos do dito cammandante Melinho, com ordem de nenhum deles fazerem fogo, a fin de se prenderem todos os Saltiadores, que alí se achavão, porém não se pode por em prática o meu plano, em razão de sermos sentidos por um cão. Logo no primeiro ranxo, e com esse sinal os saltiadores que alí estavam, hum deles deu um grito de espanto e deitaram a correr que foi preciso os soldados fazerem alguns tiros do que resultou morrerem hum português, hum preto escravo e sahiu um bastante ferido, que até a camisa hia pegando fogo, o qual se diz ser o Alfres Miguel Ribeiro, e na manhã seguinte achou-se bastante sangue por uma vereda que elle tinha corrido, e os does outros ranxos tiveram tempo de se porem em fuga, sahindo huma mulher ferida tomando-se does bacamartes de garnadeiras, duas pistolas, quatro armas finas e prendeu-se uma menina, a qual conta que o Paulo Joaquim dos Santos morador desse acampamento mandara huma carta a Felipe Alves de quem é genro, e outra ao commandnte Melinho, seu cunhado; dizendo que a nossa tropa tava levando o seu escravo João por guia e que saisses de lá, e que hiam aquartelarem-se no Tapado para arrancarem as lavouras o que motivou, o dito Commandante melinho, quebrar todas as casas do Tapado; Acharam-se alguns cartuxos dos nossos, e huma porção de sal, e perguntando-se a dita menina quem mandava cartuxames e sal, respondeu que eram os negros do padre Bento que trabalham no sítio Cangalhos, e que vão ao acampamento de Alagoas dos Gatos comprar cartuxos, as e fazendas, e remetem para elles. Na manhã seguinte arrancaram-se todas as lavouras que por alí havião, tendo em hum dos roçados algum fogos do que resultou ser estrepado levemente um soldado nosso, na mesma ocasião mandei huma partida ve se descobria algum roçado, encontraram hum cabano, e que vendo hum soldado atirar-lhe ele gritou não me atire que sou camarada, e tirando o soldado a arma do rosto ele deitou a correr, e gritou corram, o que se supõe serem dados esses gritos com alguns camaradas, que por ali andavão e pegaram-se cinco cavallos. No mesmo dia 18 as cinco horas da tarde cheguei a Catende, alí pernoitei, e no dia 19 entrei para o sítio de Dna Francisca em Riachão onde cheguei as 11 horas e meia da manhã e alí esperava encontrar com o Tenente Coronel Carneiro , o que não aconteceu, neste lugar encontrei hum cabano, com huma menina, e fazendo-lhes alguns tiros, elle deitou a correr deixando a menina, a qual diz que os saltiadores se estão reunidos em Batateira cujo sítio ignoro, porém suponho ser anexo ao Riachão. Na sahída do sitio de Dna Francisca para Riachão, os saltiadores fizeram alguns tiros os quais não produziram efeitos. Requisito a V. S. algumas alparcatas de solla cortiça para calçar os praças que marcham na frente, a fim de evitar as estrepadas aos fogos dos saltiadores, o que a cada paços estamos encontrando. Deos guarde a V. S. ---Quartel em Japaranduba 20 de junho de 1834 –Ilustrissimo Sr. Pedro Antonio Velozo da Silveira, Major Commandante da força do Centro –José Alves de Moraes e Mello, Capitão Commandante da Força exploradora do Centro –está conforme, Pedro Antônio Velozo da Silveira, commandante da Força do Centro (DIÁRIO DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA DE PERNAMBUCO EM 1 DE JULHO DE 1834).

## FICHA DE CONTEÚDO DOC. 2:

Espécie documental: Relatório/ fl.601/602  
Emissor: José Alves de Moraes e Mello  
Destinatário: Pedro Antônio Velozo da Silveira  
Data tópica: Japaranduba  
Data cronológica: 1 de junho de 1834  
Quantidade de páginas: 1 e 1/2  
Assinatura: José Alves de Moraes e Mello

Assunto: Cópia do Relatório do Comandante das Forças exploradoras do Centro, Capitão José Alves de Moraes e Mello. Ele relata ter saído no dia 17 a uma hora da tarde do Ponto do Verde para a região do Tapado, chegando lá as 10 horas da noite. Chegando aos ranchos do Comandante Melinho, dividiu as forças em 3 divisões: explica que uma foi para casa de farinha, outra para o rancho do Felipe Alves, outra para os ranchos do dito Melinho. Diz que as ordens eram para os soldados não fazerem fogo a fim de prender os Salteadores que ali estavam. O capitão relata que não foi possível colocar em prática esse plano porque foram sentidos por um cão, logo no primeiro rancho os Salteadores perceberam e um deles deu um grito de espanto e deitaram a correr. Foi preciso os soldados fazerem alguns tiros, que resultou na morte de um preto escravo, um português que saiu bastante ferido, e que até a sua camisa pegou fogo; dizem ser o Alferes Miguel Ribeiro que acabou escapando. Diz o Capitão José Alves que no dia seguinte havia bastante sangue por uma vereda que ele tinha corrido, e seguimos por ela; e nos dois outros ranchos os Salteadores fugiram saindo uma mulher ferida e tomando-se, 2 bacamartes de granadeiras, duas pistolas, quatro armas finas e que prendeu uma menina. No relatório o capitão diz que a menina sendo perguntada disse que Paulo Joaquim dos Santos, morador desse acampamento, havia enviado duas cartas: uma para Felipe Alves e outra para o Melinho avisando que as Tropas estavam levando o negro João como guia e que saíssem de lá, e informando que nossas Tropas iam aquartelar o Tapado para arrancar as lavouras. Achamos alguns cartuxos dos nossos e uma porção de sal, disse o capitão. Perguntamos, e a dita menina informou quem mandava sal e cartuxos. Ela disse que eram os negros do Padre Bento que trabalhavam no Sítio Cangalhas. No relatório a informação é de que arrancaram todas as lavouras que por ali haviam e em um dos roçados, alguns fogos resultaram em um soldado estrepado (baleado). O comandante mandou procurar se tinha mais roçado e encontraram um cabano que vendo o soldado, gritou: não atirem sou camarada e em seguida o cabano gritou: \_ Corram! Avisando outros camaradas, e fugiu. No mesmo dia o capitão diz que pernovernaram em Catende e no dia 19 entraram no Sítio Dona Francisca e neste lugar encontraram um cabano e uma menina, e fazendo-lhes alguns tiros o cabano correu deixando a menina. Pegaram a menina para dar informações. A menina informa que os Salteadores se estão em Batateira, cujo Sítio ignoro. Diz o comandante: porém, suponho ser anexo ao Riachão. Relata que na saída de Dona Francisca para Riachão os salteadores fizeram alguns tiros: Requisito a V. S. algumas alparcatas de sola cortiça para calçar os praças que marcham na frente, a fim de evitar as estrepadas aos fogos dos Salteadores, o que a cada passo estamos encontrando. Deus guarde a V. S.

## ÍNDICES E INDICADORES ANALÍTICOS DOC 2:

Buscamos identificar na escrita documental, palavras que são organizadas para não deixar evidente a tensão vivida pelas mulheres cabanas. Neste relatório quando as mulheres são interrogadas, fica a impressão de ter havido uma conversa amigável entre o interrogador e a interrogada de forma a desviar os sentidos para o heroísmo das tropas escondendo a intimidação vivenciada por elas. Seguem alguns itens recorrentes especialmente neste ofício:

Os presos cabanos	Remeter à Tamandaré
Tão bem mulheres/meninos	Mulher ferida
Escravos macho e fêmea	Em fuga
Preso uma menina	A dita menina
Cabano/camarada	Soldado estrepado
Grito/arma no rosto/correr	Gritou corram
Tomamos dos cabanos	Bacamarte/granadeira/pistola
Prática/plano/acampamento	Aquartelar/tropa/cartuxos
Porção de sal/povoação/vizinhança	Capitão/coronel/excelentíssimo
Alguns camaradas/uma menina presa	Soldado estrepado

## INFERÊNCIA DOC. 2:

O referido relatório evidencia as táticas perversas das Tropas, bem como os planos organizados para o ataque e prisão ao povo cabano. A tropa militar aquartelava os ranchos por todos os lados e os cabanos eram surpreendidos na calada da noite, quando já dormiam. Nestes ataques noturnos o povo cabano acordava assustado, muitas vezes não dava tempo de carregar suas armas, alguns fugiam desorganizados, correndo para dentro das matas como animais sendo caçados. No primeiro parágrafo o comandante em chefe diz que envia dois cavalos para a bagagem e dois bacamartes granadeiros. Em seguida ele diz que está na relação inclusa os presos cabanos entregues pelo capitão José Alves e que nessa relação, incluía tão bem mulheres, meninos, escravos macho e fêmea e moleques. Nesse relatório um grupo de mulheres cabanas foram presas, porém não se pode mensurar o número nem se estavam feridas. O que consta no documento é que elas seriam enviadas para a prisão de Tamandaré. Havia também na

lista de prisioneiras mulheres, uma escravizada. Além de meninos e cabanos. As tropas prendiam os que não conseguiam escapar e atiravam nos demais. Nesta batida a qual fala o relatório, conseguiram matar dois cabanos onde um outro ficou bastante ferido fugindo com a camisa pegando fogo, segundo consta no relatório. Uma mulher ficou ferida e tomaram suas armas entre outras munições e armas que foram deixadas pelos cabanos no desespero da fuga. Assim, muitos cabanos conseguiram escapar. Esta mulher, possivelmente, deveria ser do grupo de guerreiras armadas, por isso saiu ferida. Era uma prática corriqueira os soldados prenderem meninas para interroga-las. As meninas nunca tinham nomes e eram interrogadas como adultos. E quem escreve o relatório faz com que o leitor pense que foi uma conversa amistosa, não um interrogatório com ameaças. A voz do discurso é sempre de quem interroga e nunca do interrogado de acordo com a conveniência da ordem do comando. Podemos observar que as mulheres e as meninas representavam um segmento singular para a causa cabana. Durante a transcrição podemos observar uma seletividade no discurso com relação ao gênero feminino de forma a negar sua força de luta e de resistência.

**TRANSCRIÇÃO DOC. 3:** Relatório da operação das forças acampadas e das explorações nas matas feitas pelo Major Francisco Antônio Pereira dos Santos, assinado por Joaquim José Luiz de Souza em 8 de julho de 1834. (fl.606).

Ilustríssimo e Excelentíssimo Sr.-- a providencia que não morre, e que rege o destino dos homens se consente por momentos os seus desvarios mais tarde ou mais cedo socorre a humanidade, e castiga aos celeratos que a oprimem. Poucos dias antes da minha chegada a este acampamento constou-me que o Capitão dos saltiadores Ignacio de Pontes, tinha em companhia de outros procurado as vizinhanças da Povoação do Abreu, para alí adquirirem alguma pólvora, e com ella armar os saltiadores com quem tencionavam postar guerrilhas para roubar as bagagens que vem de Paquevira; mas em lugar de encontrar alí os recursos que procurava encontrou a morte, como V. Ex. Verá da cópia inclusa do officio que recebi do Commandante do referido ponto do Abreu, o major Francisco Antônio Pereira dos Santos. As partidas d'aquelle ponto tem morto, e prezo alguns saltiadores; e os corpos exploradores do Tenente Coronel Francisco Carneiro, e capitão José Alves, algum proveito tem tirado – Deos guarde a V. Ex. Por muitos anos ---Quartel do Commando em Chefe das Tropas do Cíto do Cavaco; 8 de julho de 1834 – Ilustríssimo e Excelentíssimo Sr., José Joaquim Coelho, Commandante das Armas. Joaquim José Luiz de Souza, Commandante em chefe.

Cópia. – Ilustríssimo Sr. acabo de receber o que V. S. me dirigio em 23 e 24 do p., e muito folgo com a notícia de ter sido morto o saltiador Proensa; retribuindo a V. S., com outro de igual natureza, ha qual e tão bem ter sido morto neste dia 27 no p., o perverso saltiador Ignácio de Pontes, o qual veio na companhia do Cabano Antônio Martins, e de um Bento primo do Manoel de Mello, elles vieram em commissão para a compra da pólvora, tanto assim que no dia de São João, fui avisado de estar elle na Varse de Unna, solicitando a **huma mulher para lhe comprar cartuxos a patacão**; no mesmo momento mandei sobre elle, porém já se tinha retirado: a mulher veio avisar-me do acontecido, e tão bem um parente do mesmo Pontes, eu estruei-lhes a maneira de o entreter nas imediações d'este lugar até eu o poder segurar, e aconteceu

sahir eu no dia seguinte para a Barra Grande deixei o Capitão de Guradas Nacionais, Francisco Antônio Bizerra, no comando do ponto o qual tendo certeza do lugar onde se achava o sobredito saltador, foi mesmo em pessoa sobre elle, e a pesar da boa direcção que deu a dirigencia, o mencionado saltador pode evadir-se do serco levando três tiros, e por nenhum foi offendido; porém o referido capitão inflamado zelo patriótico e valor militar, largou a arma com que lhe tinha atirado, e como desasperado o seguiu só por entre as matas, e a longa distancia o prendeu, sendo conduzido para a prisão, quis evadir-se em caminho, porém os soldados o mataram; tendo o corpo aqui enterrado: este saltador era o **escalador de crianças, e mulheres pertencentes aos jacobinos**: fico na diligencia de colher os companheiros. ---Deos guarde a V. S. --Quartel do Comando Militar do Abreu, 1 de julho de 1834. ---Ilustrissimo Sr. Joaquim José Luiz de Souza, coronel commandante em chefe das forças. ---Francisco Antonio Pereira dos Santos, Major commandante militar do Abreu. ---está conforme--- Feliz Pereira Dourado, Primeiro Tenente das Ordens.

### FICHA DE CONTEÚDO DOC. 3:

Espécie documental: relatório/ fl.606  
Emissor: Joaquim José Luiz de Souza  
Destinatário: José Joaquim Coelho  
Data tópica: Sitio Cavaco  
Data cronológica: 8 de julho de 1834  
Quantidade de páginas: 1 página  
Assinatura: Joaquim José Luiz de Souza

Assunto: Relatório que informa as operações das forças acampadas no Cavaco relatando as ações do Tenente Coronel Francisco Carneiro e do Capitão José Alves. No officio o comandante em chefe Joaquim José Luiz de Souza relata: pouco antes da minha chegada a este acampamento constou-me que o capitão dos Salteadores Ignácio de Pontes, tinha em companhia de outros, procurado as vizinhanças da Povoação de Abreu para ali, adquirirem alguma pólvora e com ela armar aos Salteadores com quem tensionavam postar guerrilhas para roubar as bagagens que vem de Paquevira. Porém o comandante diz que em lugar de encontrar o que procurava, encontrou a morte.

Relatório incluso: Sr. acabo de receber os officios dos dias 23 e 24 do ponto, e muito me folgo com a notícia de ter sido morto o Salteador Proença e retribuo a essa carta com outro de igual natureza a qual, ter sido morto no dia 27 no ponto. O perverso Salteador Ignácio Pontes o qual veio na companhia do Cabano Antônio Martins e de um Bento, primo do Manoel de Mello em comissão para comprar pólvora. Tanto assim, que no dia de São João fui informado de estar ele na Várzea do Una solicitando uma mulher para lhe comprar cartuxo a patacão e no mesmo instante mandei sobre ele que já tinha se retirado. A mulher veio me avisar do acontecido e eu instrui a maneira de o entreter nas imediações para poder pegá-lo. Saí na manhã seguinte para Barra Grande e deixei o Capitão da Guarda Nacional Francisco Antônio Bezerra no comando do ponto onde se achava o Salteador. E apesar da boa direcção que deu a dirigencia o

mencionado Salteador evadiu-se do cerco e levou três tiros e por nenhum foi ofendido. O Capitão inflamado do selo patriótico, desesperado, o seguiu por entre as matas e o prendeu; o salteador foi conduzido a prisão e no caminho quis evadir-se, e os soldados o mataram, tendo o corpo aqui enterrado. Diz o capitão que este salteador era o escalador de crianças e mulheres pertencentes aos jacobinos: Fico na diligência de colher os companheiros. Deus guarde Vossa Senhoria.

### ÍNDICES E INDICADORES ANALÍTICOS DOC. 3:

Neste relatório, fica evidente a vaidade de dois comandantes por terem ambos, matado dois célebres cabanos, em localidades e dias diferentes: Proença e Ignácio Pontes que segundo o comandante, era um cabano de igual importância de Proença. Destaco alguns itens contidos no dito ofício que evidencia vaidade militar, as ideologias contidas na escrita, e mulher presente mesmo que discreta nas articulações das guerrilhas:

Ilustríssimo/excelentíssimo	Retribuindo a V.S/ igual natureza
Valor militar/ zelo patriótico	
Castigar os aceleratos	Oprimem/capitão do salteador
Mandei sobre ele	Perverso salteador
Socorrer a humanidade	Cabano morto deste dia
Comissão/ dia de São João	Uma mulher comprar pólvora e cartuxos
Armar os salteadores	Entreter/imediações/sobredito salteador
Escalador de mulheres e crianças	Jacobinos/conduziu
Mataram/corpo/enterraram	Salteador/prendeu/evadir-se

### INFERÊNCIAS DOC. 3:

No primeiro parágrafo deste relatório o comandante parece poetizar em torno da morte de dois célebres cabanos, ou seja: dois corajosos homens do campo. Menciona também que a vizinhança da Povoação do Abreu estava sendo procurada por cabanos, para adquirirem munição para as guerrilhas. Nesse dia 23, dia de São João, diz o comandante, que o Cabano Ignácio Pontes procurou uma mulher na Vila, não mencionando o nome dela, para comprar para ele cartuxos a patacão. Disse também que havia nesse dia 23 uma comissão de cabanos para compra de pólvora. Estas informações assim que chegou ao comandante ele usa o termo

“mandei sobre ele”, se referindo ao cabano Ignácio Pontes. Porém o cabano já havia se retirado. Ele diz que a mulher, cujo nome foi silenciado, veio lhe procurar para contar o acontecido como também um parente do dito cabano. O comandante diz que instrui os mesmos a entreter o cabano nas imediações para que a Tropa o prendesse. Fica subentendido no relatório que a mulher veio até o Comandante e não ele foi até a mulher e o parente. Posso inferir que é pouco provável que essa mulher tenha delatado o cabano e contado a verdade para o comandante, porque se tratando de um célebre cabano, experiente de guerra como Ignácio Pontes, jamais iria confiar para lhe comprar cartuchos, alguém a quem ele não confiasse. Pouco provável que seu parente iria entregá-lo, pois sabia que seria a sua morte.

Foi publicado no dia 23, por um anônimo que assina por “O amigo da execução da Lei” no Diário da administração Pública, que no dia de São João, um episódio aconteceu na vila que merece a atenção. Desobedecendo ordens que proibia soltar fogos especialmente nesse dia 23, algumas mulheres soltaram fogos e cabeça de nego junto a casa do Juiz de Paz, junto as patrulhas e demais autoridades locais causando uma grande confusão onde três mulheres acabam na prisão. Na carta, o anônimo diz que foram presas algumas pessoas e também três mulheres de bom tom. Este ato de rebeldia dessas mulheres, aparentemente sem sentido, tinha o propósito de chamar a atenção das autoridades, justamente neste mesmo dia em que os cabanos desceram até a Vila para comprar munições. Ainda não encontrei um paralelo que vincule esses dois episódios, porém uma análise sobre esses dois fatos podem revelar uma ação orquestrada para que os cabanos encontrassem maior facilidade para comprar a munição. As mulheres analisadas ao longo da pesquisa, algumas vezes, aparecem subvertendo a ordem da dominação masculina, seja denunciando, ou atuando de alguma forma pela causa, mesmo que se produzam uma escrita que mascare sua participação, não se pode negar sua presença sempre protagonizando uma situação.

No final do ofício o comandante relata a prisão do cabano Ignácio Alves e que ao conduzi-lo a prisão, no caminho ele tentou evadir-se e os soldados mataram-no, e enterraram ali mesmo, sem avisar a família. Mais adiante para justificar essa ação de seus soldados ele diz que este salteador era escalador de crianças e mulheres pertencentes aos jacobinos. Jacobinos, termo utilizado durante a Revolução Francesa para nomear os revolucionários da baixa burguesia. Para o comandante fazer uso desse termo, de forma pejorativa, fazia sentido quando se referia aos cabanos, que para ele, eram bandidos, guerrilheiros e perturbadores da ordem pública. De qualquer forma ele também parecia já ter percebido que as mulheres e crianças estavam alinhados com a causa cabana.

**TRANSCRIÇÃO DOC. 4:** Relatório da operação das forças acampadas e das explorações nas matas entre os dias 20 a 23. Ofício assinado pelo José Joaquim Coelho em 1 de julho de 1834. (fl.559).

Illm. e Exm. Sr. – havendo eu hoje, recebido algumas participações oficiais do Commandante em Chefe das Forças em operações, passarei como me comprou a dar a V. E. um extrato do que ellas contem a respeito de operações. Em officio de mês precedente communica o Commandante em chefe que pernoitado no dia 19 em Duas Bocas, deixado no Engenho Mundo Novo parte de sua partida um destacamento, no Engenho Morro os Batalhões da G.N. de Olinda; e Limoeiro, e que para Pacavira tinha feito avançar o Major Arruda com o Batalhão do seu Commando, e o corpo explorador ao mando do Capitão Acciole. Que no dia 20 havia firmado o seu Quartel neste ultimo ponto e feito marchar os Batalhões de G.N. para Jundiá, o que finalmente o tempo permitiu fazendo-se algumas explorações das quais se tirarão algumas vantagens; como fosse a morte de 11 saltadores e duas mulheres nos lugares Onça e Pindoba, a prisão de 15 cabanas, com outros tantos filhos menores, e de uma escrava pertencente a huma das presas: destruíram-se alguns roçados e ranchos, nos quais acharam os soldados algum dinheiro em prata, e ouro em obras, e tomaram-se dos cavallos, uma Egua e duas armas finas. Nesta exploração foi um soldado estrepado; em Pacavira foram mortos 1 cabano e 1 cabana, presas 2 e duas mulheres e uma negra com 2 crias. Em outro officio de 23, diz que as partidas que carregaram sobre Piabas mataram a 1 saltador, tomaram 3 armas finas, dous cavallos uma Egoa, uma porção de farinha, côcos, um capote, uma manta; As que dirigirão ao Souza a penas destruíram algumas lavouras, e o mesmo praticaram nas imediações do Gama onde encontrarão vários ranchos em forma de acampamento; as que explorarão outros lugares mataram – no Azulão 2 saltadores prenderam 3 mulheres, e 6 meninos, tomaram 2 armas finas, 1 cavallo, e alguma obras do ouro. No Bananá destruíram alguns ranchos e apresionaram duas meninas.

Na Grota Funda destruíram algumas palhoças e rossados, sendo um soldado levemente ferido de um tiro que recebeu dos saltadores no acceiro de um rossado.

Nada mais á de notável nas ditas participações que mereça ser levado ao conhecimento de V. Ex – a quem Deos guarde -----Quartel do Commando das Armas de Pernambuco, primeiro 01 de julho de 1834..

Ilustríssimo e Ex. Sr. Manoel de Carvalho Paes de Andrade Presidente da Província.

\_\_José Joaquim Coelho, Commandante das Armas.

#### **FICHA DE CONTEÚDO DOC. 4:**

Espécie documental: Relatório/ fl.559/1  
Emissor: José Joaquim Coelho  
Destinatário: Manoel de Carvalho Paes de Andrade  
Data tópica: Pernambuco  
Data cronológica: 21 de julho de 1834  
Quantidade de páginas: 1 página  
Assinatura: José Joaquim Coelho/Comandante das Armas.

Assunto: José Joaquim Coelho, comandante das Armas escreve ao Presidente da Província Ex. Sr. Manoel de Carvalho Paes de Andrade, informando sobre as operações realizadas pela sua Tropa nas explorações nas Matas. Ele diz que no dia 21 do mês corrente o comandante em

chefe pernitoou no dia 19 em duas bocas, deixando no Engenho Mundo Novo, ponto de sua partida, um destacamento no Engenho Morro e um batalhão da Guarda Nacional de Olinda e Limoeiro e que para Pacavira tinha feito avançar o Major Arruda com o batalhão do seu Comando, e ainda o corpo explorador ao mando do Capitão Accioli. Relata que no dia 20 firmou quartel neste último ponto e fez marchar o batalhão da G. N. para Jundiá, onde o tempo permitiu fazer algumas explorações, das quais tiraram vantagens: relata a morte de 11 Salteadores, duas mulheres, e de uma escravizada pertencente a uma das presas. Nos lugares Onça e Pindoba fizeram a prisão de 15 Cabanas, com outros tantos filhos menores: relata que destruirão roçados e ranchos, e acharam algum dinheiro em prata, ouro em obras, tomando-se 2 cavalos, 1 égua, 2 armas finas. Relata que um soldado foi estrepado (baleado). Em Pacavira foram mortos um cabano e uma cabana, presas duas mulheres e uma negra. Relata que no dia 23 as partidas carregaram sobre Piabas e mataram um salteador, tomaram 3 armas finas, 2 cavalos, 1 égua, uma porção de farinha, coco, um capote e uma manta. As partidas de Souza apenas destruíram algumas lavouras e nas imediações do Gama encontraram vários ranchos em forma de Acampamento, praticando o mesmo. Mataram no Azulão 2 salteadores, prenderam 3 mulheres e 6 meninas: Tomaram-se 2 armas finas, 1 cavalo e algumas obras em ouro. No Bananá destruíram alguns ranchos e aprisionaram duas meninas. Na Grota destruíram algumas palhoças e roçados, ficando um soldado ferido de um tiro no arreio de um roçado.

Nada mais de notável nas ditas participações que mereça ser levado ao conhecimento de V.Ex. A quem Deus Guarde.

#### ÍNDICES INDICADORES ANALÍTICOS DOC. 4:

Neste documento especificamente, os indicadores que analisaremos, serão apenas no que se referem a mulher, seus pertences e atitudes dentro da escrita documental, na intenção historiográfica de revelar na escrita as categorias que as definem, que as unem e que as separam na escrita estamental.

Morte de duas mulheres	Prisão de tantos filhos menores
Prisão de 15 cabanas	Destruição de seus roçados
Presas uma escrava	Destruição dos ranchos
Pertencente a uma das presas	Aprenderam dois cavalos/ uma égua
Morte de uma cabana	Duas armas finas/uma manta
Presas duas mulheres	Duas crias da negra presa

Presas mais três mulheres	Uma porção de farinha/ cocos/um capote
Aprisionaram duas meninas	Destruímos rancho em forma de acampamento/ palhoças e roçados

#### **INFERÊNCIA DOC. 4:**

Era uma prática das fontes documentais e oficiais esconderem as informações objetivas para tecerem comentários subjetivos muitas vezes longos, sobre detalhes sem importância para ocultar o que deveria importar na escrita. A mulher sempre aparece nos relatórios reduzidas a uma linha ou duas na escrita. E com relação a elas, as imagens são genéricas ou depreciativas. Podemos observar neste ofício, que no relato das operações nos acampamentos cabanos, por mais que a escrita não tenha a intenção de deixar explícito a participação da mulher, elas figuram como sujeitos participantes nesse embate. Na primeira parte do relatório o comandante diz que no dia 20 fez marchar os batalhões da Guarda Nacional para Jundiá e que puderam tirar algum proveito: a morte de 11 salteadores e de duas mulheres. É importante observar que um batalhão estava tirando proveito de um grupo reduzido de cabanos onde duas mulheres morreram. Essas mulheres não sobreviveram, porque possivelmente, agiram de alguma maneira em sua defesa e de seus roçados não se entregando, por isso morreram. As tropas seguiram a diante chegando em outro acampamento encontraram e aprisionaram 15 cabanas. É muito vago esse relato, mas, podemos inferir que nesse lugar só havia mulheres. Relatar que houve embate contra um grupo de mulheres parece vergonhoso para os briosos soldados. Desse modo, seus atos heroicos, desta vez, não são relatados porque se tratava de embate com mulheres e escaços homens, só aprisionaram mulheres. Podemos inferir que essas quinze mulheres cabanas não se entregaram, foram aprisionadas e a forma com a qual realizavam esses aprisionamentos nunca é dita. Nos relatórios fica identificado sempre que um homem cabano ou uma mulher cabana se entregam. Portanto quando são presos ou mortos pelas autoridades, presume-se, resistência. A mulher precisa ser desassociada dos objetos e das coisas para podermos enxergar sua força. Os relatórios sempre associam as mulheres a uma porção de filhos menores e essa é uma forma de descaracterizar a guerreira e evidenciar a mãe, a do lar, a mulher subserviente. Uma outra mulher é aprisionada e no relatório vem escrito: aprisionamos uma escrava pertencente a uma das presas. O segmento feminino é dividido por categoria nestes relatórios. A mulher branca, a mulher cabana, a proprietária, a mulher negra livre, a mulher escravizada. Esse conjunto de determinações referente a mulher na cabanada é o que as unem como comunidade, porém essa diferenciação na escrita estamental dominante é o que separa cria atritos e barreiras aos olhos

de quem lê. Essa formulação na escrita documental estamental fixou uma diferenciação perversa do segmento feminino, onde a sociedade assimilou e naturalizou. A historiografia tradicional reforçou a condição da mulher nessas categorias, que se revela como preconceito, ainda hoje.

O relatório diz que em Pacavira foram mortos um cabano e uma cabana, foram presos dois homens e duas mulheres e uma negra com duas crias. Observemos que na escrita a mulher negra não possui filhos e sim crias reforçando a forma pejorativa e de diferenciação da mulher branca. Durante essa partida exploradora nestas localidades em que se refere o relatório, pode se observar que sempre que um homem cabano é morto pelos soldados, uma mulher cabana também é. Pode significar que ambos estavam na linha de frente com as mesmas atribuições, denotando assim a participação feminina nos embates. Outras mulheres e outros tantos meninos e meninas foram presas nessa exploração. Tudo ou o pouco que estas mulheres cabanas tinham, foram destruídos e pilhados. Os soldados agiam com virulência prendendo e matando essas mulheres e homens, destruindo toda a base alimentar que provinham das plantações dos roçados, destruíam suas moradias além de levarem tudo que os identificavam: os cavalos, as roupas, os utensílios domésticos, farinha, coco, agasalho, tudo.

**TRANSCRIÇÃO DOC. 5:** Relatório das operações no Sítio Cavaco e nas imediações, durante o mês de junho pelas forças acampadas e das explorações realizadas sob os comandos de Antônio Carneiro Machado Rios e Francisco Victor de Mello e Albuquerque em 12 de julho de 1834. (fl.744/745).

Ilustríssimo e Ex. Sr. - Acuso recebido o officio de Vossa Ex. Do 2 do corrente comunicando-me baixa que concedeu ao soldado do Corpo de Caçadores de primeira linha João Pacheco de Lira, o que fiz constar ao commandante do mesmo Corpo, Envio a V. EX. O original do officio que em 27 do mês findo me dirigiu o Tenente Coronel Antônio Carneiro Machado Rios commandante da força da direita enviando por cópia as partes que deu o Capitão de Comunicação Francisco Victor de Mello e Albuquerque do resultado da surpresa que fez aos saltiadores em Ferredouro, para que V. Ex. A tudo de a publicidade que julgar conveniente. Deos guarde a Vossa Excelencia por muitos anos\_\_ Quartel do Commando em chefe das tropas em operação no sítio Cavaco 12 de julho de 1834. Ilustríssimo e Ex. Sr José Joaquim Coelho, Commandante das Armas. Joaquim José Luiz de Souza, Commandante em chefe.

Ilustríssimo Sr. tenho a satisfação comunicar a V. S. que vão os trabalhos desta força progredindo as mil maravilhas por isso mesmo que tira-se a cada momento proveito d'elles.

Das cópias juntas do Capitão Francisco Victor de Mello e Albuquerque vera os resultados das explorações que por ele tem sido feitas. Este bravo official prudente, circuspecto, e sobre tudo livre, he digno de todos os elogios, e parece-me que não encontrar-se-a outro que tanto faça, e menos alegre, e por isso desde já dou os parabéns a mim mesmo de me ver ao lado de tão digno official. O Papa mel de nome Amaro escravo de Pedro Leite que trata a parte entreguei a seu Sr. morador no Bonito, que o veio receber; obrigando-se pela contribuição que se lhe impuser a isso por me pedir

para o castigar publicamente na Povoação de Bonito para exemplo dos outros ---Deos guarde a V. S. Muitos anos – Quartel do Comando da Força d Direita em Alagoas dos Gatos 27 de junho de 1834-

Ilustríssimo Sr. Na manhã do dia 19 do corrente marchei deste Acampamento com 171 praças inclusive 5 oficiais, para o lugar do Fervedor, onde se achava huma porção de Saltiadores alojados, e dirigindo como me cumpria, pus em cerco o lugar de suas habitações pelas 11 horas da noite do segundo dia, quando repousavam no leito do crime, e sem que pudessem escapar, foi logo morto hum, e fiz prender a 17, entre estes hum papamel, vinte nove mulheres entre estas tenras donzellas, cinquenta e seis meninos de ambos os sexos, dezecete animais cavallares, duas granadeiras roladas, nove clavinas em bom estado, três canos de clavinas, duas espadas, e doze patronas, nas quais tinha alguns cabacinhos com pequenas porções de pólvora, seguindo depois de feitas as prisões, ao amanhecer do dia o estrago das lavouras que se achavão em estado de poderem alimentar, assim como três casas de farinha com aviamentos próprias. O papa mel de quem falo chama-se Amaro, e é escravo de Pedro Leite homem reconhecido patriota, e morador no Bonito a quem o mesmo negro mandava continuamente ameaçar para o mattar, e a quem foi tomado um bacamarte granadeiros. Nada mais encontrando em dito lugar do Fervedor, e achando-se a tropa com quase toda a munição molhada, não só pela chuva como pelos muitos, e fundas passagens de rios, recolhi-me a este acampamento trazendo estrepado em hum pé o aos peçada da companhia d'artilharia Antônio Ferreira da Cunha, que cahiu em hum foço.. A V. S. Faço entregar de tudo quanto menciono a exceção das patronas, que destribui com os soldados que não as tinham ----Deos Guarde a V. S. ---Acampamento em Alagoas dos Gatos 22 de junho de 1834 – Ilustríssimo Sr. Antônio Carneiro Machado Rios, tenemte coronel, e commandante da forças de direita –Francisco Victor de Mello e Albuquerque, Commandante do Corpo de Batedores. ----- Conforme, Carneiro Tenente Corinel da Força de direita.

Ilustríssimo Sr. – no mesmo dia nove do corrente em que marchei deste acampamento cheguei em Santo Antônio onde pernoitei, no seguinte segui a explorar Sambacoim, Cabeça do Negro e no dia 12, em o qual tornei a Santo Antônio trazendo prezo hum papa mel, três mulheres, e cinco meninas: Em Santo Antônio forneci a partida por mais tres dias, continuei a explorar Cahipanna, e Girau d'anta, concluindo em 15, onde achei unicamente huma família composta de quatro mulheres, e oito meninos. Nada mais havendo a fazer por alí, e depois de estragarem-se dois roçados recolhi-me a este acampamento. Para fornecer a parida, e pessoas mencionadas, o inspetor Francisco Ferreira Callado prestou sete arrobas e quatro linhas de carne fresca, e cento e cento e sessenta onças de sal, e o Capitão Francisco Rodrigues dezessete cuias de farinha.

Deos guarde a V. S. Acampamento em Alagoas dos Gatos 16 de junho de 1834-- Ilustríssimo Sr. Antônio Carneiro Machado Rios – Tenente Coronal e Commandante da Força da direita – Francisco Victor de Mello e Albuquerque, Commandante da Força de Batedores, Conforme – Carneiro Tenente Coronel da Força de direita.

## FICHA DE CONTEÚDO DOC. 5:

Espécie documental:	Relatório/ fl.744/745
Emissor:	Joaquim José Luiz de Souza/ Francisco Victor de Mello
Destinatário:	José Joaquim Coelho.
Data tópica:	Sítio Cavaco
Data cronológica:	12 de julho de 1834
Quantidade de páginas:	1 página
Assinatura:	Francisco Victor de Mello e Albuquerque/ Carneiro

Assunto: Relatório enviado pelo Joaquim José Luiz de Souza ao Comandante das armas, em 12 de julho de 1834, contendo os relatórios das operações exploradoras nas matas durante o mês de junho, acampadas no Sítio Cavaco e imediações.

Sr. tenho a satisfação de comunicar a V. S. que vão os trabalhos desta força progredindo as mil maravilhas, por isso mesmo, que tira-se a cada momento proveito d'elles.

Das cópias juntas do Capitão Francisco Victor de Mello e Albuquerque verá os resultados das explorações que por ele tem sido feitas. Este bravo oficial prudente, circunspecto, e sobre tudo livre, é digno de todos os elogios, e parece-me que não encontrar-se-á outro que tanto faça, e menos alegre, e por isso desde já dou os parabéns a mim mesmo de me ver ao lado de tão digno oficial. Na manhã do dia 19 do corrente marchei deste Acampamento com 171 praças inclusive 5 oficiais, para o lugar do Fervedor, onde se achava uma porção de Salteadores alojados, pus em cerco o lugar de suas habitações pelas 11 horas da noite, do segundo dia, quando repousavam no leito do crime, e sem que pudessem escapar, foi logo morto hum, e fiz prender a 17, entre estes, hum papamel, vinte nove mulheres, entre estas, tenras donzelas. Cinquenta e seis meninos de ambos os sexos, dezessete animais cavalares, duas granadeiras roladas, nove clavinhas em bom estado, três canos de clavinhas, duas espadas, e doze patronas. Feitas as prisões, ao amanhecer, fez-se o estrago das lavouras que se achavam em estado de poderem alimentar, assim como três casas de farinha com aviamentos próprias. Nada mais encontrado em dito lugar do Fervedor, recolhi-me a este acampamento trazendo estrepado em hum pé o praça da companhia d'artilharia Antônio Ferreira da Cunha.

### ÍNDICES E INDICADORES ANALÍTICOS DOC. 5:

Neste relatório podemos observar a contradição e a inversão de valores na escrita anticabana que se revela no discurso produzido pelo Capitão Francisco Victor. Algumas palavras fazem desse ofício um documento peculiar e demonstra alguns elementos perversos na escrita do tal capitão, que seguem para análise:

Forças acampadas progredindo	As mil maravilhas
Oficial prudente/ circunspecto/livre e digno	Tira-se proveito a cada momento
Castigamos/papa-mel/marchei/oficiais	Salteadores/alocado/certo lugar
171 praças e oficiais	Leito do crime/cabano repousavam
Prisões/estragar lavouras/alimentar	29 mulheres/ tenras donzelas
Calada da noite	Destruir casa de farinha/enfim tudo

## **INFERÊNCIAS DOC. 5:**

O Capitão Francisco Victor, parece agradar aos colegas de trabalho, pois ficou conhecido como homem circunspecto, oficial prudente, digno, e um homem livre. No relatório ele diz que seu trabalho na guerra dos cabanos está indo as mil maravilhas e que tem tirado proveito a cada momento. Este discurso não parece vir de um relatório de guerra, onde pessoas morrem, perdem todos os seus direitos, passam fome e vivem sobressaltados pela perseguição. Esse capitão se revela um homem frio e calculista porque ainda se diverte. Ele diz que partiu para o acampamento com 171 praças e três oficiais. Se utilizando da tática de surpreender o povo cabano na escuridão da noite, chegando sem que os agricultores homens, mulheres e crianças sentissem suas presenças. Podemos observar que a essa altura da Guerra as táticas de extermínio contra os cabanos eram extremamente organizadas e taticamente pensadas. Os trabalhadores rurais, na sua maioria dormem cedo e acordam muito cedo para cuidar das lavouras e dos roçados, portanto, o capitão e seus 171 praças e oficiais, atacavam sem que houvesse tempo dos trabalhadores e trabalhadoras rurais resistirem. Ele diz que aprisionou nesse ataque, 29 mulheres e ressalta, com satisfação, o seu ato heroico, acrescentando que entre essas mulheres haviam tenras donzelas. Podemos inferir na fala do dito capitão, com relação as mulheres apreendidas, e observando o seu comportamento frio e perverso, que essas mulheres cabanas corriam riscos físicos e morais. Nessa noite alguns cabanos conseguiram escapar, diz a escrita. Depois de realizar as prisões, o dito capitão e seus 171 praças pernoitaram no acampamento no mesmo espaço que essas mulheres e crianças de ambos os sexos. No dia seguinte a destruição foi grande. Todo o esforço de trabalho construído pelas mãos dessas mulheres e homens do campo foi tudo destruído: roçados, palhoças, moradias e todos os pertences dessa povoação, ficou em posse dos soldados repressores. É possível imaginar a revolta acompanhada de tristeza dessas mulheres submetidas aos arroubos desse capitão que nas primeiras falas de seu relatório disse que tudo estava indo às mil maravilhas e, portanto, tirava proveito a cada momento.

**TRANSCRIÇÃO DOC. 6:** Transcrição de documento Manuscrito do Termo de Fiança para soltura de Anna Preta.

Aos dezoito dias do mês de agosto de mil oitocentos e trinta e quatro e nesta Secretaria das forças perante o Tenente encarregado da mesma José Ribeiro, escrivã, compareceu José Ignácio Buarque a fim de prestar fiança em favor de Anna Preta, moradora no engenho denominado Rainha, freguesia de São Bento, terras de Porto Calvo, Província de Alagoas, a qual se acha presa no Quartel Municipal permanente

por ter sido apreendida nas matas dentre os **Cabanos**, ficando obrigado o dito José Ignácio Buarque apresentar a dita Anna Preta a todo tempo que o Governo exigir ou a quantia de quinhentos mil patacas pela negra cativa. E assim fica obrigado a cumprir e por isso se lavrou este termo em que assignou em virtude do despacho do excelentíssimo Sr. Presidente, datado de 18 do corrente mês e ano.  
Manoel Camello na pessoa do escripturário.  
Assinado: José Ignácio Buarque

#### **FICHA DE CONTEÚDO DOC. 6:**

Espécie documental: Termo de fiança/ Anna Preta  
Emissor: José Ribeiro (escrivã)  
Destinatário: José Ignácio Buarque  
Data tópica: Quartel municipal de Porto Calvo  
Data cronológica: 18 de agosto de 1834  
Quantidade de páginas: 1 página  
Assinatura: José Ignácio Buarque  
Manuscrito/Arsenal de Guerra/fl.69

#### **ÍNDICES DE INDICADORES ANALÍTICOS DOC. 6:**

Trata-se de um manuscrito do século XIX, datado de dezoito dias do mês de agosto de mil oitocentos e trinta e quatro, onde José Ignácio Buarque presta fiança em favor de Anna Preta, que se encontrava presa apreendida entre os cabanos.

Secretaria das forças	Preso uma mulher
Engenho Rainha	Apreendida cabana
Quartel/ escrivão/ encarregado	Ana Preta/uma mulher negra

#### **INFERÊNCIAS DOC. 6:**

Este manuscrito constitui uma fonte importante para minha pesquisa pelos elementos explícitos e implícitos nele. Primeiramente porque se refere a uma mulher, objeto da presente pesquisa, portanto, uma mulher negra na Guerra dos Cabanos. Aparentemente é um termo de fiança para a soltura de Anna Preta que se encontrava na prisão. Analisando o manuscrito com cuidado podemos observar que Anna não é citada como escrava sendo descrita como Anna preta. Não configura como propriedade de ninguém da maneira que tem sido evidenciado em outros termos de fiança, onde homens e mulheres negras, estão sendo compradas ou seus donos pagam sua soltura com alguma condição. José Ignácio Buarque vai até a delegacia e assina o termo de fiança para soltar a dita Anna Preta. Porém o escrivã como é de costume fazer, não

explicita estas informações, mas diz que ela é moradora do Engenho denominado Rainha, Freguesia de São Bento, terras de Porto Calvo, Província de Alagoas. Depois diz que ela estava presa porque foi apreendida entre os cabanos. Anna era de São Bento, sendo então, da mesma localidade que Lauriana Maria, companheira do líder popular cabano Vicente de Paula. O que se evidencia é que Anna fugiu de onde morava se embrenhando nas matas, para juntar-se a outras mulheres e homens na luta cabana. Possivelmente, mesmo que fosse alforriada, escolheu se aventurar em busca da tão sonhada liberdade. Viu naquele movimento de revolta camponesa uma razão de vida livre em comunidade, que poderia mudar seu destino, a seu modo. Numa dessas batalhas travadas entre cabanos e as tropas das partidas exploradoras, Anna foi presa junto de outras mulheres, até que um dia aparece José Ignácio Buarque para resgatá-la, pagando sua fiança. Esse homem não coloca no termo de fiança que é dono de Anna e ela não se configura na escrita como escravizada de alguém, portanto, Anna era uma mulher cabana, livre, como sujeito de sua própria história.

**TRANSCRIÇÃO DOC. 7:** Transcrição de manuscrito do processo da Preta Maria da Conceição e sua filha depois de ter passado por um exame de corpo delito na delegacia do Distrito da Estância onde se abriu um processo.

Tendo recebido hum officio do Juiz de Paz do Distrito da Estancia, acompanhando huma preta por nome de Maria da Conceição escrava de Luiz Gomes Fontes, no qual tinha procedido nesta delegacia o exame de corpo delito em consequência do officio do Juiz de direito chefe interino de policia no qual determinava que depois do processo que me foi de contrário as ordens de Vossa senhoria , para que na qualidade de Juiz de Órfãos mandasse depositar a essa preta e huma filha em caso de confiar, nomeando-lhe um orador para que ele fale em juizo e não tendo necessariamente atribuições para me proibir do artigo 20 das disposições provinciais a cerca da administração da justiça, no caso processo ouvir essa preta e a filha, para que Vossa Ex. Tomando em consideração, ao exposto, haja por bem da as providências necessárias a respeito. Deos guarde a V. Ex. Por muitos anos, 30 de julho de 1834.  
Francisco H. Fernando de Brito  
Juiz de Órfãos

**FICHA DE CONTEÚDO DOC. 7:**

Espécie documental:	processo
Emissor:	Juiz de Paz
Destinatário:	Juiz de órfão
Data tópica:	Distrito da Estancia
Data cronológica:	30 de julho de 1834.
Quant. de páginas:	uma página

Assinatura: Francisco H. Fernando de Brito  
Manuscrito do Arquivo Público de Alagoas/Guerra dos Cabanos/fl. 481

Assunto: Este manuscrito trata-se de um processo, provavelmente aberto por uma mulher, a Preta Maria da Conceição, como era chamada, e sua filha, tendo sido submetida ao exame de corpo delito na delegacia do Distrito onde se abriu o processo.

### ÍNDICES DE INDICADORES ANALÍTICOS DOC. 7:

Ofício/Juiz de paz	Corpo delito
Delegacia/exame	Maria da Conceição/uma preta/escrava
Corpo delito	Em consequência
Polícia/processo	Essa preta/uma filha
Nomeando-lhe/confiar/em juízo	Dar providências
Administração/justiça	Depositar/a essa preta/exposto

### INFERÊNCIAS DOC. 7:

Como já podemos observar, os documentos oficiais relativos a mulher sempre esconde as informações objetivas, elas ficam ocultas em forma de símbolos, quase que imperceptível, ou invisível para um olhar apressado. As mulheres em sua maioria não eram alfabetizadas e, apesar da coragem em apresentar as queixas, os processos criminais, estes, normalmente eram assinados por outros, normalmente alguém do gênero masculino e branco. Este manuscrito está cheio de lacunas. Primeiro não fica explícito a quem e a que a Preta Maria da Conceição e sua filha prestaram queixa. Sabemos que ela foi levada ao Juiz de Órfãos, levando consigo sua filha e um ofício escrito pelo Juiz de Paz. Sabemos também que ela e (ou) sua filha passaram pelo exame de corpo delito na delegacia do Distrito da Estância, em consequência de um ofício do Juiz de direito que não relata o fato como aconteceu. Diz ainda que a Preta Maria da Conceição era escrava de Luiz Gomes Fontes. Porém, é solicitado pelo Juiz de direito que na qualidade que residia o Juiz de Órfãos, que este, mandasse depositar a essa negra e uma filha. Não fica evidente quem deveria depositar para essa mãe e sua filha. E que no caso dele confiar, nomear um orador para que “ele” fale em juízo, não necessariamente no caso processo, ouvir essa preta e a filha. Na organização da escrita do Juiz, isso não fica claro porque ele altera e codifica a informação. Levei tempo nesta operação historiográfica para entender esse manuscrito pelo excesso de códigos em tão poucas linhas e pela preocupação de quem o escreveu para esconder

o núcleo da informação e proteger o proprietário da escravizada e sua filha. Porém, o juiz de órfãos precisava entender as entrelinhas dos códigos perversos da escrita incriminatória estamental das classes dominantes, sendo assim ser conivente com elas, ocultando informações. O manuscrito evidencia uma coragem da mulher cabana pelo fato de fazer com que seu nome alterasse uma situação de justiça. Mesmo que silenciada no referido processo, ela própria, ao seu modo, não silenciou e ousadamente subverteu a ordem normativa da dominação de classe.

**TRANSCRIÇÃO DOC. 8:** Transcrição de Manuscrito do termo de fiança para os escravos, Antônio, Simião, Victorino, Honorato, Francisco e Simplício de propriedade da viúva Ignácia Luiza Buarque, moradora no Engenho Riachão.

Aos treze dias do mês de janeiro de mil oitocentos e trinta e cinco, nesta delegacia das Ordens do Governo perante o Alferes José Bernardes Fernandes encarregado da mesma, compareceu o Mestre do Brigue do Rio de Janeiro que adquiriu viagem para a Província do Rio de Janeiro e por ele foi dito que se obrigava a receber a seu Bordo os escravos Antônio, Simião, Victorino, Honorato, Francisco, Simplício, todos pertencentes a Viúva Ignácia Luiza Buarque proprietária do Engenho Riachão, termo da Vila de Porto Calvo, cujos escravos se achavam presos no Quartel do município Permanentes por serem dos apreendidos entre os Cabanos, e pelo mesmo mestre foi dito que se obrigava a entregá-los na dita Província do Rio de Janeiro, lugar de seus destinos, apresentando no seu regresso nesta secretaria um decorrente termo de assim ter cumprido, em consequência do que se expediu ordens ao comandante municipal para o fazer embarcar e que firme e lavre o presente termo em que assinam eu, Manoel Camello Pessoa escripturário e José Rodriguez Amoroso Escrivã.

#### **FICHA DE CONTEÚDO DOC. 8:**

Espécie documental:	Termo de Fiança/fl.81
Emissor:	Manoel Camello Pessoa
Destinatário:	Ignácia Luiza Buarque
Data tópica:	Porto Calvo
Data cronológica:	13 de janeiro de 1835.
Quant. de páginas:	uma página
Assinatura:	
Manuscrito / Arsenal de Guerra/fl. 81	

Este manuscrito trata-se do termo de fiança para soltura dos escravizados, Antônio, Simião, Victorino, Honorato, Francisco e Simplício de propriedade da viúva Ignácia Luiza Buarque, moradora no Engenho Riachão. A condição era que esses escravizados embarcassem para fora da Província.

## ÍNDICES DE INDICADORES ANALÍTICOS DOC. 8:

Província/Rio de Janeiro	Governo/Alferes José Bernardes
Mestre do Brigue	Obrigava/ escravos/a bordo/viagem
Termo de fiança/escriturário	Presos/no quartel
Proprietária/Engenho Riachão	Vila de Porto Calvo
Viúva Ignácia	Antônio, Simião, Victorino, Honorato, Francisco e Simplício/presos

## INFERÊNCIAS DOC. 8:

Este manuscrito apresenta alguns aspectos que se revelaram importantes para a presente pesquisa. Primeiro é que ele representa a mulher por um outro viés, em posição diferente das mulheres analisadas anteriormente. Porém, neste manuscrito, não é dela que se fala e sim do termo de fiança dos escravizados Antônio, Simião, Victorino, Honorato, Francisco e Simplício que eram de sua propriedade. Consta que no dia 13 de janeiro de mil oitocentos e trinta e cinco, um Mestre de embarcação apareceu na delegacia das Ordens do Governo, onde os citados escravizados estavam presos. Motivo da prisão: porque foram apreendidos junto com os cabanos. O mestre da embarcação tinha adquirido uma viagem para a Província do Rio de Janeiro e confirmou perante o delegado das ordens que se encontrava obrigado a levar estes negros de propriedade de Ignácia Luiza Buarque para o Rio de Janeiro. Dona Ignacia era viúva e ela não foi à delegacia, nem assinou documento, tudo foi feito pelo mestre da embarcação. Procurando nas frestas documentais, em um dos relatórios de guerra analisado por esta pesquisa, observei que o Sítio Riachão tinha sido um dos redutos cabanos, inclusive alvo das partidas exploradores com trocas de tiros. É onde, Ignácia Luiza Buarque me chamou a atenção, pois o Sítio Riachão era de propriedade dela, como consta no termo de fiança. Posso inferir que seus escravizados pertenciam ao mundo cabano e ela era uma apoiadora da causa. Não consta no termo de fiança a venda dos seus escravos para outra pessoa. Sabemos que consta em alguns manuscritos, como também na historiografia, que alguns pequenos proprietários apoiavam a Guerra. Muitos proprietários não aceitavam o recrutamento de sua gente e respondiam ao recrutamento forçado se unindo a causa cabana como podemos ver no documento a seguir:

Ilustríssimo Presidente, da Província, sobre o recrutamento para o exercito da marinha imperial. Domingo, 11 do corrente reuni parte de minha Companhia, e sahi a recrutar na Cachoeira do Meirim, e outros lugares pertencente ao meu comando, no que fui contrariado, por José Vieira de Araújo Peixoto, que capitaneando uma porção de homens desprezíveis, cujo principal modo de vida é a ociosidade, a anarchia e opposição às autoridades... Quis oporme, porém como a força de meu comando fosse insufficiente, a dele constava do número de mais de cem homens armados, e desta maneira zombando da lei das autoridades. (INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE ALAGOAS, DOC n.00639, 12 de setembro de 1844).

Desse modo, diante das narrativas suscitadas nos documentos manuscritos encontrados para essa pesquisa, podemos inferir que a mulher, viúva, Ignácia Luzia Buarque, era uma mulher de posses, porém, possivelmente uma mulher das causas cabana.

**TRANSCRIÇÃO DOC. 9:** Relatório escrito pelo Capitão José Alves com os acontecimentos do dia e os resultados das explorações e caça aos cabanos realizadas por sua tropa entre os dias 5 a 8 deste mês (fl.709).

Ilustríssimo Sr. Veio apresenta-se Mariana de Jesus, Cabana, viúva com 4 filhos, Joaquim, Maria, Josefa, e Manoel, esta mulher sendo perguntada disse-me ser viúva de José Francisco, que aqui foi preso em huma partida e morreu na prisão, diz, que os cabanos de Jacuipe Meirim foram para Pimenteiras em companhia de João Themóti, diz mais, que no cortado havia muita gente, mas que na ocasião em que foram ali as Tropas indo pelas estradas, elles fugiram para Pimenteiras e conta onde de presente estão. Eu sei que o Tenente Coronel Carneiro alí foi, e nada achou por ir com toda a gente pela estrada, que foi pressentido dos cabanos e nada fez. Da inclusa parte official do Capitão José Alves que por cópia remeto verá V. S. o resultado das explorações dos dias 5 a 8 do corrente. - Deos Guarde a V. S. - Quartel do Commando da Força de Centro em Água Preta 9 de agosto de 1834. Ilustríssimo Sr. no dia 5 do corrente marchei deste Quartel, com 125 praças a explorar as mattas de Japaranduba, pelo riacho acima, lugares que ainda não havia entrado Tropa alguma; no mesmo dia já tarde encontrei huma morada de saltiadores bastante seguida, e fui dar em hum rossado com duas casas sem nenhuma pessoa dentro; e mostrarão terem saído no outro dia; destruí as lavouras, e continuei a marcha, passei a noite em cima de huma xãa, as 5 horas da madrugada puz a força em marcha, e andando distancia, encontrei outro sitio com nove casas todas sem gente alguma, com fogo aceso, e havia muito arroz principiando a madurecer, destruí tudo, neste lugar os saltiadores deram de dentro da matta hum tiro, o qual não ofendeu. Continuei a marcha e encontrei outro roçado com 5 casas da mesma forma das outras; destruí as lavouras e segui. As 4 horas da tarde fui dar em um grande roçado com toda qualidade de legumes e 12 casas. Sitei pelo encontro da Matta e ataquei as casas só achando 5 mulheres e alguns meninos. Pondo as mulheres em confissão, soube que alí havia 15 homens e que estes andarão fora procurando a vida. Uma dellas confessou ser a parteira das outras e disse então que no dia antes tinha vindo o Capitão Caetano Alves, do Riachão, e os tinha conduzido, não sabendo para onde hião, se levou para Pimenteiras ou se hião por guerrilha na Matta do Couceiro. Achei pelas casas vários muquecas com sal e indaguei de onde adquirirão, disse uma delas que tinham um freguês para as partes da ilha das flores e era que trazia de tempos em tempos. Outra disse que Manoel de Jesus morador em

terras do Engenho Capoeira, onde tão bem morão os irmãos de João Nunes, Cabano apresentado, era onde elles tinham falta e arranjavam seus negócios. Vossa Senhoria tome medidas adequadas sobre esse respeito. No dia 7 sahi na Serra do Pirangi e na quelles recantos preendi 4 cabanos, (sendo um papa-mel escravo do Capitão Mello de Araguaba). Os quatro remeto pela partida que os conduz: Tomei 5 armas, sendo huma granadeira em bom estado, hum bacamarte, e três cravinas, e só huma destas carregada. Remeto 5 mulheres e 6 meninos para Vossa senhoria **marcar seus destinos**. No dia 8 dividi a força em 3 partidas a primeira comandada pelo Alfes Vicente Ferreira da Silva seguindo pelo riacho do Pirangi abaixo a encontrar com a segunda comandada pelo Alfes Agostinho Cabral: e eu segui com a última em direção a este Quartel conduzindo os prisioneiros e prisioneiras; neste dia nada se fez mais que descobrir as veredas dos saltiadores ainda desconhecidas.

### FICHA DE CONTEÚDO DOC. 9:

Espécie documental: Relatório/ fl.709  
Emissor: Joaquim José Luiz de Souza com cópia inclusa do Capitão José Alves de Moraes e Mello e Pedro Antônio Vellozo da Silveira  
Destinatário: Sr José Joaquim Coelho  
Data tópica: Porto Calvo  
Data cronológica: 12 de agosto de 1834.  
Quant. de páginas: uma página

Assunto: operação das forças acampadas. Relatório escrito pelo capitão José Alves relatando o resultado das explorações e caça aos cabanos realizadas por sua tropa entre os dias 5, a 8 deste mês.

No primeiro parágrafo deste documento o Capitão relata que compareceu no quartel do comando, uma mulher cabana, viúva, de nome Marianna de Jesus, com seus quatro filhos, Maria, Josefa, Joaquim e Manoel, para reclamar a morte de seu marido. Ela disse que seu marido se chamava José Francisco que tinha sido preso por uma partida exploradora e depois, ela soube, que ele morreu na prisão. Ao ser interrogada, Marianna diz para onde foram os cabanos de Jacuípe Meirim. Ela disse, que eles “os cabanos” se achavam em Pimenteiras na companhia de João Themóteo. O Tenente Coronel relata que seguiu com toda a gente ao destino e que alí nada achou, nenhum cabano encontrou. Parte da Tropa que se achava com 25 praças a explorar as Matas de Japaranduba, pelo riacho acima, lugar em que nenhuma tropa tinha ido ainda. Diz que encontrou uma morada de salteadores vazia, e em seguida um roçado, destruiu-se a lavoura, disse ele. Continuando a marcha, anoiteceu, dormimos em cima de uma Xãa. De madrugada seguimos pela mata, e andando em distância encontramos outro sitio com 9 casas, todas sem gente dentro, com o fogo aceso. O capitão relata que tinha muito arroz, inclusive já amadurecendo e destruiu tudo. Escutou um tiro dado pelos salteadores dentro da

mata. Continuou a marcha e encontrou outro roçado com 5 casas do mesmo jeito e destruiu as lavouras e seguiu. As 4 horas da tarde ele diz que foi dar em um grande roçado com toda qualidade de legumes e 12 casas. No relatório ele diz ter sitiado pelo encontro da Mata e atacou as casas achando 5 mulheres e alguns meninos. Prenderam as mulheres forçando a confissão. Queria saber quem mais vivia neste acampamento. Elas disseram que havia 15 homens, mas eles estavam fora fazendo a vida. No relatório uma delas confessou ser a parteira das outras. Eu ameacei-a com castigo caso não falasse a verdade. Queria saber se eles tinham ido para Pimenteiras ou se iam em guerrilha nas matas do couceiro. A mulher disse não saber para onde tinham ido. Achei pelas casas vários muquecas com sal disse ele, e indaguei de onde adquiriam e disse uma delas que tinham um freguês para as partes da ilha das flores e era que trazia de tempos em tempos. Outra disse que Manoel de Jesus morador em terras do Engenho Capoeira, onde tão bem morão os irmãos de João Nunes identificado como Cabano, era onde elas arranjavam seus negócios. Vossa Senhoria tome medidas adequadas sobre esse respeito. Apreendemos algumas armas, 4 cabanos, sendo um papa-mel. Remeto 5 mulheres e 6 meninos para Vossa senhoria marcar seus destinos.

### ÍNDICES DE INDICADORES ANALÍTICOS DOC. 9:

Destacamos algumas palavras deste relatório que norteará a inferência analítica indicando o processo de ocultação na escrita estamental que vitimou e enterrou as mulheres cabanas nas matas do Tombo Real.

Muito arroz/ principiando nascer	Muita gente/ cabanos
125 praças	Explorar as matas
Morada/um roçado	Salteadores/ duas casas
Destruir as lavouras	2 casas/nenhuma pessoa dentro
5 horas da madrugada	Força em marcha
Encontrei/ outro sítio/9 casas	Fogo aceso/sem gente
Destruímos tudo	Muito arroz/ principiando amadurecer
Grande roçado/grande quantidade de legumes	12 casas/ cinco mulheres
Por as mulheres em confissão	Moqueca com sal
Mulheres	Marcar seus destinos

### INFERÊNCIAS DOC. 9:

Neste relatório o comandante logo nas primeiras linhas, inicia falando de uma mulher. Diz ele que apareceu no Quartel do Comando uma mulher cabana, de nome Mariana de Jesus, viúva com quatro filhos, Maria Josefa, Joaquim e Manoel. Ela fala que é viúva e que seu marido se chamava José Francisco, e que foi preso pelas nossas tropas e morto na prisão. Tudo indica que Mariana foi reclamar ao comandante e pedir explicação pela prisão seguida de morte de seu marido, ocorrido naquela referida prisão. Sentindo-se desamparada e prejudicada por ter ficado viúva, tendo ela, quatro filhos para criar, possivelmente tendo perdido tudo na Guerra. O comandante para não dar explicações sobre o acontecido com o marido de Mariana, imediatamente inverteu o discurso silenciando a questão abordada pela mulher. Questão que era legítima, porém, fez emergir o discurso militar da dominação masculina, coagindo-a e interrogando-a para que ela dissesse onde estavam os outros cabanos. Uma tática militar criada para fazer silenciar as vozes dos oprimidos, desqualificando seus direitos e negando seu constrangimento, ocultando o que de fato aconteceu. E essa escrita que nega a verdade do outro se revela como única e verdadeira e por consequência, um encobrimento do discurso da mulher na história. Mariana foi corajosa ao procurar o comando para solicitar informações. Ele a descreve como uma mulher cabana, quer dizer mulher guerreira, de luta. O que o comandante não esperava é que ela já estava preparada para mentir com relação a localização dos cabanos caso fosse interrogada. E assim o fez, tanto que a investida dessa autoridade e sua tropa não encontrou cabanos onde ela mencionou que os encontraria. Só encontrou as casas vazias e mesmo assim, furiosos, destruíram tudo que neste acampamento existia. Mariana de Jesus: mulher, viúva e cabana.

**TRANSCRIÇÃO DOC. 10:** Operação das forças acampadas. Relatório da Partida exploradora comandada pelo Tenente Coronel Manoel Ignácio Bizerra de Mello dizendo que encontrou no dia 21 o rancho do chefe dos Saltiadores Vicente Ferreira de Paula (fl.559).

Ilustríssimo e Exm Sr. Com indizível prazer communico a V. Ex, que huma partida commandada pelo Tenente Coronel Manoel Ignacio Bizerra de Mello, encontrou no dia 21 com o rancho do Chefe dos Saltiadores Vicente Ferreira de Paula que fugiu pela precedência de um tiro dado por um dos soldados. No dia seguinte 22 seguiu o mesmo Tenente Coronel pelo mesmo caminho, e entranhando-se por uma densa mata chamada – Sertão zinho no meio dellas encontrou poucos, e pequenos ranchos de palha, onde resedia o mesmo Chefe dos Saltiadores, que escapou por estar com outros na caça, mas foram mortos dois célebres Saltiadores, hum distinto pela resistência, que fez antes de morrer, e outro por ser o célebre português Proença, secretário, conselheiro, diretor e alma do chefe Vicente Ferreira. Este perverso português ingrato ao Brasil, que o tinha alimentado, estava a beira do fogo quando chegou a Tropa, que

o matou. **Com outras mulheres veio preza Lauriana Maria, conhecida por – Lula** – amazia do chefe quadrilheiro Vicente Ferreira de Paula, e diz ella, que um dos mortos he o próprio Proença, que a muito andava doente de sezão, e que estava junto ao fogo quando chegou a Tropa, por sentir na quella ocasião o frio da sezão; e acrescenta que este português era o mentor do Saltador Vicente Ferreira de Paula, e que se ocupava ali no ensino de um filho d'ella, que veio em sua companhia, e em dirigir e escrever ao mesmo Paula; e que os saltadores andam todos desandados , solitários, e em pequenos grupos espalhados por diferentes lugares, aflitos pela fome,, e perseguidos de nossas Tropas, e faltos de munições de **guerra, e que** só no Cavaco onde se achava Vivente Ferreira de S. Anna e outros era onde havia maior reunião de Cabanos. Esquecia-me de dizer a V. Ex. Que nesse encontro tomarão-se duas pistolas e uma clavina, e uma granadeira, hum baú com roupas, pouco dinheiro, e uma libra de ouro em obras, que tudo ficou em poder dos soldados menos as armas; e a mesma Lula diz, que o Saltador Paula nada mais possui do que o achado, porque os Salteadores ficavão na posse de tudo que roubavam, e que nada havia guardado de preciozidade , armas, munições que ella saba, assim com ignora o nome das pessoas, que se correspondião com elle Paula; por que todas as cartas, que elle recebia do Recife e de outras partes eram sem nome, mas entre alguns papéis achei as cartas inclusas, que merecem sahir a luz pela imprensa, mormente a do facinoroso Pinto Madeira, que remetto em próprio original para lhe servir de culpa, e conhecer o Brasil a má-fê desta indígna fera que o Ceará produziu.

Deos guarde a V. Ex por muitos annos. – Quartel do Commando em Chefe das Tropas em operações no Engenho Pacavira, 23 de junho de 1834. --Ilustrissimo e Ex. Sr José Joaquim Coelho, Commandante das Armas. \_\_ Joaquim José Luiz de Souza, Commandante em Chefe – Conforma- Francisco Camello Pessoa de Lacerda, Secretário Militar.

#### **FICHA DE CONTEÚDO DOC. 10:**

Espécie documental:	Relatório/fl 559/2
Emissor:	José Joaquim Coelho
Destinatário:	Manoel de Carvalho Paes de Andrade
Data tópica:	Engenho Pacavira
Data cronológica:	23 de julho de 1834
Quant. de páginas:	1 página
Assinatura:	Joaquim José Luiz de Souza/ Francisco Camelo de Lacerda

Assunto: Relatar os resultados da exploração do Tenente Coronel Manoel Ignácio Bezerra de Mello em Pacavira e nos sítios das imediações.

Com indizível prazer comunico a Vossa excelência que uma partida comandada pelo Tenente Coronel Manoel Ignácio Bezerra de Mello, encontrou no dia 21 com o rancho do Chefe dos Salteadores Vicente Ferreira de Paula e que este fugiu pela precedência de um tiro dado por um dos soldados. No dia seguinte, 22, seguiu o mesmo Tenente Coronel pelo mesmo caminho, e entranhando-se por uma densa mata chamada – Sertãozinho, no meio dela encontrou poucos e pequenos ranchos de palha, onde residia o mesmo Chefe dos Salteadores, que escapou por estar com outros na caça, mas foram mortos dois célebres Salteadores, hum distinto pela resistência

que fez antes de morrer, e outro por ser o célebre português Proença, secretário, conselheiro, diretor e alma do chefe Vicente Ferreira. Este perverso português ingrato ao Brasil, que o tinha alimentado, estava a beira do fogo quando chegou a Tropa, que o matou. Com outras mulheres veio preza Lauriana Maria, conhecida por – Lula – companheira do chefe quadrilheiro Vicente Ferreira de Paula. Já estava esquecendo de dizer a V. Ex. que neste encontro, tomaram-se duas pistolas e uma clavina, e uma granadeira, hum baú com roupas, pouco dinheiro, e uma libra de ouro em obras, que tudo ficou em poder dos soldados menos as armas; e entre alguns papéis achei as cartas inclusas, que merecem sair a luz pela imprensa, principalmente a do facinoroso Pinto Madeira, que remeto em próprio original para lhe servir de culpa, e conhecer o Brasil a má-fé desta indigna fera que o Ceará produziu. Deus o guarde a Vossa Excelência.

### **ÍNDICES DE INDICADORES ANALÍTICOS DOC. 10:**

Neste relatório o Tenente Coronel Manoel Ignácio Bezerra de Mello, relata com grande satisfação o resultado de suas explorações informando a execução de dois célebres cabanos, inclusive o Proença. Cabano português, que segundo a escrita era a cabeça e a alma do líder cabano Vicente Ferreira de Paula. Embora Vicente de Paula tinha escapado por estar naquele momento caçando com outros cabanos, o comandante aprisionou Lauriana Maria, companheira do líder Paula. Apresento alguns itens semânticos produzidos na escrita estamental no que versa sobre o depoimento desta guerrilheira cabana:

Lauriana Maria/ Mulher	Codinome Lula/presa/amasia
Um filho/companhia/ensino	Se ocupava/ensino/escrever
O próprio/Proença	Andava doente/naquela ocasião
Chegou a tropa	Mortos/junto ao fogo/frio de sezão
Pequenos grupos/espalhados	Diferentes lugares/aflitos pela fome
Perseguidos/pelas tropas	Cabanos/falta de munição/guerra
Reunião/cabanos/Paula	Nada possui/nada havia/achados
Armas/munição/posse	Nada de preciosidade
Ignora/nomes/pessoas	Carta/Recife/outras partes

### **INFERÊNCIAS DOC. 10:**

Neste relatório a morte de dois célebres cabanos são anunciadas pelo Tenente Coronel Manoel Inácio, entretanto a prisão de Lauriana Maria “a Lula” guerrilheira e companheira do

Líder Cabano Vicente Ferreira de Paula se constitui como presença igualmente importante no relatório do Tenente Coronel e seu depoimento marca a presença definitiva da mulher no conflito cabano pela consistente reflexão sobre o povo cabano expressa em sua fala, embora codificada. Lauriana até então foi a mulher que a historiografia sobre a guerra não lhe negou o nome, porém, não se encontra nenhuma interpretação que valorize sua presença. Até o presente momento da pesquisa, as mulheres quando ousaram falar, a escrita estamental incriminatória a encobria e a voz do interrogador sempre se sobrepõe e a voz da mulher desaparece perdendo a razão. A existência de dezenas, centenas de mulheres brancas, mulheres negras, e mulheres indígenas, mulheres proprietárias ou não, sem voz nos relatórios da guerra, evidencia a insignificância desse segmento aos olhos de uma sociedade que nasce e cresce patriarcal. Nas primeiras palavras de Lauriana Maria vê-se que o interrogador precisa que ela confirme se o cabano morto era realmente o Proença. Nota-se que ele não tinham certeza, porque só o conheciam pela fama. Ela diz: era o próprio Proença, ele estava muito doente de sezão, estava com febre, por isso, diz ela, ele se aquecia diante do fogo. Presume-se que sem nenhuma condição de reagir a uma prisão.

O Tenente em sua escrita diz que Lauriana afirma que o Proença era o mentor do salteador Vicente de Paula. Essa fala é do comandante e não de Lauriana, ela não diria que Paula era salteador, essa fala é da escrita estamental. Mas adiante, Lauriana possivelmente lamenta a morte do Proença. Ela diz que tinha trazido seu filho para o acampamento e que o Proença se ocupava em ensiná-lo a ler e escrever e que o mesmo fazia com seu companheiro Vicente de Paula. Podemos analisar no depoimento de Lauriana, que ela sabia chamar a atenção enquanto falava ao mesmo tempo que tinha total consciência do sofrimento e da luta do seu povo. Um outro momento do discurso ela diz ao tenente que os cabanos andavam todos desandados e solitários, devido as constantes perseguições sofridas. Ela ainda afirma que seus companheiros e companheiras estavam espalhados em pequenos grupos por diferentes lugares. Nesta fala fica evidente que ela se referia as perseguições noturnas feitas pelas tropas onde os cabanos saiam em debandada em diferentes direções e depois não conseguiam se reunir por conta das constantes e simultâneas perseguições seguidas de prisões e mortes em diferentes localidades.

Não havia trégua para o povo cabano. Em sua reflexão Lula diz ao tenente que seu povo vivia aflito pela fome e podemos inferir a fome de que fala a guerreira Lula, que ela se referia a extinção das lavouras e dos roçados e da produção de mandiocas que eram destruídas em todos os acampamentos em que passavam as tropas. Lauriana ainda ressalta que seu povo estava com falta de munições para a guerra. A palavra guerra surge na fala da guerreira, porque para essa massa oprimida, humilhada e vítima de uma trama política organizada só restava o embate, a

guerra. O capitão interrompe em sua escrita a fala de Lauriana para assim escrever: esqueci-me de dizer que nesse encontro tomaram-se duas pistolas e uma clavina, um baú de roupas e demais objetos. O que mais Lauriana falou, foi ocultado.

Nessa conjuntura de perdas de direito vivenciados especialmente pelas mulheres ao longo dos séculos, se faz importante a memória destas e tantas outras que corajosamente enfrentaram e enfrentam, cada uma ao seu tempo, as violações de seus direitos e as diversas formas de opressões vivenciadas cotidianamente.

Demostrei nesse tópico algumas reflexões sobre as implicações ideológicas utilizadas na escrita estamental que desqualificou e criminalizou o povo cabano bem como gerou o silenciamento da participação das mulheres na Guerra Cabana. Demonstrarei como essa escrita documental estamental foi por muito tempo mantida pela historiografia tradicional que não se preocupou em refletir criticamente sobre ela, sobretudo com relação a participação da mulher no conflito cabano. Mais adiante descrevo o esquecimento historiográfico ou as mulheres figurantes, uma escrita historiográfica que não abriu espaços para compreensão das mulheres cabanas.

## **2.2 O esquecimento historiográfico ou mulheres figurantes**

Na historiografia tradicional alagoana o que se pode observar é uma grande similaridade com a escrita estamental a qual foi gestada dentro das ideologias do poder político e de senhores de engenho. A forma pejorativa da escrita nos arredores das Províncias de Alagoas e de Pernambuco contra o povo cabano, no século XIX, naquele momento da Guerra, invertia a imagem de agricultores pobres em animais ferozes e bandidos e essa difamação se ampliou de forma progressiva. O que Lindoso (2005) denomina de “linguagem estamental”<sup>7</sup> (LINDOSO, 2005).

Nesse sentido, as mulheres além de silenciadas nessa historiografia, elas também permaneceram invisíveis. No âmbito da historiografia tradicional alagoana podemos observar todas as formas de silêncio relacionados a mulher, sobretudo ao se tratar das populações mais pobres. Uma historiografia marcada por uma retórica da dominação e da opressão em contraponto ao oprimido, moldadas pelas narrativas dos manuscritos do Império e pela escrita

---

<sup>7</sup> Escrita influenciada pela ideologia da dominação de classe- ou seja: uma ideologia das representações sociais, onde foi gestada a historiografia tradicional alagoana “A imagem da dominação passa incólume como se não existissem práticas sociais que lhes eram agressivas, como a Guerra dos Cabanos” (LINDOSO, 2005, p. 17).

tradicional de perspectiva elitista de classe dos grandes proprietários rurais, das classes políticas e de grandes comerciantes locais. Nesta historiografia a mulher é totalmente excluída, um ser inexistente numa sociedade de homens. Podemos destacar os historiadores Craveiro Costa, em *Emancipação das Alagoas* (1983) e Moreno Brandão, *História das Alagoas* (1981). Embora se constituem como fonte de pesquisas, obras de importante consulta, inclusive, no que tange essa contradição da escrita, lançou ao esquecimento uma Alagoas plural em contraponto a Alagoas que “eles” os tradicionalistas costumam chamar em suas escritas de “civilizada”. Temos também a escrita de Antônio Joaquim de Moura, *Opúsculo da Descrição Geographica e topográfica, phizyca, política e histórica, do que unicamente diz respeito à Província das Alagoas no Império do Brazil*, 1844, que tipifica os movimentos sociais como uma prática “despropositada e abominável”. Utiliza itens semânticos para caracterizar a Cabanada como um levante de índios, escravos e brancos empobrecidos apontando-os como “odiosidades”, “nefandos”, “fraticidas”, “desgraçada luta”, “phalange dos papa usis”, “legião de demônios” e “barbaridades”. (p. 53). O historiador Craveiro Costa, em *Maceió*, 1981, se refere ao líder cabano Vicente de Paula como “[...] o campeão do absolutismo, guerrilheiro do banditismo e temível em toda parte dirige-se aos Alagoanos deixando claro seus fins políticos da terrível jornada sertaneja.” (p. 132). Ao povo sertanejo caracterizado como “[...] gente de toda espécie, bandoleiros costumazes, negros evadidos [...]” (p. 133). Os historiadores Moreno Brandão (*História de Alagoas*, 2004) e Jayme de Altavilla (*História da Civilização das Alagoas*, 1988), assim como também a historiadora Isabel Loureiro de Albuquerque em (*História de Alagoas*, 2002), reiteram o “longo discurso de difamação histórica”, cuja tipificação criminal é adjetivada por “choldra amotinada”, “povo inculto”, “banditismo”, “estúpida”, “boçal”, “quadrilha de papa-meis sombria”, “cabanada selvagem”, “sangrenta poracê”, “truculentos”, “ferozes”, “depredações horríveis ou sem ideal”.

Para refletir sobre o silenciamento das mulheres na escrita, especialmente a mulher na guerra cabana, me amparo ao pensamento da Orlandi (2007) que diz que no silêncio se constitui possibilidades, porque quanto mais falta, mas possibilidades de sentidos existem. Tem-se então a revisão historiográfica das escritas que não abriram espaço para as mulheres cabanas.

Uma outra historiografia surge descortinando o véu do esquecimento sobre a Guerra Cabana (1832-1850) na obra de Manoel Correia de Andrade (2005) atribuindo a esse conflito armado um olhar dentro de uma perspectiva tradicional, porém, não incriminatória. E a partir dos velhos documentos sobre a guerra, apontados na obra do historiador o segmento feminino reaparece nas entrelinhas documentais: “Entre várias mulheres aprisionadas veio a amante do

chefe cabano, Lauriana Maria, conhecida por Lula. (ANDRADE, 2005, p.163). Dessa forma, as mulheres figuram nas brechas documentais citadas na obra do autor. No entanto, nestas citações as mulheres são mencionadas como figurantes e se apresentam da maneira tradicional sem a produção de uma reflexão que lhes atribuísem valor nem de que forma elas participaram da Guerra. No entanto, a obra de Manoel Correa de Andrade *A Guerra dos Cabanos* (1965), livro considerado o desbravador do tema por apresentar um minucioso estudo da documentação com datações e descrição dos fatos dentro de uma perspectiva histórica tradicional.

Entretanto a presença das mulheres neste conflito, mesmo sem uma devida reflexão sobre os modos de participação, elas transitam nas narrativas a partir dos documentos citados pelos historiadores.

Décio Freitas (1978) descreve os fatos dentro de uma perspectiva sociológica e econômica num fazer historiográfico que expressa um tipo de narrativa onde os heróis são homens e mulheres da classe dominada e não das classes dominantes. Nas narrativas do autor, estão muito presentes as questões econômicas da sociedade, a exemplo da inflação, o uso de moedas falsas alterando, principalmente a situação da população mais pobre, as diversas condições de rebaixamento que levaram o povo cabano a lutar pela liberdade e sobrevivência diante das mudanças provocadas, principalmente pelo fator econômico. Num breve relato o historiador revela uma das formas de participação da mulher nos conflitos. Freitas (1978) narra que uma mulher cabana escondida num rancho foi indagada porque o galo de sua propriedade trazia uma trava atravessada no bico, presa por um fio de linha, ela respondeu que era para que ele não cantasse denunciando assim, pelo canto, as tropas e o lugar onde ela e o marido se encontravam (FREITAS, 1978). O historiador descreve alguns elementos culturais a exemplo do modo de vestir das mulheres. Segundo Freitas (1978), as mulheres cabanas usavam saias de chita, cabeção de morim e xale de quadrados vivos (FREITAS, 1978). Outra observação com relação às mulheres cabanas é quanto a religiosidade. Segundo o historiador, havia um sincretismo muito grande entre a religião cristã, os cultos africanos e os rituais indígenas. Resultado da diversidade étnica na espacialidade cabana.

Sávio Almeida no livro intitulado *Memorial de Vicente de Paula: o capitão de todas as matas* (2008) traça o caminho desse grande líder cabano com uma narrativa historiográfica pelo viés da história política e o conceito de elite durante o período da guerra, destacando os grandes tomadores de decisões que influenciaram o poder a exemplo de partidos e organizações políticas. São poucas as informações com relação a mulher cabana na obra do historiador, segmento que objetiva essa pesquisa. Segundo Almeida (2008), uma mulher de nome “Maria de Tal” e mais dois companheiros foram acusados de serem cúmplices na elaboração da fuga de

vários cabanos que estavam a bordo do “Providência” configurando-se assim como um indício documental revelador sobre a participação ativa da mulher em determinadas ações durante a guerra (ALMEIDA, 2008). No entanto, o historiador diz que “os homens foram mais sacrificados restando mulheres, velhos e crianças, menor peso na sustentação econômica de uma sociedade de aldeamento” (ALMEIDA, 2008, p. 176). Entretanto, um olhar mais atento poderia identificar a mulher como sujeito histórico possuidora de habilidades e práticas geradoras de determinações econômicas de sobrevivência. Ao dizer que os homens foram mais sacrificados que as mulheres durante o processo da guerra cabana, percebe-se um alinhamento com a escrita estamental que relegou a mulher a obscuridade histórica.

Podemos observar que as mulheres quando feitas prisioneiras, não possuíam nomes, eram mencionadas nos documentos em número ou quantidades: “Uma multidão de mulheres e crianças miseráveis [...] consumidores de carne e farinha” (FREITAS, 1978, p. 147).

Em *Utopia Armada: rebeliões dos pobres nas matas do tombo real* (2005), Dirceu Lindoso, ao narrar a Guerra dos Cabanos, descreve os documentos e fatos da cabanagem por uma metodologia histórico-cultural. Lindoso (2005) utiliza um método que foge da ortodoxia dos formatos tradicionais da narrativa histórica e conduz o leitor por um caminho narrativo revelador que nos coloca de frente aos fatos sociais. Seu modo antropológico revela modos de ser e de fazer dessa sociedade guerreira de modo a nos fazer compreender, de modo perceptível, não só o que os documentos oficiais nos induz a entender, mas também, o outro lado do discurso onde a sociedade cabana, na sua complexidade, foi protagonista.

Indícios documentais na historiografia de Lindoso (2005) nos permitem observar que as mulheres cabanas participavam de forma mais ativa na guerra, atuando como companheiras e combatentes dentro da espacialidade cabana. Segundo o historiador, o líder cabano Vicente de Paula, para facilitar a fuga das mulheres cabanas feridas durante um combate, pediu uma entrevista com o comandante militar (LINDOSO, 2005). Enquanto os dois líderes conversavam “os guerrilheiros atravessavam o rio transportando inúmeras mulheres feridas no combate de Jacuípe” (LINDOSO, 2005, p 353). Essa pequena trégua solicitada pelo líder cabano era apenas uma estratégia para a travessia das mulheres combatentes e feridas.

Uma carta escrita por um anônimo de Penedo e publicada nos jornais de Maceió, datada de 28 de janeiro de 1845, o historiador em sua reflexão e narrativa sobre a carta, observa que a escrita carregava os ingredientes que iriam compor o discurso estamental anticabano: “[...] filha de cabano, cabano é, isto é, não se podia ter piedade das meninas e mulheres cabanas que passaram a ser violadas impunemente” (LINDOSO, 2005, p. 49). Relatos de combates: “Aumentava assustadoramente o número de pessoas baleadas, principalmente mulheres, que

feridas eram arrastadas às prisões” (LINDOSO, 2005, p. 352). “Muitas foram as mulheres aprisionadas nesse ataque de 21 de julho de 1834, entre elas, a mulher de Vicente de Paula, a corajosa guerrilheira cabana, de codinome Lula” (LINDOSO, 2005, p. 360).

A partir da figuração da mulher na historiografia da guerra, se lançou uma luz sobre este segmento até então esquecido pela escrita tradicional. Neste sentido essa historiografia trouxe uma nova reflexão sobre a guerra, e rompeu com a visão preconceituosa sobre o povo cabano abrindo novas perspectivas de análise sobre a efetiva participação da mulher nesse conflito armado.

A obra de Dirceu Lindoso (2005) abre uma luz pela primeira vez na historiografia alagoana sobre a Guerra dos Cabanos, e categorias que outrora eram relegadas ao silêncio, surgem protagonizadas em *Utopia Armada* (2005). E a mulher embora de maneira ainda obscura, a maioria sem nomes, ocupam um lugar de figurantes na nova história de Alagoas. Abre-se um caminho, para pensar essas mulheres a partir de outra representação que não fosse a de vitimização. De acordo com o que diz Lindoso (2005), ao se referir a imagem feminina na guerra cabana, o autor salienta que as mulheres além de companheiras, mães, eram também guerrilheiras: “A Lauriana Maria, de codinome Lula, guerrilheira e companheira combatente, que compôs nas matas cabanas a saga de amor e de coragem da mulher pobre do povo, caída prisioneira no combate do reduto de Pacavira” (LINDOSO, 2000, p. 6). Outro momento em que Lindoso nos aponta que as mulheres tiveram uma participação na insurreição está em *A Razão Quilombola* (2011), outra obra do autor. Lindoso ao narrar os fatores essenciais que influenciaram o final da Guerra dos Cabanos evidencia a prisão de mulheres.

[...] e a prisão das mulheres cabanas que lutavam na guerra como guerrilheiras e como vivandeiras, na prisão do forte militar de Tamandaré, onde algumas foram assassinadas a golpes de cacete pelos soldados repressores (LINDOSO, 2011, p. 141).

Método de extrema violência contra a mulher na Guerra dos Cabanos evidencia que não se tratava de mulheres passivas e sim mulheres guerreiras, que resistiam, não se rendiam nem denunciavam seus pares.

Desse modo a presente pesquisa revisita essa historiografia, demonstrando como as narrativas historiográficas, embora residuais, abrem frestas com relação a participação efetiva da mulher. Para isso coloco em contraposição duas imagens construídas pela historiografia cabana para representar o papel das mulheres na história. Uma delas é a imagem de figurantes que tem sido predominante; a outra é a imagem de protagonistas, ou seja, aquela que incidem

sobre as formas da efetiva participação na história dos movimentos sociais particularizando a Guerra Cabana. Essa historiografia menciona a presença das mulheres nesse conflito, na maioria das vezes como vítimas, especialmente sobre a violência sofrida por elas. Porém, ainda que em silêncio, elas transitam nas entrelinhas pontualmente, aguardando quem as tragam das margens para uma nova interpretação. Estas informações pontuais, foram para essa pesquisa de grande valor histórico, porque afirmam a presença das mulheres neste conflito, mesmo que ainda não se tenha realizado uma operação historiográfica que avalie o lugar, ou o grau de participação desse segmento. Nesse caso, para conferir a elas o papel de protagonistas nos movimentos sociais como foi a Guerra Cabana.

Nesse sentido é pertinente observar que as mulheres vêm sendo incluídas nos discursos historiográficos e a presença feminina vem se revelando essencial nos acontecimentos sociais, especialmente na cabanada. Sendo assim a presente pesquisa realizou uma nova reflexão sobre esse tempo vivido por essas mulheres com base nos documentos e nos discursos historiográficos construindo uma nova narrativa capaz de revelar a imagem de protagonismo das mulheres nesse conflito. Além de uma reflexão sobre o aspecto “esquecimento” quanto ao gênero feminino, nesse momento da história, problematizamos sobre a forma pela qual as mulheres vêm sendo inseridas, como figurantes na escrita historiográfica, um ser nas margens. Sendo assim, compreendemos que não é o suficiente dizer que as mulheres foram presas ou violentadas pelos soldados opressores e sim buscar refletir sobre as diferentes formas de sua participação nesse conflito armado, conferindo a elas um lugar de sujeito de sua própria história.

Embora as mulheres apareçam frequentemente nas fontes documentais como passivas na guerra, não devemos nos cegar quanto à escrita oficial daquele momento e as lacunas deixadas pela mesma. Devido à pouca importância atribuída as mulheres, elas discretamente se constituíam como um elo essencial entre os guerrilheiros, cuidando da manutenção dos roçados garantindo alimentação para sobrevivência e continuidade das ações, transitando nas matas levando informações, cuidando dos feridos e quando precisavam, seguiam para os campos de batalhas acompanhando seus pares.

Luciano Figueiredo (2013), historiador da Universidade Federal Fluminense, em seu estudo sobre a mulher mineira no século XVIII, nos revela na trajetória das mulheres, aspectos extremamente importantes que por muito tempo ficaram ocultos e retifica também a sólida e consistente visão masculina na história onde as mulheres aparecem em papéis secundários de forma a reforçar os valores femininos da subordinação social:

Os caminhos da história da mulher, não se contam de modo claro e definido. São percursos sinuosos, intrincados, ao longo dos quais o historiador precisa dispensar cargas de muito preconceito presente nas fontes, desconfiar das suas lacunas, duvidar de suas verdades. (FIGUEIREDO, 2013, p. 142).

Entretanto as mulheres ainda transitam como figurantes na historiografia sobre a Guerra dos Cabanos, porém, mesmo sem ter havido uma reflexão sobre os modos de sua participação, elas aparecem nas narrativas pontualmente a partir dos documentos citados pelos historiadores. No caminhar desta pesquisa as imagens das mulheres figurantes serão transformadas gradativamente durante a produção historiográfica, em protagonistas, no terceiro capítulo intitulado, “Imagens do protagonismo histórico feminino nas Matas do Tombo Real (1832-1850).

### **3 IMAGENS DO PROTAGONISMO FEMININO NAS MATAS DO TOMBO REAL (1832-1850)**

Diante dos vários vestígios da ação feminina na guerra cabana, observados nos documentos encontrados (ofícios, cartas e relatórios), se fez necessário um exercício analítico e interpretativo<sup>8</sup> com o objetivo de revelar os diversos aspectos desta escrita que diziam respeito às ações, práticas e estratégias que se articulavam dentro de um espaço de conflito e de guerra. A partir daí desdobra-se uma problematização: quais seriam as práticas cotidianas do segmento feminino, que se caracterizam como resistência no cenário da guerra? Para responder a esta pergunta foi preciso realizar um percurso investigativo que refletisse sobre estes vestígios tornando-os evidências narrativas que pudessem clarear o que ainda se conhecia pouco, isto é, a cultura e as ações das mulheres na guerra cabana.

Com isso, elaboro a desconstrução do campo teórico que consolidou a guerra como espaço viril, onde homens armados, nominados, se transformaram em heróis, ocultando a vasta atuação do segmento feminino em diversas frentes de ação na guerra. Esse pensamento hegemônico do herói ou do bandido frente a ocultação do coletivo tem criado obstáculos a uma compreensão mais ampla dos aspectos fundamentais das ações sociais e culturais empreendidas pelas mulheres no interior dos conflitos sociais na história humana.

A guerra aqui estudada apresenta fatos culturais referentes às mulheres cabanas – hábitos, costumes, táticas, estratégias e ações – que indicam uma efetiva participação histórica das mulheres naquele movimento social. Com o objetivo de demonstrar o protagonismo de mulheres como Lauriana Maria, Ana Preta, Maria Luiza, Maria de Jesus, Dona Josefa, Maria da Conceição, Maria Baptista, entre outras guerreiras não nominadas na história, sobreponho-me à essa hegemônica representação de figurantes que lhes foi destinada em grande parte da historiografia brasileira.

Se nas primeiras seções desta investigação a ênfase foi na construção de uma análise sobre o aspecto do encobrimento da ação da mulher nas fontes documentais, bem como o esquecimento de uma reflexão historiográfica sobre uma participação feminina na Guerra dos Cabanos; nesta terceira seção, enfatizo a perspectiva da efetiva participação da mulher no campo de batalha. Partindo de uma abordagem criteriosa das fontes documentais, apresentamos os primeiros registros onde constam informações da presença das mulheres de forma ainda embrionária a princípio, porém, gradativamente vão assumindo o protagonismo histórico.

---

<sup>8</sup> Utilizamos os procedimentos do método de análise de conteúdos de Laurence Bardin (2011), que nos permitiu desvelar as pistas, os vestígios da participação da mulher no cotidiano da guerra. Utilizamos também o método microanalítico de Carlos Ginzburg (1989b), pela associação que os dois métodos possuem afinados na busca das pistas, dos silêncios, dos vestígios e das contradições que os documentos apresentam.

As mulheres que viviam nas Matas do Tombo Real – cenário da guerra e campo de batalha –, resistiam todos os dias, num cotidiano de medo e de opressão, construindo dentro daquele universo formas de sobrevivência, de luta e de resistência cabana. Lutavam pelo seu lugar de pertencimento, onde plantavam seus roçados, trabalhavam coletivamente e criavam famílias. Um pensamento que também se ampara nas reflexões do etno-historiador Dirceu Lindoso ao demonstrar que houve um longo processo histórico de resistência desta população das Matas do Tombo Real em contraponto à derrota sugerida nos documentos analisados e na escrita estamental<sup>9</sup> (LINDOSO, 2005).

Para a elaboração da escrita interpretativa desta seção nos amparamos na historiografia sobre a guerra e nos documentos analisados. É importante evidenciar que novas fontes foram encontradas<sup>10</sup>, e compõem o acervo para este momento da pesquisa por se tratar de fontes que nos possibilitou uma inquirição sobre o envolvimento da mulher no conflito cabano, portanto, auxiliando a interpretação dos fatos históricos e a participação da mulher na Guerra Cabana.

Desse modo, a participação da mulher combatente dentro do cenário da guerra se dará a partir das fontes descritas e analisadas na seção anterior que se constitui em relatórios de guerra, publicados em periódicos pernambucanos no período de 1834; termo de fiança que são manuscritos que revelam a soltura das mulheres e homens apreendidos durante a guerra, que fugiam da escravidão para as matas, unindo-se aos cabanos; bem como, cartas manuscritas enviadas entre os presidentes das duas Províncias datados de 1845 que revelam o envolvimento de mulheres no conflito cabano.

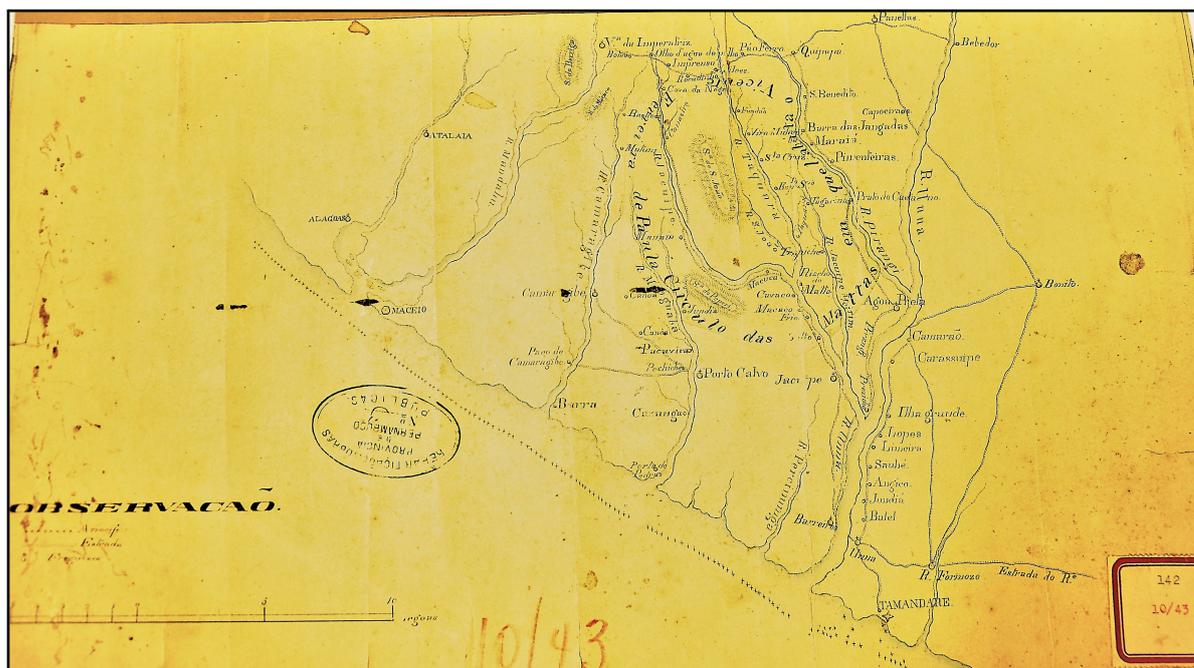
Acrescentamos ainda, o mapa<sup>11</sup> cuja intenção era demarcar o espaço geográfico para a localização e captura do líder cabano Vicente Ferreira de Paula, bem como a localização da gente cabana:

---

<sup>9</sup> Escrita influenciada pela ideologia da dominação de classe- ou seja: uma ideologia das representações sociais, onde foi gestada a historiografia tradicional alagoana “A imagem da dominação passa incólume como se não existissem práticas sociais que lhes eram agressivas, como a Guerra dos Cabanos” (LINDOSO, 2005, p. 17).

<sup>10</sup> APEJE, pp.16, em 06 de julho de 1845. Ofício do Presidente da Província de Alagoas ao presidente da província de Pernambuco.

<sup>11</sup> APEJE. Mapa da Repartição de Obras Públicas da Província de Pernambuco, datado de 1843, demarcando o espaço geográfico da guerra, que naquele dado momento indicava ser território das “Matas em que habitava Vicente Ferreira de Paula”.



Mapa do cenário da Guerra dos Cabanos, Alagoas e Pernambuco. Datado de 1843, Repartição de obras públicas - Província de Pernambuco.

### 3.1 O cenário<sup>12</sup>

Ainda na primeira metade do século XIX, havia uma densa mata cuja região, geograficamente, compreende-se como Norte de Alagoas e Sul de Pernambuco. Território que na época se chamava de Província de Alagoas e Província de Pernambuco. Cada província tinha seu presidente que recebia ordens da capital que ficava no Rio de Janeiro. A capital da Província era governada pelo Imperador. Um Brasil Imperial. As matas eram chamadas de Matas do Tombo Real por pertencer, segundo as regras políticas daquele tempo, a Coroa Real, ideia herdada ainda do Brasil Colonial. Visto que o Brasil tinha deixado de ser Colônia de Portugal para se tornar Império.

Essa mudança de regime traria também muitas mudanças nas regras sociais e culturais alterando a vida da população. Essas mudanças provocaram muitas revoltas no país. E foi em 1832 que eclodiu nas Matas do Tombo Real, a Guerra dos Cabanos. Já havia nessas matas, ricos engenhos de açúcar e plantação de fumo. Lindoso a descreveu como “um longo espaço de matas, que findava ao oriente, de encontro aos salgados marinhos, ladeado de rios, ao sul, de águas claras e barrentas, e, ao norte, de águas escuras” (LINDOSO, 2005, p.17). Uma área de 300Km de extensão e 60Km de largura. Essas matas eram descritas como matas úmidas pelas exuberâncias de suas águas, pelos rios e riachos, como descreve Lindoso (2005) e também pela

<sup>12</sup> Mapa do cenário da guerra confeccionado no ano de 1843 para delinear a região dominada pelo líder Vicente Ferreira de Paula e o povo cabano.

pouca intensidade do sol no seu interior. Uma mata rica em animais silvestres, frutos diversos e uma grande diversidade de árvores nativas. 2

Nas Matas do Tombo Real haviam muitos arraiaís<sup>13</sup> onde habitavam famílias de camponeses e lavradores pobres. Mulheres brancas, mulheres negras, mulheres indígenas e suas famílias espalhavam-se pelas longas extensões de matas, em casas de palhas de palmeiras silvestres. A essas casas deram o nome de cabanas por serem rústicas, de palhas e pisos de barro socado. Por causa da casa cabana passou-se a chamar também de “essa gente cabana”. Em torno delas as mulheres plantavam seus roçados e criavam seus filhos (LINDOSO, 2005).

Dentro dessas matas, bem como em suas extremidades haviam pequenas vilas onde moravam pequenos proprietários de terra. Quando a guerra começou, os ricos senhores de engenho recrutaram seus escravizados, alguns índios aldeados e os lavradores pobres de suas propriedades para lutar como soldados numa guerra de restauração do Reinado de D. Pedro I – que tinha deixado o Brasil (1831) e voltado para Portugal. Ou seja, queriam a permanência de seus próprios privilégios. Muitas pessoas morreram nesse conflito denominado de Guerra dos Cabanos.

Participaram dessa guerra, mulheres e homens camponeses e lavradores pobres, como também mulheres e homens que eram escravizados pelo sistema senhorial, bem como os homens e mulheres libertos e indígenas que moravam nas matas do Tombo Real. Ainda em 1832, os líderes iniciais da guerra foram presos e outros mortos, o que se pensava que teria sido o final de um conflito foi se transformando em um conflito ainda maior liderado por Vicente Ferreira de Paula. Ele que recebeu o título de Capitão de Todas as Matas pelos seus companheiros de resistência, foi considerado um líder popular até a sua prisão em 1850. Diz a historiografia sobre a guerra, que Vicente de Paula era filho de uma mulher negra escravizada e de um padre branco (FREITAS, 1978; ANDRADE, 2005).

Toda essa população que já se encontrava nas matas, armada ou não, aos poucos foi se unindo a esse líder. A Guerra dos Cabanos perdurou por mais 16 anos nas Matas do Tombo Real ocupando o interior das matas ainda virgens. E no interior dessas matas viviam também uma população de homens e mulheres negras, possivelmente remanescentes da comunidade palmarina e de seus antepassados que lutaram na Guerra dos Palmares, no século XVII, que migraram para dentro das matas. Nos documentos do século XIX eram denominados de papaméis e assim foram descritos pela historiografia.

---

<sup>13</sup> Era uma forma social nova apresentada por esses arraiaís guerrilheiros que os cabanos construirão no interior das matas antigas do Rei. Os arraiaís eram acampamentos mais bem organizados e numerosos e constituía uma forma de moradia que ficava entre os simples acampamentos e as povoações das regiões. Ver em (LINDOSO, 2005, p. 221).

Essa população de mulheres e homens negros “papa-més” apoiaram a liderança de Vicente de Paula e se uniram na luta cabana. Um número expressivo de mulheres e homens de origem africana, escravizados ou livres também fugiam da exploração do trabalho para se unirem aos guerreiros e guerreiras na luta cabana. Ao decorrer da guerra, muitas famílias proprietárias de pequenos sítios, na maioria mulheres brancas e viúvas, sentindo-se prejudicadas pelas forças nacionais da guerra que não as poupavam das destruições de suas roças e que muitas vezes tinham seus filhos e empregados recrutados, a força, para lutar contra os cabanos, também se uniram à luta. Algumas dessas proprietárias que apoiaram a luta cabana não escaparam à prisão.

Lindoso (2005) utiliza o conceito de evento multitudinário que quer dizer um evento de multidões. Os cabanos passaram a ser todas as pessoas que estivessem dentro do espaço deste cenário – das Matas do Tombo Real –, ao lado dos guerreiros e guerreiras cabanas contra o abuso dos senhores e das incursões militares. E isso incluía as mulheres e homens do campo cuja agricultura se constituía como meio de vida e sobrevivência. As mulheres e homens de origem africana, cansados de viver sob as mãos pesadas dos senhores escravocratas, além dos papa-méis que já viviam, em grande parte, livres nas matas, e ainda, os indígenas e pequenos proprietários que não aceitavam a ordem de evacuação de suas terras, se alinharam a esse conflito armado.

Os pequenos proprietários não aceitaram conviver com as constantes destruições de seus trabalhos nem com as ameaças de mortes de seus habitantes e não aceitavam o recrutamento. Muitas dessas terras eram de propriedade de mulheres cujos maridos já haviam caído em combate. Nesse cenário, segundo a descrição documental, era raro se avistar plantação de cana de açúcar nos territórios ocupados pelo povo cabano. Havia sim uma diversidade alimentar muito bem organizada por uma população, demonstrando já haver naquele período da guerra, uma organização social camponesa resultante do trabalho muito bem articulada e promissora no interior das Matas do Tombo Real.<sup>14</sup>

Dentro deste cenário havia plantação expressiva de arroz, feijão, milho, mandioca e inúmeras verduras e legumes. Para as forças nacionais da guerra, só foi possível desvendar, que o interior dessas matas já vinha sendo habitada por essa gente cabana organizada, por conta da guerra de guerrilhas que se intensificou ao longo dos anos onde as forças da Guarda Nacional avançavam para dentro dessas matas na caça aos cabanos.

---

<sup>14</sup> Tanto a organização social em arraiais e acampamentos quanto a economia de colheita e roçados se dirigiam unicamente a manutenção das atividades de guerrilha. Ver em (LINDOSO, 2005, p. 221).

Tal descoberta chegou a causar surpresa a certos comandantes ao chegarem no local. O Coronel Joaquim José Luiz de Souza, em 8 de agosto de 1834, narra o espanto que sentiu dizendo que “Os salteadores daqui para cima, para dentro das matas não experimentam fome não só pela ‘extraordinária abundância’ de roças, arroz, jerimum, cará e batatas e estes cabanos não estão em estado de magrém”. Essa descoberta deixou em pânico o poder senhorial que não poupou esforços para sua destruição. O temor era tão grande que o presidente da província de Pernambuco publicou no *Diário de Pernambuco*, no dia 18 de março de 1834, uma Proclamação convocatória e comparou a Guerra dos Cabanos à Guerra dos Palmares que tinha ocorrido há dois séculos:

Correi ao lado de vossos irmãos: Vinde partilhar conosco a glória do extermínio dos Cabanos: recordai a Guerra dos Palmares, em que a criminoso indiferença de homens livres deu anos de existência a insubordinação de escravos. (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 18 de março de 1834).

Havia uma preocupação e medo de uma nova sociedade alternativa fundada nas densas Matas do Tombo Real.

### **3.2 Mulheres no campo de batalha: práticas culturais de sobrevivência e resistência**

Por muito tempo no estudo da história, a importância das práticas de guerra configurava-se no âmbito do sexo masculino e o segmento feminino pouco tinha de práticas consideradas relevantes, que pudessem somar dentro do processo dos conflitos armados. O fazer feminino foi naturalizado como coisas secundárias, próprio das mulheres, com pouco sentido que as atribuísse um juízo de valor ou que fossem consideradas práticas de resistência. A partir das últimas décadas do século XX, estudos historiográficos têm evidenciado a participação efetiva das mulheres em diversos eventos históricos bem como em conflitos e motins armados e provocado assim, uma mudança significativa no olhar historiográfico sobre a perspectiva da mulher. Assim, como a historiografia mundial tem revelado novas interpretações sobre a participação efetiva da mulher nestes eventos, inclusive, revelando novos estudos sobre a participação feminina na Segunda Guerra Mundial, essa pesquisa buscou as marcas da historicidade por meio de evidências da participação efetiva da Mulher na Guerra Cabana ocorrida na primeira metade do século XIX, em Alagoas/Pernambuco.

Guerreiras sem nomes, sem rostos mas presente com seus corpos que não se pode refutar. Nesta seção, algumas mulheres inominadas aparecem no conflito cabano se entregando às autoridades do comando local, outras colaborando ou resistindo em constantes batalhas na

Mata do Tombo Real. Na maioria das vezes, quando se entregavam, era por serem idosas ou por estarem doentes, como afirma o geógrafo e historiador Manoel Correia de Andrade: “se entregavam homens de todas as idades, velhas curvadas com o peso dos anos, criança da mais tenra idade chorando com fome” (ANDRADE, 2005, p. 109). Mulheres que perdiam a força de atuação diante do terror e da fome nas matas onde eram perseguidas sistematicamente pelas forças exploradoras.

No relatório datado de 17 de maio de 1834<sup>15</sup> sob o comando do Capitão Sebastião Lins Wanderley, ele diz ter deixado algumas mulheres aprisionadas morrerem de fome e outras abandonadas a sorte sem tratamento médico. Neste período, além dos ferimentos de guerra e da fome pela destruição das lavouras, muitas mulheres adoeciam acometidas pela epidemia de bexiga e impaludismo. Doenças que levou a óbito uma grande parte da população cabana, de indígenas e de muitos soldados. Porém, as mulheres guerreiras resistiam e não se entregavam. A cada confronto entre cabanos e as tropas, mulheres e homens dos grupos cabanos se revelavam como força de resistência forçando os soldados e seus comandantes, muitas vezes a recuarem.

Nesse embate do dia 17 de maio o capitão relata que 15 homens cabanos foram mortos, e, uma mulher na luta pela resistência foi baleada e morta. Essa mulher guerreira morta na batalha cabana nas Matas do Tombo Real, no relatório do capitão Wanderley, ficou silenciada. Mulher sem rosto, sem nome, porém não se pode ocultar seu corpo feminino em combate explícito no relato do capitão. Esta mulher, cujo nome foi silenciado era do grupo armado por este motivo morreu em combate. Neste dia continuando a repressão militar, o capitão prende cinco homens papa-méis e uma mulher negra do mesmo grupo.

O Capitão Wanderley ao capturar esta mulher papa-mel foi informado que aquela guerreira era do grupo cabano e que ela, andava muito próxima ao líder Vicente de Paula. O capitão tentou fazê-la falar, entregar por onde estavam indo os cabanos informação que não foi dada por ela. Ele a enviou para o Comando geral para que este a interrogasse e que a fizesse falar para onde foram “os inimigos”, os cabanos. O capitão Wanderley sabia que essa mulher, era portadora de importantes informações as quais ele não conseguiu obter em seu interrogatório, por esse motivo ele a enviou para o comando para ser interrogada e forçada a responder tais perguntas na prisão. Ele se utiliza do termo “tirar dessa escrava”, ao se referir a esta mulher guerreira. O mesmo que dizer: obtenha informações a qualquer custo desta mulher.

---

<sup>15</sup> APEJE. Relatório do Capitão Sebastião Lins Wanderley (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 17 de maio de 1834, número 390).

Ele precisava saber para onde foram os inimigos daquele acampamento, onde eles conseguiam munição, e como eles conseguiam gados para se alimentar.

E ainda: quais as estratégias dos cabanos para não deixarem pegadas. Seria caminhando a pé por dentro do riacho massiapinho? Estas foram as perguntas formuladas e sugeridas pelo Capitão. Podemos observar diante dessas perguntas que o capitão sabia da relevância das informações que esta mulher guardava consigo, porém não obteve respostas da guerreira.

Fica evidente neste relatório que as mulheres apesar das ameaças, acreditavam nas causas de sua luta e não denunciavam como ato de resistência. Na maioria das vezes, tais interrogatórios, mesmo exercido sobre pressão não eram bem-sucedidos. O Capitão parecia perdido, cheio de dúvidas, não sabendo que direção deveria seguir. Desse modo usou de força para tirar dessa guerreira, as informações que lhe indicariam o próximo passo, para onde seguir sem prejuízo.

O que se pode perceber é que as mulheres eram portadoras de importantes informações e nem sob pressão das tropas, elas entregavam seus pares. Neste mesmo relatório uma outra prática feminina se expressa na escrita do capitão. Ele diz que neste acampamento existe uma quantidade extraordinária de mandioca e descreve que assistiu com seus próprios olhos o passo a passo da fabricação de farinha, realizado pelas mãos de algumas mulheres de modo artesanal, sem a ajuda da casa de farinha que sua tropa já tinha destruído: “Havendo quantidade extraordinária de mandioca no carão, ellas a arrancão, moem sobre pedras, espremem a massa em um pano, e depois deitando a em formas, ou vasilhas de barro sobre o fogo, e mexendo-a aprontam a farinha”<sup>16</sup>. Observamos que a destruição das casas de farinha dificultava a fabricação, mas não limitava as práticas culturais de sobrevivência e de resistência dessas mulheres. Uma prática feminina cultural e de sobrevivência que consistia dentro do espírito do trabalho coletivo, e, revelado no relatório do capitão.

As mulheres e homens que pertenciam ao mundo cabano, criaram durante o cotidiano da guerra muitas estratégias de sobrevivência e faziam emboscadas nas matas para surpreender os comandantes e soldados que os perseguiam diariamente. As mulheres cabanas circulavam pelas matas, percorrendo trilhas e picadas atuando em diversas frentes, levando recados, transportando munição, escondendo alimentos para não serem encontrados e destruídos pelas partidas exploradoras. Esses guerreiros e guerreiras treinavam seus cães para que esses latassem ao sentirem a presença inimiga como relata o comandante Manoel Inácio Bezerra das tropas em Jundiá, no dia 22 de junho de 1834. Ele diz que se embrenhou nas matas com sua tropa e descobriu um abrigo dos cabanos e tomou providências. Organizou um cerco para não deixar

---

<sup>16</sup> APEJE. Relatório publicado no Diário de Pernambuco em 17 de maio de 1834

escapar um só cabano: “Porém, como o mato fosse o mais espinhento encontrado e os salteadores tivessem um cão que sentindo a tropa ladrou”<sup>17</sup>.

O comandante relata que não teve tempo de se organizar e fizeram fogo sobre os cabanos que durante a troca de tiros escaparam pelas veredas e não foi possível encontrá-los. Essa estratégia cabana de treinar cães para dificultar a operação das tropas aparece em outros relatórios da guerra.<sup>18</sup> Os militares tinham como preferência prender as mulheres guerreiras ou meninas para interrogá-las, talvez, por acreditarem que seria mais fácil pela suposta fragilidade feminina, que elas denunciariam com facilidade. Mas as mulheres adquiriram habilidades, justamente, por saberem que elas eram alvo dos comandantes e sempre estavam pressionadas e forçadas a denunciar seu povo durante o interrogatório. Elas não ficavam caladas, como sugerem os relatórios e criavam narrativas fáceis de serem aceitas. As mulheres durante a guerra cabana em suas narrativas, embora apresentadas pela voz do interrogador, se utilizavam de tramas para confundir o itinerário dos exploradores legalistas dificultando o que eles chamavam de caça aos cabanos. Uma estratégia feminina para ocultar a informação. Davis em sua narrativa sobre as histórias de perdão afirma que algumas das “mulheres simples” e dos “pobres lavradores” acabam se mostrando possuidores de mais talento retórico ou de mais recursos narrativos naturais do que os letrados” (DAVIS, 2001, p. 161).

Marianna de Jesus, viúva e mulher de luta cabana. Ela foi até a delegacia acompanhada de seus quatro filhos menores, Marianna, Josefa, Joaquim e Manoel. Foi pedir esclarecimentos sobre seu marido José Francisco, ele, um guerreiro na luta cabana. Segundo Marianna de Jesus, seu marido havia sido preso por um corpo militar daquele regimento e morrerá nesta delegacia. No relatório datado de 12 de agosto de 1834, Marianna de Jesus demonstra coragem ao protagonizar esse momento, pois, por ser mulher da luta cabana, companheira de um guerreiro integrante do povo cabano poderia ela também, ter sido presa naquela delegacia.

O que nos leva a crer que sua presença e seu nome nesse episódio significava mais do que o que consta neste relatório? Ocorre que ao enviar o relatório para publicação, o coronel escreve: “Envio relatório para publicação, Vossa senhoria publique o que for conveniente e me devolva os originais.”<sup>19</sup> O que seria conveniente e o que não seria? O que continha o relatório que não podia ser explicitado? O que aconteceu com Marianna de Jesus durante ou depois do interrogatório? São muitas perguntas sem respostas.

---

<sup>17</sup> APEJE. Relatório publicado no Diário da Administração Pública de Pernambuco, fl.583

<sup>18</sup> APEJE. Relatório publicado no *Diário da Administração Pública de Pernambuco*, fl.606

<sup>19</sup> APEJE. *Diário da Administração Pública de Pernambuco*, fl.756.

A morte de seu marido lhe causava desamparo e com quatro filhos para criar naquele contexto hostil da guerra e, em meio a tantas perdas e destruição já vivenciados, Marianna reclamava o corpo de seu marido para poder enterrá-lo dignamente, um hábito cultural que o povo cabano procurava manter, mas que nem sempre lhes era permitido como mostra a publicação de uma carta no *Diário de Pernambuco*, em março de 1834. Carta que narra um massacre realizado pelo capitão Accioli nas regiões de Jacuípe, Baixa Seca e Massiape: “Os cabanos desse lado se encontram numa roda de fuzis e já não fazem resistência nem tempo tem de carregarem seus mortos, devoção que têm até então”. As informações e a busca pela verdade em torno da morte de seu marido foram omitidas, segundo a escrita. Tática de ocultação de informação própria dos relatórios militares para não prejudicar a moral dos soldados.

Quanto a informação sobre o corpo de seu companheiro assassinado naquele comando, a viúva Marianna de Jesus, sabia que não as teria, porque fazia parte do projeto das partidas exploradoras prender ou matar os que resistiam, que lutavam e não se entregavam, seja mulher, homem e até mesmo crianças. Certamente, esse enfrentamento de Marianna de Jesus, ao falar da morte do marido naquela prisão, causava certo constrangimento ao comandante diante de tal afronta de uma mulher. Marianna de Jesus sabendo disso, usou esse elemento como álibi no sentido de desconcentrar as tropas atrasando as buscas, pois sabia que seria envolvida na trama do interrogatório e isso levaria tempo.

Não fica claro o que de fato aconteceu, inclusive, com a viúva. Embora Marianna de Jesus tenha sido interrogada, sua fala é silenciada em contraponto a voz do interrogador que repete várias vezes: “Ela disse que...”; “ela também informou que...”. O que essa mulher teria dito e sobre que situação teria dito? Era conveniente publicizar? O relatório pesquisado não contém essas informações, porém fica explícito nas informações prestadas por ela, outra prática de resistência, ou seja, uma clara intenção da mulher em mudar ou atrasar o itinerário das tropas às regiões onde vivia seu grupo cabano. Desse modo daria tempo ao grupo escapar da caçada.

Então, forçada a depor, Marianna de Jesus disse em seu depoimento que os cabanos tinham fugido para um lugar chamado *Pimenteiras* e também para o *Cortado* e, que nesses lugares havia muita gente cabana. No relatório enviado para o chefe das Tropas em operação em Porto Calvo, entre os dias 5 a 8 de agosto, o capitão José Alves descreve de maneira breve, que o Tenente Coronel Carneiro foi com seus soldados explorar esses lugares indicados pela Maria de Jesus e que por lá nada encontrou. O Capitão, ao perceber que fora enganado pela

viúva Marianna de Jesus, disse que os cabanos presentiram a aproximação das tropas e, portanto, escaparam e que nada puderam fazer.

A ausência do interrogatório na íntegra dificulta a operação historiográfica, porém, não limita as interpretações devido as brechas deixadas na escrita na tentativa de reorganizá-la. Por exemplo: como reagiram os comandantes ao perceberem que tais informações poderiam ter sido criadas pela viúva? Foi preciso realizar uma reconstituição mental do interrogatório fazendo novas perguntas ao documento e comparando a outros, para fazer emergir as possíveis intenções da mulher interrogada na condição de mulher oprimida. No relatório, Marianna de Jesus é descrita como mulher cabana, portanto, o capitão não negou que ela fosse uma guerreira. Ela mentiu quanto a localização de sua gente o que revela uma intenção e uma posição de resistência.

É importante ressaltar que as mulheres nominadas figuraram muito pouco nas narrativas da guerra da história de Alagoas, portanto, foram as brechas desse discurso historiográfico que nos impulsionaram a uma interpretação mais atenta às estratégias sutis de Mariana de Jesus ao tentar persuadir o inimigo com tramas narrativas sobre o assassinato de seu marido, um camponês guerreiro e cabano pelas tropas daquele comando, além de ser ela, mãe de quatro filhos tanto que os levou em sua companhia.

O verão já se despedia quando as chuvas principiavam o inverno. Foi quando algumas mulheres da luta cabana se reuniam no Sítio Conceição localizado em Porto Calvo, território alagoano. Unido a elas estava José dos Santos, um dos comandantes cabanos, para juntos, traçarem algumas estratégias da luta. Este fato fica evidenciado quando um ataque surpresa foi realizado nas matas pelas tropas comandadas pelo Capitão Accioli. Elas avançam sobre o Engenho Conceição, no dia 14 de maio de 1834 e, apreende diversos bilhetes. Tais bilhetes que seriam enviados para o cabano Vicentinho e para outras lideranças cabanas tinham como propósito, segundo o relatório<sup>20</sup>, combinar um encontro com outros líderes, para juntos traçarem novas estratégias e os passos seguintes da guerra. O cabano José Santos fugiu deixando os bilhetes que foram remetidos pelo capitão Accioli para o Juiz de Paz.

Algumas mulheres guerreiras conseguiram escapar, outras foram detidas, todas elas presas, cabanas levadas para a prisão, cuja relação de seus nomes fora enviada para o Comando Geral. Depois de já ter encaminhado essas mulheres presas para o comando, o capitão Accioli recebe uma denúncia anônima com relação às prisioneiras sobre haverem objetos suspeitos nas

---

<sup>20</sup> APEJE. Relatório publicado no Diário da Administração Pública de Pernambuco, fl. 438, em 14 de maio de 1834.

trouxas das mulheres que foram presas no engenho Conceição. Ele então, envia um comunicado para que o comando indicasse oficiais para revistá-las:

Illm.Sr. Sendo-me comunicado pelo Capitão Francisco Manoel Accioli que revistem as troxas dos cabanos apresentando objetos suspeitos. Em virtude dessa denúncia nomiei uma comissão de 3 Srs oficiais para revistarem as referidas troxas cujo resultado verá V. S. na relação inclusa. (DIÁRIO DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA DE PERNAMBUCO, fl.438)

Na busca feita nas trouxas dessas mulheres e homens cabanos aprisionados no referido engenho, encontraram uma pistola, dois cabaços com pólvora, 15 balas, 16 cartuxos embalados e alguns papéis de correspondências. Podemos interpretar que essas mulheres do Engenho Conceição levariam essas armas para os guerreiros e guerreiras; além dos bilhetes que carregavam informações para os diversos líderes de comando cabano. Pela escrita do Capitão, haviam alguns bilhetes nas trouxas dessas mulheres, fato que revela, que entre os cabanos haviam pessoas letradas que sabiam escrever. Desse modo, as evidências indicam que as mulheres repassavam as informações adiante. Essas mulheres atuavam, como mostra os documentos, em uma prática de guerra de grande importância que se constituía no trânsito de informação e transporte de armas no desenrolar da guerra.

Depois de mandar o soldado entregar os bilhetes ao Juiz de Paz, o Comandante Accioli efetuou a prisão das mulheres: Dona Ignácia Maria da Conceição com uma filha, dona Patronilha dos Santos, Maria Fernandes com uma filha, Maria Tereza, Maria dos Anjos, Eufrásia Maria, Joana Maria e Ana Maria. Uma segunda relação consta as demais presas que foram levadas à prisão junto com filhas e filhos cujos nomes constam na relação das mulheres presas a seguir: Maria da Penha D'Albuquerque, Maria Rocha D'Albuquerque, Maria do Nascimento, Joaquina Maria da Luz, Rosa Maria da Conceição, Luiza Maria, Floriania Rodrigues da Silva, Rosa Maria da Conceição, Joaquina Maria da Conceição, Benedita Francisca, Maria da Conceição, Maria Francisca, Theodora Francisca. As mulheres negras aprisionadas são mencionadas como escravizadas: são elas: Luiza, Rosa, Luzia, outra Luiza.

Duas das mulheres presas no Engenho Conceição foram descritas na relação do Capitão Accioli como dona, o que nos faz refletir sobre essa diferenciação no tratamento da escrita é que se tratava de mulheres proprietárias e possuíam alguma influência política local. Por outro lado, essas mulheres, raramente levantavam suspeitas ao atuarem como informante. No relatório, o capitão se refere às mulheres negras como propriedade das “donas” do referido engenho e foram presas junto com as outras. Essas mulheres, provavelmente brancas e proprietárias de terras, também constituíam como colaboradoras e simpáticas a luta cabana.

Elas e as demais presas foram levadas à prisão junto com filhas e filhos. Todas mencionadas como mulheres Cabanas. Andrade(2005) relata que uma nova estratégia militar em Alagoas seria tratar com afabilidade a população da zona conflagrada para atraí-los, já que grande parte da população por temor ou simpatia colaboravam com os cabanos.

Na relação das mulheres presas no Sítio Conceição, percebi que Conceição figurava como sobrenome de algumas mulheres e cruzei essa fonte com dois Inventários que encontramos bem no início desta pesquisa, ambos foram encontrados no Fórum de Porto Calvo. O primeiro datado de 1846 e, o outro de 1856, e vi que havia alguma relação familiar. Os nomes de mulheres que figuram nos dois Inventários, também estão presentes no relatório do Capitão Accioli como prisioneiras cabanas em 1834. No entanto, tais Inventários não puderam ser transcritos inteiramente para esta pesquisa e, por estarem muito deteriorados pelo tempo e pela péssima conservação, não aprofundi a investigação nesses inventários e segui adiante com a pesquisa com outras fontes.

Há aqui uma preocupação de mencioná-los agora pela semelhança contida neles e por se tratar de mulheres no período da guerra e pós-guerra vendendo suas propriedades. Essas propriedades cuja economia não giravam em torno dos grandes engenhos de açúcar e sim na agricultura diversificada, em sua maioria sofreu empobrecimento por conta das constantes destruições realizadas pelas tropas durante a guerra e que, por consequência, gerou uma escassez de mão de obra. A mais de uma década, ao visitar esse cenário onde se desenvolveu a guerra podia-se observar que essas propriedades estavam destruídas.

Presume-se que o fato dessas terras estarem improdutivas favoreceu aos movimentos sociais agrários lutarem pela posse de muitas delas. Desde então, este Cenário onde os cabanos lutaram pela sua posse durante o século XIX, tornou-se realidade durante o século XX pela luta dos grupos sociais agrários. Retornando ao cruzamento das fontes, elas evidenciam que tais mulheres, embora proprietárias de terras, apoiavam o conflito cabano aparecendo presas em 1834. Por outro lado, os documentos apresentados reforçam nossa interpretação de que a mulher da guerra cabana era geradora de uma economia local, se constituindo como atuantes na história.

Depois dessa prisão de mulheres da guerra cabana no sítio Conceição, o Capitão Accioli designou o Major Francisco Arruda Câmara para que ele saísse do Engenho conduzindo as prisioneiras cabanas até a prisão. Seguindo em direção ao Engenho Mundo Novo, o Major relata ter encontrado no caminho uma porção de pessoas pertencentes aos salteadores, onde novo embate foi travado. Diz que avistou um grande roçado com alguns “salteadores” e abriram fogo sobre eles, o que foi correspondido a altura. Ali, duas mulheres se

destacam nesse combate enquanto as demais fugiram. Nessa troca de tiros os soldados mataram uma mulher guerreira e prenderam outra, saindo um soldado ferido. Mais um embate que oculta nome, rosto e sem nenhuma descrição da mulher, apenas um número.

Segundo esse relato, podemos observar que os salteadores avistados nesses roçados eram mulheres. Essas mulheres cuidavam dos roçados onde uma foi baleada e morta pelos soldados repressores, enquanto outra mulher não conseguiu escapar e foi aprisionada. As demais conseguiram escapar e não foram encontradas. Segundo Décio Freitas (1978), “os trabalhos das lavouras eram executados, sobretudo pelas mulheres e, tanto as mulheres quanto os homens, tinham sempre uma arma ao alcance da mão” (FREITAS, 1978, p. 114). Podemos constatar no relato acima que neste roçado só encontraram mulheres, o que confirma a tese citada historiador.

A perseguição dessa gente camponesa das matas ao Norte de Alagoas e Sul de Pernambuco se intensificava e famílias inteiras, onde mulheres, homens e crianças ficavam expostos a todo tipo de violência, no entanto, como podemos observar, resistiam. Em maio de 1834 um destacamento comandado pelo Capitão Sebastião Lins Wanderlei Padrinho fixou posto de comando em Porto Calvo. A partir de primeiro de maio ele diz ter batido as regiões, Mangibura, Água fria, Moura, Capiana, Genipapo, Samba, Lavagem, e Maruim, local onde se compreende hoje a Zona rural de Maragogi, território alagoano. O capitão relata ter avistado muitos salteadores, porém, eles fugiam de um lugar a outro dificultando a operação.

Ele diz que voltando ao Genipapo<sup>21</sup> encontrou muitos deles que haviam retornado ao local e houve muita troca de tiros. No Sítio do Oiteiro, uma mulher guerreira foi baleada e morta em combate e uma menina que também combatia, saiu ferida. Relendo com atenção este relatório do Capitão, podemos concluir que no Engenho Genipapo e no sítio do Oiteiro, a tropa se confrontou com mulheres da luta armada, inclusive, que eram guardiães de algumas armas e munições que foram encontradas no Sítio. Ao dizer que mataram uma mulher e feriram uma menina e nenhum homem, fica explícito a participação feminina neste episódio. O Capitão acrescentou, que em seguida, capturara as competentes armas encontradas com elas (6 granadeiras roladas, 7 espingardas finas, 3 baionetas com centrões e 3 facões), como fica evidenciado nesse relato de maio de 1834.

As chuvas de inverno caíam grossas e encharcavam o solo. Os rios enchiam e não davam vazão ao volume de suas águas e o frio aumentava no interior das Matas do Tombo Real. Muitas mulheres durante as constantes batalhas, fugas e resistência deixavam para trás seus pertences, que eram destruídos pelas forças opressoras ao chegar no local. Destruíam

---

<sup>21</sup> Engenho Genipapo localizado no município de Maragogi e foi local de embates cabanos.

também seus roçados e suas cabanas deixando-as sem abrigo e com fome. A interiorização do sentimento de guerra bem como de resistência, foi sendo construído de forma sistemática e gradativa pelas mulheres que expostas a todo tipo de punição e violência, alteravam drasticamente suas vidas, ressignificando-as de condição de mulheres pobres do campo a mulheres da resistência cabana. Lutar para essas mulheres já não era uma opção e sim uma condição. Assim criaram um modo cultural de organização do trabalho coletivo e de resistência cabana. Eram treinadas a mentir durante os interrogatórios, além de seguirem armadas junto de suas companheiras e pares durante os eventos de conflito.

Devido aos constantes avanços e recuos, e fugas, que precisavam fazer constantemente se deslocando de seu lugar de pertencimento, adquiriram um conhecimento sobre o cenário da guerra. Cenário que se constituía em trilhas, veredas, picadas, rios, animais silvestres e muita mata por onde passavam, dominando assim o território cabano. Muitas vezes eram feridas ou mortas em combate, onde também feriam e matavam soldados para se defenderem. Entendemos que a resistência dessas mulheres não foi destacada, porque denotava a intencionalidade de camuflar a desmoralização da masculinidade dos comandantes frentes ao poder de fogo do povo cabano, em algumas ocasiões.

Em junho os comandantes das tropas fizeram uma pequena trégua devido as constantes chuvas de inverno que caíam no interior das matas: “Espero que o tempo melhore e que os rios vazem para mandar perseguir os salteadores nas matas do frio à margem do rio Jacuípe”<sup>22</sup> Território ainda desconhecido pelos soldados que demonstravam ter grande dificuldade de transitar pelas picadas cheias de armadilhas e terrenos espinhosos dentro das matas.

Com a estiagem, as partidas exploradoras voltam a explorar as matas e no dia 20 de julho. O Capitão Accioli firmando seu destacamento nas redondezas do lugar chamado Pacavira, atacou de surpresa o acampamento cabano de Jundiá onde foram recebidos a bala. Mulheres e homens cabanos estavam em alerta e houve trocas de tiros. Neste confronto duas mulheres inominadas acabaram mortas em heroica resistência. O Capitão Accioli fala da dificuldade de combater os cabanos dessa região e no relato ele escreve que “Ahi percebemos uma descarga de 10 tiros dos cabanos que me esperavão, e evadirão-se para dentro das mattas sem que eu os pudesse pegar, não os pude seguir mais por estar com um soldado estrepado”. Neste confronto as mulheres participaram ativamente tendo morrido 2 mulheres e 11 homens

---

<sup>22</sup> APEJE. Relatório publicado em 22 de junho de 1834 no Diário da Administração Pública de Pernambuco. fl.666. Quartel do comando em Porto Calvo.

cabanos. Os demais escaparam pelas veredas que davam para o interior das matas, território que conheciam bem.

Algumas mulheres que viviam nas povoações e vilas apoiavam o conflito, às vezes comprando munição para o povo das matas quando solicitadas, constituindo assim mais uma prática de guerra realizada por elas. Podemos observar as evidências, ao analisar os documentos, que a mulher no decorrer da guerra vai se tornando cada vez mais uma importante aliada na causa cabana. Por isso elas aparecem atuando em diversas situações – mesmo que discretamente na escrita. Em relatório de oito de julho de 1834, consta que, enquanto as tropas seguiam pelas matas em operações de explorações, uma comissão de cabanos formada pelo cabano Antônio Martins, Bento e Inácio Pontes desceram para a povoação do Abreu para comprar pólvora e cartuxos para armas de fogo. Uma mulher foi apontada por ser uma das compradoras de cartuxos para o cabano Ignácio Pontes. Este guerreiro cabano tinha passado para essa mulher alguns “patações”<sup>23</sup> para que ela comprasse a munição. Ao ser interrogada pelas autoridades, ela diz que foi procurada sim pelo Cabano Ignácio Pontes, porém não comprou os cartuxos. Habilmente ela mentiu para o oficial criando uma narrativa e atraindo a atenção para si.

O cabano Inácio Pontes, tinha descido à Vila junto com uma comissão de cabanos que utilizaria pessoas do povoado para comprar pólvora como informa o relatório. Enquanto a atenção militar estava voltada para a questão que envolvia a mulher e o procurado cabano Ignácio Pontes, o movimento cooperativo do Povoado, possivelmente, comprou a pólvora e entregou a comissão que voltou discretamente para a guerra de guerrilhas nas Matas do Tombo Real.

A visão predominante é sempre a masculina, inclusive são citados nos relatórios com nome e sobrenome como é o caso de Inácio Pontes e muitos outros. A mulher é apenas um corpo em movimento, sem rosto, sem nome. Sua presença e suas práticas de colaboração e participação são efetivas no andamento da guerra, como podemos observar. No entanto, as evidências muitas vezes se apresentam em lugares pouco visíveis e uma observação histórica apressada pode não identificar o sistema de símbolos contidos nelas.

De pés nus sobre a terra molhada ou sobre trilhas espinhentas, as mulheres caminhavam, muitas vezes corriam sozinhas ou carregando seus filhos, armadas ou não, seguindo pelas picadas, pelas veredas e trilhas sinuosas numa luta pela resistência e sobrevivência dentro das densas Matas do Tombo Real. Em fugas estratégicas, ou em fugas

---

<sup>23</sup> Patações: moedas de prata com poder de compra, mencionada no Relato da operação das forças acampadas das explorações nas matas, assinado por Joaquim José Luiz de Souza em 8 de julho de 1834. APEJE. (Diário de Administração Pública, fl.606).

desesperadas sob tiros ou mesmo transitando com discrição, sem serem notadas, ao levar recados e avisos para as companheiras e companheiros de outro acampamento comunicando que as tropas estavam a caminho. A cada acampamento havia resistência e tensão na chegada das Tropas.

Fazia parte da estratégia cabana, em guerra de guerrilha, migrarem constantemente para outros acampamentos e depois retornarem iniciando novas atividades. Muitas vezes levando sacas de milho e de macaxeira para evitar a fome pela destruição sistemática que eram realizadas pelos soldados repressores. Algumas vezes, despachavam a mercadoria, com discrição por pequenos barcos ou botes ao longo dos estreitos e abundantes rios no interior das matas. Outras vezes as escondiam para pega-las depois, como aparece no relato de uma carta datada de 1845, onde uma mulher guerreira que seguia junto com o líder cabano Vicente de Paula e seu grupo armado irá nos revelar adiante. Enquanto os camponeses guerreiros e guerreiras seguiam caminho, duas ou três mulheres arriscavam suas vidas permanecendo no acampamento, possivelmente de forma estratégica, para mostrar normalidade e frear a tropa repressora por um tempo.

Na maioria das vezes prestavam depoimento como era de costume. Desse modo, quem estivesse em fuga ganharia mais tempo para se organizar, pois, a tropa só seguia em frente depois de interrogar as prisioneiras, de revistar as casas, pilhar tudo que podiam e depois de destruírem as lavouras, como consta em todos os relatórios estudados. Onde tinha cabano, seja meninas, meninos ou mulheres, as tropas permaneciam na tentativa de fazê-las confessar para onde tinham ido a maioria deles. Desse modo, enquanto eram presas para interrogatório, essas mulheres guerreiras criavam narrativas confusas, codificadas, com poucas informações. Essas mulheres faziam resistência e eram ameaçadas de todas as formas, mas seus depoimentos eram estratégicos, não diziam o que eles queriam ouvir.

No dia 5 de agosto de 1834 uma tropa com 125 soldados comandada pelo então Coronel Pedro Antônio Vellozo da Silveira marcharam para dentro das matas em lugares, segundo ele, ainda não percorridos por nenhuma tropa. No relatório a decepção: por todos os acampamentos e sítios com grande roçados e plantações que passavam, as casas estavam vazias apenas com algumas brasas ainda acessas nos fogões e nenhuma mulher ou homem cabano. Assim percorreram dias, destruindo casas e roçados, pilhando os pertences e nenhum cabano. Prova que havia uma comunicação estratégica do povo cabano que chegava antes das tropas, constituindo assim, táticas de guerrilhas. O coronel relata que vez por outra se escutavam tiros saindo de dentro das matas. Fica evidente que os tiros se constituíam como forma de comunicação cabana na intenção de avisar que as tropas estavam a caminho. As vezes

encontravam mulheres, alguns objetos e alguns roçados e as casas vazias. Então, destruíam os roçados e pegavam todos os pertences encontrados no local. Normalmente nomeavam os objetos encontrados e quanto as prisioneiras, eram apenas números e corpos sem nome.

Nos primeiros dias de agosto, quando a tarde findava e os últimos raios de sol prenunciava a noite nas Matas do Tombo Real e passadas as tormentas das chuvas de inverno, as lavouras e roçados se encaminhavam para o tempo da colheita nos territórios cabanos. O capitão Vellozo e seus soldados marchando a mais de dois dias por diversos acampamentos cabano, destruindo lavouras, sem conseguir matar ou prender os guerreiros que habilmente, se esquivavam por dentro das matas em ato de resistência, atrapalhando assim, o êxito das explorações. Depois de alguns dias avançando por dentro das matas, as 4 horas da tarde do dia 7 de agosto de 1834, no lugar chamado Serra do Pirangi como relata o Capitão, ele e seus 125 soldados avistaram um grande acampamento, com um grande número de roçados e grande quantidade de legumes prontos para colher, constando de 12 casas, e assim descreveu: “sitiei os roçados pelo encontro das matas e ataquei avançando para dentro das casas”. Essa exploração não surtiu grande efeito como planejava o capitão Vellozo, configurando assim, consecutivas derrotas para as tropas nestes primeiros dias de agosto.

Ali encontraram 5 mulheres e alguns meninos. Para mostrar serviço, decidiram interrogar as mulheres desse acampamento na intenção de fazê-las falar. As mulheres depois de fazerem resistência, negando as informações solicitadas pelo capitão, elas foram amarradas, presas para forçar a confissão. Então uma delas disse que naquele acampamento viviam mais 15 homens. Ameaçadas, elas disseram que os homens estavam longe, fazendo suas vidas. O capitão ameaçou mais duramente, agora com castigos, caso elas não dissessem a verdade. Uma delas confessa ser a parteira das outras, disse o Capitão. Os homens foram para Pimenteiras? Responderam: não sabemos. Então foram em guerrilha nas matas do Couceiro? Também não sabiam dizer.

Pressupõe-se que o capitão já perdia a paciência. E penetrando para dentro das moradias dessas mulheres, destruiu tudo. Relata ter encontrado várias moquecas com sal e perguntou onde adquiriram tanto sal. Uma das mulheres disse que ela tinha um freguês na ilha das flores e que ele trazia de tempos em tempos. A outra, disse que fazia seus negócios com um morador do Engenho Capoeira e, sendo forçada a falar, deu o nome de Manoel de Jesus. Logo, o Capitão identificou que no dito Engenho mencionado pela mulher moravam os irmãos João Nunes, dois cabanos apreendidos. A mulher não revelou o nome dos irmãos Nunes. Desconfiado, que essas mulheres fossem guerreiras cabanas e sem obter as informações de que precisava, o Capitão as

enviou presas pedindo ao comandante para tomar medidas adequadas a esse respeito e que marcasse então, seus destinos.

Pelo que podemos observar essas mulheres não ofereceram resistência à prisão, mas ofereciam perigo, portanto, seus destinos seriam traçados, como ressalta o relatório. Andrade (2005) em sua obra sobre a guerra também apresenta documentos que reforça essa prática de expulsão das mulheres do território cabano, revelando que no ofício publicado em 15 de maio de 1834, por ordem do Coronel Joaquim José Luis de Souza, há uma ordem para que “essas mulheres cabanas devem ser conduzidas para fora do terreno sitiado, pois se ali ficassem não deixariam de procurar notícias e de socorrê-los. O lugar deveria ser o suficientemente distante para evitar que tivessem notícias.” (ANDRADE, 2005, p. 170). Mais adiante o Coronel insinua que essas mulheres receberiam caridade dos fiéis.

Portanto, fica evidente que muitas mulheres da guerra cabana, trabalhadoras rurais, não só estavam sendo destituídas de seus direitos, mas, sendo enviadas para longe de seu lugar de pertencimento para depender da caridade alheia, como acrescenta o Coronel, insinuando que tais mulheres poderiam mendigar ou quem sabe se prostituírem se quisessem sobreviver. Tais evidências nos revelam que naquele contexto da guerra em meados do século XIX, a exclusão social feminina funcionava como um instrumento senhorial. Segundo Lindoso (2019), na formação social de Alagoas o emprego da violência senhorial tinha como objetivo coibir a ascensão plebeia na sociedade colonial, ressaltando que a forma senhorial de domínio do senhor de engenho sobre as mulheres camponesas, em geral mestiças e brancas pobres, e sobre as mulheres negras escravizadas e índias-servas (LINDOSO, 2019, p.198)

Para refletir sobre o lugar dessas cinco mulheres, pensei como identificar suas intenções silenciadas e do que elas dispunham de recursos de sua própria cultura cabana que eu pudesse perceber como vestígios, e trazer para minha escrita interpretativa já que toda sua fala no interrogatório é dita pela voz do interrogador que pode moldar o discurso de acordo com sua conveniência, além de serem muito reticentes. 125 homens ameaçadores e 5 mulheres em situação de risco. Analisando com atenção no depoimento dessas mulheres não nominadas, não se observa nada que comprometa sua gente cabana. Embora estivessem aprisionadas e ameaçadas, ainda assim, não entregaram a localização dos cabanos, disseram não saber, além de revelar um nome com quem fazia negócios que era desconhecido da tropa, como prova de resistência.

Por outro lado, essas mulheres durante o interrogatório expuseram o seu modo de vida cabana, revelando um pouco de si e de sua cultura. Embora, como de costume, os relatórios sejam reticentes com a fala da mulher e os interrogatórios silenciem seus nomes, eles podem

expressar em sua narrativa vestígios importantes. Nesse relato duas mulheres se apresentam como negociantes ao dizer que faziam negócios e trocavam mercadorias fora do acampamento onde viviam, enquanto que outra revelou ser parteira. Portanto, portadoras de determinações sociais, culturais e econômicas locais. A profissão de parteira sempre foi muito reconhecida, principalmente nos interiores onde não havia médico, principalmente para a população pobre das matas, além de terem livre acesso a todos as localidades.

Portanto, tanto as mulheres que se revelaram negociantes, quanto a parteira, poderiam trazer e levar informações ou transportar mercadorias para a gente cabana pelo livre acesso que possuíam. A presença dessas mulheres naquele dado momento e lugar, tendo todos os moradores escapado dessa investida das tropas, pode representar bem mais do que o relatório apresenta.

Evidentemente que essas mulheres possuíam habilidades narrativas. Nos interrogatórios que eram constantes, elas ressaltavam o que achavam essencial e ocultava o que devia ser prejudicial a causa. Nessas habilidades femininas nunca se percebe, nem nos discursos do relator, algum tipo de fraqueza ou pedido de perdão ou desculpas. Ao contrário das mulheres abastadas daquele tempo, que eram treinadas a conter suas emoções, justamente para diferenciar das demais como forma de superioridade de classe, ou por medo de se exporem, as populares que estavam sendo destituídas do pouco que tinham, não tinham nada a perder. Essas camponesas negras, brancas pobres e indígenas por experimentarem todo tipo de violência e perdas durante a guerra, se expressavam com menos pudor e lutavam por suas vidas e pela sobrevivência de sua gente.

Para as mulheres da guerra cabana, as questões que as levaram a luta, era a proteção de seus filhos (as), sua casa e seus roçados que se constituíam como formas de vida e subsistência nas matas. As prisões e ataques às suas vidas e de suas filhas menores, bem como a destruição de suas moradas e lavouras eram constantes e não é de surpreender que essas mulheres tenham assumido posturas mais radicais como ir para a linha de frente. O mínimo de organização social e cultural era necessário para se manterem vivas. Havia algumas mulheres, possivelmente as mais jovens, ou aquelas que possuíam habilidades com armas que participavam das emboscadas e levantes. Outras cuidavam dos roçados, porém, atentas e armadas caso fossem surpreendidas pelas tropas do governo.

Dotadas de habilidades narrativas seriam as mulheres e meninas que normalmente eram presas e interrogadas. Tal habilidade se tornou uma grande forma de resistência, tanto que, passou a ser observado por alguns comandantes. Num relatório publicado no dia 8 de julho de 1834 o major Francisco Antônio Pereira dos Santos ao justificar o motivo de seus soldados

terem matado o Cabano Ignácio Pontes, que já estava preso e sendo encaminhado à prisão, afirmou que este Pontes, era o escalador de mulheres e meninos para os Jacobinos, portanto, para o Major, este cabano era perigoso por escalar e treinar mulheres para as práticas da guerra.

Ainda que essas mulheres sejam silenciadas na maioria dos documentos, ainda assim, muitas vezes seus nomes aparecem em envoltivos pontuais em cartas, ofícios e relatórios durante a guerra. O que denota sua participação efetiva nos eventos. Uma mulher de nome Maria Baptista, narra que vinha com o líder cabano Vivente de Paula e mais seis papa-méis numa diligência, quando um encontro surpresa com uma tropa militar aconteceu no centro das matas à beira de um rio. Um ofício enviado pelo Coronel Jacinto Paes ao Presidente da Província de Pernambuco participa o acontecimento, em 29 de junho de 1845.

Nesse dia, os cabanos João Alves e Barrinhos tinha vindo na casa do Índio Ancelmo e lá encontrou também uma mulher de nome Maria Baptista que veio procurar proteção a Ancelmo e estava bastante nervosa. Ela disse em frente ao Barrinhos e Ancelmo que ela e todos que vinham com Vicente de Paula e mais seis papa-méis “em procura de um mandiocal e ver uns arroz que têm botado no Rio” e que quando estava procurando, que depois de atravessarem o rio, quando subiam a ladeira, Vicente que ia na frente parou e disse: estamos perdidos. Ela conta que com essa voz, ouviram também uma grande porção de tiros e Vicente caiu pela ladeira abaixo, ela saiu correndo desesperada e os negros fugiram dispersando-se.

Maria Baptista diz que Vicente ficou muito ferido que é possível que tenha morrido. Ela narra que seguindo em marcha encontrou “hum dos negros muito chorozo dizendo que Vicente tinha morrido e que hia por isso procurar fugir para fora das mattas”. Podemos observar neste registro narrativo uma presença feminina efetiva e participativa. Maria Baptista não só pertencia ao grupo seletivo do líder cabano Vicente de Paula, mas estava ao seu lado acompanhando-o na procura dos alimentos camuflados no rio, além de se encontrar e se relacionar com alguns companheiros de confiança do líder, como mostra a correspondência.

Em sua narrativa, Maria Baptista desenha o cenário do acontecimento e conta com detalhes o sentimento de pavor trazido pelo elemento surpresa desse encontro, fala com quem estava e o que faziam naquele lugar. Portanto, um documento cheio de evidências produzido e deixado por um olhar feminino durante a guerra. Contudo, a habilidade de Maria Baptista nesse relato foi insinuar que Vicente estava morto, afirmando que ele ficou muito ferido, além de trazer habilmente para sua narrativa, uma testemunha que endossa essa informação: o homem negro e choroso. Além disso, ela sabia que essa informação se transformaria em notícia. Embora ainda não se confirmava a morte do líder, ela sabia que a presente notícia além de chegar a Vicente de Paula, acalmaria por um certo tempo o avanço das tropas. Assim, se

Vicente tivesse sido baleado de fato, não iria longe e teria tempo de se recuperar. De certa forma, sua estratégia teve um resultado positivo.

Além disso, nos deparamos com um outro relato desse mesmo episódio narrado pelo lado oposto num manuscrito datado de 30 de junho de 1845. O capitão Francisco Camelo de Lima, narra que vinha com as tropas pelo lado do Norte e encontraram muitos vestígios de terem passado por ali muitos inimigos e uma segunda força “enguelhilou-se” em distancia, do mesmo acampamento em Alagoa dos Gatos seguindo para o Sul. Marchando em frente, encontrou inimigos e ouve trocas de tiros, resultando na morte de um homem e de uma mulher, ambos guerreiros cabanos. Em “três quartos de uma hora”, diz o capitão, quando seguiam pelas estreitas trilhas ao Norte por dentro das matas, avistaram nove a dez papa-méis e na frente:

um homem que trazia chapéu de couro, calça parda e jaqueta parda e um clavinete no braço direito, muitos dos soldados de Jacuípe dizem que conhecerão ser este homem o Vicente de Paula, fadigarão-se e fizeram uma descarga pesada contra elle. (*Diário da Administração Pública*, pp.16, fl.178, em 30 junho de 1845).

Nesta carta do Capitão para o presidente da Província, ele diz que os negros fugiram, mas que muitos rastros de sangue foram encontrados naquele local, além de uma faca de prata que, segundo o que consta na carta, muitos afirmaram ser de Vicente de Paula. Teve até quem dissesse que certa vez, o próprio Vicente falou que o dia que sua faca fosse encontrada perdida, ele estaria morto ou muito ferido, tanto era o apego do herói com seu talismã da sorte.

A narrativa contada antes pela Maria Baptista de que Vicente possivelmente estivesse morto virou notícia. O Capitão relata ainda, que o Índio Ancelmo tinha dado a mesma notícia ao capitão Francisco Camello e que as duas histórias conferem. O fato da faca ter sido encontrada e ser confirmado por algumas pessoas que se tratava da faca do líder cabano Vicente de Paula, somando ao relato desta mulher, aumentava a suspeita de que Vicente tinha morrido durante esse encontro surpresa nas margens de um rio.

Esses dois exemplos demonstram como as duas narrativas criaram um senso de verdade atendendo às expectativas desejadas pelo Capitão e sua tropa, se estendendo para os presidentes das duas Províncias (Alagoas e Pernambuco), constituindo ao mesmo tempo um valor atribuído tanto a fala do opressor quanto a do oprimido no mesmo manuscrito. Maria Baptista, essa mulher de luta cabana, teve, não só sua narrativa e seu nome divulgado em documentos oficiais denotando sua importância e participação no andamento da guerra, quanto sua narrativa cumpriu um objetivo. A questão relevante neste acontecimento foi a habilidade que Maria

Baptista teve ao narrar sua versão do acontecimento, revelando sua efetiva e expressiva participação.

Fica evidente, como podemos ver, que a participação da mulher na guerra cabana se configurou por inúmeras práticas sociais, culturais e políticas. Tanto por sua presença em combates nos acampamentos, dentro das matas, transitando com informações, muitas vezes armadas, cuidando dos roçados, comprando munição para os guerreiros, criando narrativas até a mais sofisticada atuação como foi a colaboração de Dona Josepha ao guerreiro Chiquinho. No dia 6 de junho de 1845, uma carta enviada pelo Palácio do Governo de Alagoas ao Presidente da Província de Pernambuco, informava que uma mulher de nome Dona Josefa, proprietária do Engenho Catumbí, pelos lados de Garanhuns acobertava a família do Chiquinho, companheiro de guerrilha e amigo leal do líder Vicente de Paula. A família do Chiquinho tinha sido descoberta e corria perigo e por isso recorria ao exílio na casa de Dona Josefa que os acolheu. Na carta, o narrador diz que foi informado que o próprio Chiquinho acompanhou sua família à referida propriedade e acrescentou, que os líderes cabanos preservavam antigas relações de amizade com Dona Josefa. O que pode significar que Dona Josefa de tempos em tempos, protegia gente cabana em sua casa.

No entanto, essa operação não era tão simples como nos parece na narrativa. Chiquinho estava dentro das matas em guerra de guerrilha com Vicente de Paula junto dos outros guerreiros. Portanto, acompanhar sua família até o Engenho em Garanhuns e depois ter certeza que Dona Josefa iria recebê-los em seu Engenho, demandava estratégia e tempo. Ele e Vicente estavam sendo caçados pelas tropas, por todos as regiões dentro das matas. Dona Josefa, possivelmente, já tinha recebido uma comunicação e se colocado de prontidão para receber a família do guerreiro Chiquinho.

O que indica que essa mulher estava inserida no processo estratégico da guerra. Além disso, essa família corria o risco de ser interceptada no caminho, caso a operação não fosse bem articulada e por esse motivo, possivelmente, era acompanhada por outras guerreiras e guerreiros devidamente armados. O que nos interessa aqui, é ressaltar mais uma prática da mulher na guerra cabana. Dona Josefa se apresenta como aliada e colaboradora com a causa cabana. Portanto, acolher famílias da luta cabana em sua casa, constitui uma característica reveladora da participação feminina na história da Guerra Cabana. Oliveira (2018) relata que em 1845 o Governo soube do contato do capitão Salazar com uma mulher de nome Antônia, dita, amazia do líder Vicente, e foi autorizado uma negociação através dela, porém, quando as Tropas foram ao seu encontro ela não estava no local. Mais uma evidência da participação da mulher nas estratégias da guerra, nesse caso, desviando a Tropa para outra localidade.

Desse modo é necessário compreender que as guerras se constituem num conjunto de práticas também exercidas por mulheres. Segundo Svetlana Aleksievitch: “Muitos dos trabalhos na guerra não giram só em torno da morte, mas também da vida” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 210). Podemos destacar o exemplo da viúva, Dona Ignacia Buarque proprietária do Sítio Riachão que apoiava a luta cabana. Seu sítio foi palco de guerra com troca de tiros contra as tropas nacionais. Seus escravizados foram presos por lutarem ao lado dos cabanos e aparecem sendo liberados no manuscrito termo de fiança de 1835.

### **3.3 Ana Preta e os escravizados fugidos para as Matas do Tombo Real**

Inúmeras mulheres negras participaram da Guerra Cabana. Podemos observar que havia, por parte da escrita documental, algumas distinções que as diferenciavam das demais mulheres. Nessa escrita seus corpos femininos em movimento durante a guerra, ao serem aprisionadas, eram citadas de diversas formas, (uma preta, essa escrava, duas fêmeas, negrinha, parda), denotando uma maior exclusão a essas mulheres guerreiras. Pode-se entender essa diferenciação provocada pela escrita documental, como uma intenção de subtrair, diminuir. Na medida que você fragmenta o segmento feminino você também disfarça o valor participativo, denotando desunião e fraqueza.

Verificamos um número expressivo de escravizados fugidos para as Matas do Tombo Real em resistência ao sistema escravista. A adesão dos papa-méis e dos escravizados fugidos para se integrarem a guerra cabana nas matas – embora fosse um espaço de confronto – se configurava como um lugar onde residia um sentimento de resistência que tinha como objetivo uma liberdade e o direito da terra para plantar e viver. O líder cabano Vicente de Paula foi muitas vezes mencionado, em documentos, como sendo um homem semibranco por ser filho de uma mulher negra escravizada e um homem branco. Se o líder é “semibranco” como diz o documento, logo, ele não era branco. Essa característica do líder, possivelmente, era reconhecida pelo contingente de mulheres e homens negros que se juntaram a ele. Para os padrões racistas do século XIX, seria inconcebível que os esforços empreendidos pelo poder senhorial, mantenedor do trabalho escravo, bem como as forças nacionais não conseguissem dar conta de vencer essa guerra, que já durava anos de existência. Ainda mais quando os inimigos se constituíam de uma multidão de pobres da terra (mulheres e homens), escravizados fugidos, índios aldeados, tendo como líder um “semibranco”. Como bem sinaliza Janaina Mello (2010) sobre a diversidade étnica na guerra, ela diz que:

se tratava de espaços múltiplos de sobrevivência, espaço de resistência, espaço onde se desenvolvia relações sociais entre os segmentos e etnias plurais e distintos status sociais no que tange a questão da liberdade ou da escravidão. Mas este território que protege a parte menos favorecida desde os setecentos, corresponde num polo oposto ao medo dos grandes proprietários que se sentiam ameaçados em sua condução dos destinos da região, sobre terras e homens (MELLO, 2010, p.11)

Desse modo, criaram narrativas desqualificadoras ao povo cabano. No entanto, este conflito armado teve um longo período de resistência, o que revela a existência de uma força popular.

Ana Preta foi uma representante, entre outras, dessa força feminina que num ato de resistência contra o sistema que a oprimia, fugiu para as matas se unindo a luta cabana. Algumas vezes, depois de horas de pesquisa, é possível encontrá-las (elas), repousando nos arquivos, em manuscritos antigos, nas páginas do livro *Arsenal de Guerra*<sup>24</sup>. Examinando com cuidado esse material, vi que se tratava de termos de fiança. Ali, está registrado um número considerável de escravizados, mulheres e homens que se achavam presos e tinham a sua soltura (nem sempre liberdade), afiançada por alguém. O motivo da prisão era: Presa (o) por ser encontrada(o) dentre os cabanos. Portanto, Ana Preta foi mulher da luta cabana. Uma das condições da soltura, em alguns casos, era que o fiador pagasse uma quantia e assinasse um termo de acordo, prometendo enviar a prisioneira ou prisioneiro para fora da Província, em alguns casos, para nunca mais voltar. Portanto, essa condição se constituía na expulsão, termo que negava a essas pessoas o direito de permanecerem nesta Província. Foi o caso da mulher negra Maria Luiza e seu filho que estavam presos e tiveram seus destinos decidido por um comprador com a condição de que embarcassem para Paraíba. Silvio Almeida (2019) ao se referir a questões que envolve o racismo no Brasil, diz que “os diferentes processos de formação nacional dos Estados contemporâneos não foram produzidos apenas pelo acaso, mas por projetos políticos” (ALMEIDA, 2019, p 37).

Tiveram seus destinos traçados. Também os escravizados, Antônio, Simião, Victório, Honorato, Francisco e Simplício, todos se achavam presos no Quartel por terem sido apreendidos entre os cabanos e foram obrigados a embarcar para o Rio de Janeiro.

Ana Preta, era moradora do engenho denominado Rainha, que ficava na freguesia de São Bento, termo de Porto Calvo, na Província de Alagoas. Foi presa em combate lutando com seus companheiros pela liberdade nas matas cabanas. Não foram encontrados vestígios sobre a data de sua prisão, mas o manuscrito evidencia que o motivo foi Ana Preta ter aderido à luta

---

<sup>24</sup> APEJE. Livro de manuscritos com ofícios do governo da Província de Pernambuco, com assuntos de guerra, catalogados e denominado Arsenal de Guerra.

cabana, por ter se unido a eles nas Matas do Tombo Real. Sua fiança foi paga por José Ignácio Buarque, em 18 de agosto de 1834.

### **3.4 Lauriana Maria: guerreira e combatente nas Matas do Tombo Real**

Lauriana Maria, na historiografia sobre a Guerra dos Cabanos, foi a única mulher com nome e status de guerreira. Os relatos da época nos revelam que no imaginário masculino, Lauriana era a companheira do líder cabano Vicente de Paula e transitava como uma mulher “morena e bonita”. A história a apresentou dessa forma, uma imagem quase mitológica, embora ela tenha existido e vivido a guerra cabana. Atrelar o nome de uma mulher combatente a um adjetivo de beleza e ainda mais, a um líder rebelde como foi Vicente de Paula, diluiu toda sua força pessoal de mulher guerreira, porém, seu nome permaneceu na escrita historiográfica.

Freitas (1978) relata que o líder cabano tinha sempre ao seu lado, muitas vezes em combate a companheira Lauriana Maria, conhecida por Lula, mulher, “bonita e morena”. Manuel Correia de Andrade (2002) menciona o dia de sua prisão ressaltando que no dia 21 de junho entre as várias mulheres aprisionadas veio “a amante do chefe cabano, Lauriana Maria, conhecida como Lula” (ANDRADE, 2002, p. 163). Dirceu Lindoso (2005) dedica sua obra a todos os guerreiros e guerreiras, que caíram em combate nas antigas matas do rei e a “Lauriana Maria, guerrilheira e companheira combatente, que compôs nas matas cabanas a saga de amor e de coragem da mulher pobre do povo, caída prisioneira no combate do reduto de Pacavira” (LINDOSO, 2005, p. 6). No entanto, Alfredo Brandão (2005) narra um levante histórico ocorrido em 1844, quando os cabanos liderados por Vicente de Paula tomaram Atalaia. Nessa narrativa ele descreve a partir da observação de um “velho preto” de Viçosa que, segundo ele, foi testemunha ocular do fato (BRANDÃO, 2005). Esse senhor narra que o líder Cabano, ao chegar na Fazenda onde ele trabalhava, adentrou a casa grande com seus pares e logo deu ordem de matar dois bois para saciar a fome de sua gente e “ao lado do líder estava uma rapariga, bonita e morena ” (BRANDÃO, 2005, p. 61). Nos documentos oficiais da guerra, essa guerreira é repetidamente desqualificada por palavras pejorativas como “amazia do chefe quadrilheiro”; “concubina do Salteador Vicente Ferreira de Paula” e “Lauriana a amante do chefe cabano”.

Essas narrativas sobre Lauriana Maria, foi como uma fresta de luz que me despertou para essa pesquisa sobre as mulheres na guerra cabana. No entanto, novos indícios ou narrativas documentais que revelem a presença tão marcante de Lauriana na guerra são raros e

muitos desapareceram com a sua prisão em 1834. É provável que muitos desses indícios sobre essa guerreira, estejam em algum arquivo esperando quem os encontre.

Ainda assim, ela foi a bússola condutora que me apontou possibilidades e me fez tirar dos escombros, os manuscritos pouco visitados por pesquisadores, para revelar suas companheiras de guerra. Desse modo, foi possível historiar a participação dessas mulheres que estiveram relegadas ao esquecimento histórico. Me apropriando de uma frase da historiadora e antropóloga Lilia Schwarcz (2019), em uma de suas entrevistas sobre a questão do racismo no Brasil, 0“eu diria que a memória é feita de lembranças e de esquecimentos” (SCHWARCZ, 2019). Com relação aos relatos sobre a Guerra dos Cabanos, especialmente sobre a presença feminina, em particular Lauriana Maria, o que poderia nortear as lembranças e os esquecimentos como documento futuro?

O Nome de Lauriana Maria foi o fio condutor para chegar a outros nomes e para compreender a inter-relação que havia entre mulheres de diferentes níveis sociais, dentro de um dado espaço geográfico da guerra, bem como suas práticas de participação. No entanto, alguns procedimentos de investigação utilizados para encontrar esse caminho através do nome, a começar por Lauriana Maria, foi me aproximar das condutas de investigação sugeridas pelo historiador Carlos Ginzburg (1989a) quando ele diz que aquilo que distingue um indivíduo de um outro em todas as sociedades conhecidas é o nome (GINZBURG, 1989a). Por outro lado, o desafio maior desta pesquisa foi revelar a imagem feminina nesse tecido social e cultural do conflito, quando a maioria das companheiras de combate de Lauriana, estão inominadas nos relatos da guerra.

Era inverno nas Matas do Tombo Real, aos 22 de junho de 1834 quando uma tropa comandada pelo Tenente Coronel Manoel Ignácio Bezerra de Mello, penetrava por uma densa mata, passando por um lugar chamado Sertãozinho. E por não terem encontrado ninguém, apenas algumas palhoças, destruíram-nas e seguiram em frente. Avançando para dentro das matas atacaram de surpresa o Engenho Pacavira onde se encontrava o procurado Proença, português e amigo do líder cabano Vicente de Paula e Lauriana Maria, que na ocasião estava acompanhada de seu filho menor e algumas companheiras da Luta cabana, como informa o relato do Tenente. Mataram o Proença sem que ele pudesse reagir e logo aprisionaram Lauriana Maria e suas companheiras. Lauriana foi interrogada e parte de seu depoimento apresentaremos adiante. Seguindo a premissa historiográfica de que todo documento é

carregado de intenções e parafraseando Ginzburg (1991) quando ele diz que mesmo um inventário notarial implica num código, que devemos decifrar (GINZBURG, 1991), busco as evidências e as contradições do que diz o relatório que narra a prisão da guerreira combatente, Lauriana Maria.

O depoimento:

Com outras mulheres veio preza Lauriana Maria, conhecida por – Lula – amazia do chefe quadrilheiro Vicente Ferreira de Paula, e diz ella, que um dos mortos he o próprio Proença, que a muito andava doente de sezão, e que estava junto ao fogo quando chegou a Tropa, por sentir na quella ocasião o frio da sezão; e acrescenta que este portugûes era o mentor do Saltiador Vicente Ferreira de Paula, e que se ocupava ali no ensino de um filho d'ella, que veio em sua companhia, e em dirigir e escrever ao mesmo Paula; e que os saltiadores andam todos desandados , solitários, e em pequenos grupos espalhados por differentes lugares, aflitos pela fome,, e perseguidos de nossas Tropas, e faltos de munições de guerra, e que só no Cavaco onde se achava Vivente Ferreira de S. Anna e outros era onde havia maior reunião de Cabanos. Esquecia-me de dizer a V. Ex. Que nesse encontro tomarão-se duas pistolas e uma clavina, e uma granadeira, hum baú com roupas, pouco dinheiro, e uma libra de ouro em obras, que tudo ficou em poder dos soldados menos as armas; e a mesma Lula diz, que o Saltiador Paula nada mais possui do que o achado, porque os Salteadores ficavão na posse de tudo que roubavam, e que nada havia guardado de preciozidade , armas, munições que ella saba, assim com ignora o nome das pessoas, que se correspondião com elle Paula; por que todas as cartas, que elle recebia do Recife e de outras partes eram sem nome. (DIÁRIO ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA, 23 de julho de 1834).

Durante o interrogatório o Tenente quer saber de Lauriana quem é o portugûes que a tropa dele matou, e pergunta se é o célebre portugûes Proença. Lauriana Maria, responde que sim e acrescenta:

– Um dos que vocês mataram hoje aqui é o próprio Proença. Ele estava muito doente de sezão. Ele, o Proença, estava com muito frio pela febre e se aquecia junto ao fogo quando sua tropa chegou e o matou.

O tenente perguntou:

– E esse perverso portugûes, ingrato ao Brasil. Ele era o mentor do salteador Vicente de Paula? O que ele fazia aqui?

Lauriana respondeu que a função do Proença ali era ensinar seu filho a escrever. Ela tinha trazido o filho para o acampamento para aprender ler e escrever com o Proença e que o próprio Vicente também estava aprendendo.

– E os salteadores onde estão? Para onde foram?

Lauriana sabia que seu depoimento seria usado como prova contra o povo cabano e utilizou palavras certas em sua narrativa, de maneira que ressaltasse a arrogância da tropa em exhibir o papel que lhes pertence, a do opressor, atribuindo ao povo cabano o lugar do oprimido, quando ela diz para o Tenente: a perseguição e destruição de suas tropas tem deixado nossos companheiros aflitos de fome. Andam todos solitários, em pequenos grupos, espalhados por diferentes lugares. Andam todos desandados pelas perseguições de suas tropas. (APEJE, relatório/fl 559/2)

Revistando a casa, e se tratando da casa do líder cabano, o tenente achou que iria encontrar um grande arsenal de guerra, e encontrou apenas duas pistolas, uma clavina<sup>25</sup> e uma granadeira<sup>26</sup>. O tenente perguntou onde estava a munição de guerra e ela diz que ali, ele não encontraria nenhuma munição. Havia na casa os pertences pessoais como um baú com roupas, pouco dinheiro, e uma libra de ouro em obras que o Tenente deixou que ficasse em posse de seus soldados, disse ele.

O Tenente inconformado insistiu com Lauriana perguntando onde estava a riqueza, onde estava a munição? Lauriana responde que seu companheiro Paula nada possuía, apenas o achado, e acrescentou, aqui você não vai encontrar nenhuma preciosidade Tenente, nem armas, nem munições. O Tenente quis saber quem se correspondia com o Vicente, de quem são as cartas, queria o nome dessas pessoas que se correspondia com o cabano. Lauriana ignorando a pergunta, não diz o nome das pessoas que se correspondiam com o companheiro Paula. Ela disse que todas as cartas, tanto de Recife ou de outras partes vinham sem nome, portanto, ela não sabia os nomes.

A história de Lauriana Maria é mais uma história de apagamento feminino na escrita documental e suas ideias não se resumem neste relatório de guerra. No entanto, o relatório deixou transparecer, mesmo reduzindo sua fala, uma mulher de personalidade de guerreira. É evidente que ela teve importância dentro do cenário da guerra cabana e desse modo seu nome figurou desde os relatórios da guerra a menções a sua beleza e bravura na historiografia. Relendo com atenção e comparando com outros interrogatórios femininos, que pesquisei até aqui, fica evidente que Lauriana sabia lidar com as palavras, e não se limitava a responder o que o interrogador queria ouvir, havia uma reflexão por parte dela.

Ao ser interrogada e responder se o homem que eles haviam matado era o português Proença, ela confirmou. Em seguida formulou uma acusação contra a tropa, a de ter matado um

---

<sup>25</sup>Arma de fogo do homem montado, usado pelos soldados da cavalaria.

<sup>26</sup>Soldado da cavalaria pesada encarregado de lançar granadas.

homem indefeso, doente e sem reação e que o mesmo estava diante do fogo porque ardia em febre por causa da doença. Portanto, Proença foi morto num ato de covardia. E logo adiante, ela demonstra reconhecer que a educação é um valor necessário ao dizer que tinha trazido o filho para o acampamento, para que ele aprendesse a ler com o Proença, mesmo estando num lugar de confronto dentro das matas.

Ela, que era considerada uma mulher de guerrilha, almejava o conhecimento intelectual para o filho e sabia que, por conta de sua condição e de seu companheiro Paula, que viviam procurados pelo poder legal e a margem da sociedade não teria escola para seu filho. De maneira crítica, Lauriana ressalta a arrogância das tropas. Ela se dirige ao Tenente dizendo que seus companheiros/as andavam aflitos de fome, solitários(as) e espalhados por diferentes lugares por conta da perseguição de sua tropa. Em poucas palavras, essa guerreira revelou estar atenta aos acontecimentos denotando conhecer bem porque lutava sua gente.

Lauriana Maria nasceu em São Bento, Termo de Porto Calvo na Província de Alagoas. Sabe-se que ela fugiu para as matas unindo-se a guerra cabana. Logo se revelou protagonista juntando-se ao líder Vicente de Paula e seu nome ficou logo conhecido. Ainda hoje, seu nome é lembrado como Dona Lula, entre seus familiares que permaneceram morando naquela região.

Depois da prisão em 22 de junho de 1834, ela desaparece da escrita documental da guerra. Um mistério. De todas as mulheres interrogadas apresentadas por esta pesquisa, Lauriana é a única voz conflitante, crítica e provocadora. No entanto, num hiato de quase 10 anos, Lauriana é silenciada na escrita, mas não da participação na guerra. Tanto que reaparece ao lado de Vicente de Paula no levante em Atalaia em 1844, descrita na obra de Alfredo Brandão.

As guerras em diferentes contextos, em diferentes espaços geográficos, situações políticas ou culturais, serão sempre um cenário de barbárie e terror. Svetlana Aleksievitch (2016), escritora bielorrussa, escreveu sobre a participação da mulher soviética durante a Segunda Guerra Mundial. Nessa obra a escritora traz relatos inéditos, inclusive, com depoimentos das mulheres sobreviventes da guerra, as quais, ainda permaneciam vivas. Tais relatos evidenciou a participação da mulher em todas as especialidades militares, inclusive as consideradas mais masculinas. Portanto são revelações de extrema importância para a história. Essas informações foram guardadas em segredo por muitos anos, não deviam explicitar para o mundo tamanho poder participativo dessas mulheres. Embora, elas sejam tratadas como

heroínas em seu país de origem, ainda assim não podiam revelar seus feitos, pois, esses relatos pertenciam aos homens, só eles poderiam fazê-lo.

Essas narrativas reveladas na obra de Aleksiévitich, tem possibilitado novas escritas bem como novas obras cinematográficas sobre o tema. Nas narrativas publicadas na obra da autora, fomos levadas a entender as razões e motivações que impulsionaram as jovens mulheres soviéticas a participarem efetivamente da guerra. Porém, elas foram silenciadas durante décadas pela escrita. No exemplo a seguir podemos observar as razões que levaram a quase um milhão de mulheres soviéticas a se alistarem e se transformarem em soldados na Segunda Guerra Mundial:

Eu não teria decidido ir à guerra, eu amava minha mãezinha, estava em casa e de uma ora para outra me disseram que eu era judia, antes da guerra todos vivíamos de forma agradável, éramos iguais. Veja só que coisa. Viramos uns leprosos, nos expulsavam de todos os lugares. Os vizinhos e amigos passaram a nos odiar. (STRUMILINA apud ALEKSIÉVITCH, 2016, P. 91)

Esses são fragmentos do depoimento de Anna Ióssifovna Strumilina (partisan).<sup>27</sup> Ela lembra que ainda era menina mimada, e tinha medo de tudo quando resolveu lutar na guerra. Suas motivações além das já mencionadas no relato, foi também porque sua família tinha sido dizimada pelos nazistas. As guerras em diferente contexto, época ou razões diversas, sempre apresentam semelhanças no tratamento das relações humanas. No caso das mulheres que participaram da Guerra dos Cabanos, durante o século XIX, em Alagoas/Pernambuco, os elementos de difamação, de exclusão e perseguição seguida de grande destruição de seu meio de sobrevivência, além das prisões, abusos e mortes, transformou-se em revolta. Lutar não era um desejo e sim uma condição.

Ser pertencente ao mundo camponês cabano passou a ser sinônimo de desgraça, de bandidas, imundas e páreas da sociedade, segundo nos foi revelado nos documentos analisados e interpretados. As imensas e fartas plantações e roçados cultivados pelas mãos de mulheres e homens cabanos, eram completamente destruídos pelas tropas nacionais da guerra. Tais alimentos na visão dos comandantes das explorações pareciam ter sido cultivados por mãos amaldiçoadas que até lhes faltava a sabedoria de colher para sobrevivência de seus próprios

---

<sup>27</sup> Partisan: nome dado a quem pertencia a resistência antifascista de regiões ocupadas pelo nazifascismo. Durante a Segunda Guerra Mundial, porém, recebia o nome de partisan (plural partisans) todo o grupo paramilitar, geralmente sem qualquer treinamento regular, formado com o intuito de resistir à intensa ocupação das forças alemãs durante o conflito.

soldados que muitas vezes tinham fome. Ainda assim, preferiam destruir. As mãos femininas que carregavam seus filhos, que fabricavam farinha e plantavam roçados não demoraram para pegar em armas para defender-se e mudar seus destinos para mulheres da resistência nas Matas do Tombo Real. Tentar olhar sobre o ponto de vista dessas mulheres na guerra cabana é mergulhar em linha tênue entre falas e silêncios, entre o fogo cruzado das armas e o sonho da liberdade. É caminhar por sinuosas trilhas e picadas, noite e dia, às sombras das árvores e sobre as águas frias dos rios e riachos, sob sol e chuva.

Parafrazeando Davis (1997) no último parágrafo em diálogo com as mulheres descritas no prólogo de sua obra: Sim, foi uma aventura acompanhar as estratégias e práticas dessas mulheres, em atmosfera tão adversa e de medo. Eu quis escrever sobre esperanças e resistências de um paraíso na terra, de mundos reconstruídos, pois, também acalentava esperanças.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Busquei na presente dissertação de mestrado, intitulada *Mulheres na Guerrilha: práticas e estratégias femininas na Guerra dos Cabanos: Alagoas e Pernambuco (1832-1850)*, identificar e refletir sobre a presença da mulher nesse conflito armado ocorrido na primeira metade do século XIX, entre as Províncias de Alagoas e Pernambuco. Desse modo, procurei escrever uma história das mulheres evidenciando que nas particularidades de suas vivências e culturas, construíram uma história de luta e de coragem. Refleti sobre a forma obscura em que foram descritas nos documentos do Brasil Imperial bem como as formas pouco visíveis sobre uma participação efetiva do gênero feminino na historiografia da guerra, revelando-as como sujeito na história.

No decorrer da presente contribuição historiográfica, problematizamos sobre o silenciamento ou obscurecimento da presença da mulher na guerra cabana. Refletimos em torno das memórias fragmentadas deixadas pelos documentos e suas implicações no processo de reconstrução da história. Assim, da mesma forma que as mulheres estudadas aqui, e por razões distintas, percorri trilhas e veredas nos territórios entre as duas províncias, e nos corredores dos arquivos, rebuscando papéis antigos – “[...] amontoado de folhas soltas de queixas, processos, interrogatórios, informações e sentenças [...] inumeráveis relatórios e informações da polícia sobre uma população que se busca vigiar e controlar.” (FARGE, 2009) – em busca de pistas para que desse modo, pudéssemos construir um outro olhar sobre essas mulheres e suas formas de participação nesse conflito armado. Desse modo, a partir das ruínas documentais, das muitas reflexões e da análise aplicada aos documentos, encontramos as evidências que nos revelaram as diversas formas da participação feminina nesse longo período em que ocorreu a guerra.

Discorremos sobre a temática da pesquisa aqui desenvolvida a qual consistiu num estudo que revelou a participação feminina na guerra cabana, por uma perspectiva ainda não explorada por outros historiadores. O objetivo foi trazer os novos sujeitos e novas ações para compreensão da história sociocultural e política do século XIX, incluindo as formas de participação da mulher no cotidiano da guerra. Examinamos em torno do silenciamento com relação ao gênero feminino, bem como as hipóteses suscitadas a partir das leituras historiográficas e nos documentos de arquivo sobre a guerra para fazer emergir uma imagem feminina do protagonismo na história da guerra.

Para isso, adotamos o modelo da História Cultural, bem como o método de análise de conteúdo, de Laurence Bardin (2011). Empreendemos também o uso do método microanalítico do Carlo Ginzburg (1989b). Estes métodos nos permitiram desvelar as brechas e as

contradições da escrita e das entrelinhas documentais, possibilitando um descortinar dos vestígios, das pistas e as evidências da participação da mulher na Guerra dos Cabanos.

Em “Mulheres ausentes das escritas”, foi o momento de separar, selecionar e analisar o *corpus* documental colhido nos arquivos para a presente pesquisa para construção da interpretação e escrita. Durante o processo de análise dos documentos, observamos o que vou denominar de “camadas” ou imagens dialéticas da escrita que se apresentaram em forma de camadas. Para Walter Benjamin, o movimento da memória é semelhante ao proceder do homem que cava num sítio arqueológico. O mergulho no passado – resgata percepções, sensibilidades, vestígios, valores, mitos e dores (BENJAMIN, 1992, apud BOLLE, 1994).

A primeira camada é a anticabana, aquela que se apresenta em primeiro plano direcionando o olhar, e que está representada pelos senhores, pela Guarda Nacional, os titulares das tropas que transitam nos documentos devidamente nominados bem como suas patentes e suas narrativas. Nesta primeira camada a escrita vai sendo construída de forma a convencer o leitor que existe um inimigo que precisa ser combatido e essa construção vai desqualificando o inimigo, ou seja, a “gente cabana”.

Uma segunda camada, menos visível e generalizada é a que se refere ao povo cabano. Nessa camada a escrita lhes reserva palavras como salteadores, bandidos, desgraças e perturbadores da ordem. Esses guerreiros são descritos sem bravura, como perdedores. Porém nesta camada da escrita documental, os guerreiros cabanos quando feitos prisioneiros ou mortos e quando considerados líderes da guerra, bem como os mais procurados pelas tropas, são devidamente nominados e costumam ser chamados de os mais graduados. Um tratamento que denota força cabana, portanto contraditória à ideia da primeira camada.

Uma terceira camada se apresenta de maneira quase inexpressível quanto sua atuação e resistência durante a guerra, que são as guerreiras: mulheres brancas pobres do campo, as mulheres negras fugidas e as mulheres indígenas, além de mulheres pequenas proprietárias. Buscamos nesta camada profunda dos documentos, às mulheres guerreiras que transitavam em silêncio, para evidenciar suas vivências. Nesta camada, as relações com a cultura se expressam nas diversas conexões no território cabano nas relações sociais e nas práticas e estratégias durante a guerra. As mulheres da guerra cabana aparecem nesta delicada camada com pouca visibilidade nos documentos, a maioria inominadas, silenciadas, como se não fizessem parte do todo, neste cenário da guerra. Mulheres que foram tratadas como insignificantes pelos documentos da monarquia e, conseqüentemente, teve pouca relevância para a história da guerra cabana. Assim sendo, a partir dos fragmentos e mensagens codificadas, revelamos nesse

cárcere documental, as evidências de sua participação e fizemos emergir explicações sobre esse silenciamento conferindo a essas mulheres uma visibilidade histórica.

Apontar em “Imagens do Protagonismo Histórico Feminino nas Matas do Tombo Real”, possibilitou inserir as mulheres cabanas no campo de batalha com suas práticas culturais de sobrevivência e resistência. Nesta seção interpretamos como ocorreu a participação efetiva da mulher na guerra. Nesse momento da escrita tornou-se essencial estabelecermos um recorte para construir a partir dos fragmentos uma narrativa que representasse as mulheres na guerrilha, com suas práticas e estratégias no cotidiano da guerra. Os cruzamentos das fontes mais o procedimento interpretativo empreendidos para essa etapa, possibilitou perceber nas inúmeras evidências, as peculiaridades que denotaram o poder de sua participação.

Desse modo empreendemos um esforço analítico das fontes, em busca de uma escrita interpretativa sobre a vida e sobre as formas de resistências de dezenas, centenas de mulheres, a maioria inominadas pelos discursos do poder, para que pudéssemos entender as particularidades do gênero feminino e afirmar sua importância na guerra cabana e na historiografia alagoana.

No andamento da escrita, apresentamos um cenário onde as mulheres circularam como sujeito na história. Apresentamos as várias formas de participação do segmento feminino, suas diversas práticas de resistência na guerra. Evidenciamos mulheres com nomes que protagonizaram as ações na guerra como também as inúmeras mulheres sem nome que participavam de forma contundente nas ações da guerra, contribuindo para a sua continuidade.

A base para nossa investigação se constituiu num exaustivo olhar crítico e sensível sobre as camadas documentais em busca do elemento implícito que se encontrava encoberto pelo excesso de linguagem, onde as mulheres e suas práticas se escondiam. Eu diria que foi a partir dos elementos da cultura, observados nas práticas cotidianas das mulheres, em seus breves relatos durante os interrogatórios militares, que resultou na interpretação de que elas participaram ativamente da guerra de guerrilha cabana.

Ao descrever a trajetória da guerrilheira Lauriana Maria, de codinome Lula, nos escritos sobre a guerra, observamos sobre a forma quase mitológica em que ela foi apresentada na escrita. Apresentamos ainda, a participação de outras mulheres nominadas a exemplo de Ana Preta que fugiu para se juntar as guerreiras e guerreiros nas matas do Tombo Real. Evidenciamos também a participação de mulheres como Maria Baptista, entre outras, que trouxeram voz e uma nova luz para essa pesquisa.

Para tentar compreender os diversos tipos de apagamento da participação efetiva das mulheres nos documentos da guerra, foi preciso desconstruir a forma quase mitológica gerada pelos documentos com relação a elas a qual conferiu ao gênero feminino uma camada social e

cultural quase imperceptível na historiografia sobre a guerra. Se Ginzburg (1989a) afirma que todo indivíduo nas sociedades que conhecemos possui um nome e a partir desse nome podemos alcançar o como, ou outras evidências (GINZBURG, 1989a), eu diria que a mulher existe em todas as sociedades que conhecemos e, portanto, a partir dessas mulheres detentoras de práticas culturais, podemos desvendar o que ainda sabemos pouco, ou quase nada sobre sua participação na guerra, e que ficou em baixo da superfície da história.

Monique Brust (2006) em seu estudo sobre o Mito das Amazonas nos Trópicos, parte de uma análise do mito para identificar um complexo e longo caminho de construção das identidades femininas, inclusive nas Américas. Ela diz que a existência dessa sociedade de mulheres guerreiras povoou a imaginação de viajantes e exploradores de diversas regiões desde os povos germânicos ao continente africano. Esse mito da mulher guerreira também se configurou como a mulher fora dos padrões morais e religiosos. A análise da historiadora passa por Aristóteles no que constitui a função macho e fêmea nas organizações sociais, bem como o mito de Adão e Eva em que responsabilizou a mulher por acabar com o paraíso na terra.

A autora ao discorrer sobre o mito em sua interpretação, observa no uso dos discursos, seu avesso e suas consequências, cuja intenção foi perpetuar a ideia de que as mulheres não foram feitas para governar, ou guerrear, reafirmando sua condição de mulheres ligadas ao lar. “As amazonas, segundo ela, representariam a mais perfeita imagem do risco de um retrocesso da cultura, construída pelos homens, para a natureza primitiva e selvagem, o qual deveriam ser combatidas” (BRUST, 2006, p. 49).

A forma como as mulheres foram descritas nos documentos que versam sobre a Guerra dos Cabanos, o silenciamento sobre seus nomes e suas práticas, bem como o descaso com o número de vidas femininas perdidas nesse conflito, me fez recorrer ao texto de Monique Brust no que se refere ao mito para explicitar a construção de uma identidade, cuja mulher figura como seres perturbadores da ordem, por isso foram inominadas, muitas delas deportadas para algum lugar distante ou eliminadas da vida e da história, como evidenciamos nessa pesquisa. Nessa cultura cuja guerra se constitui como função do gênero masculino, essas mulheres guerreiras cabanas ao enfrentar a guarda nacional junto com seus pares, colocaram em risco o poder dos homens viris da ordem senhorial. Desse modo, os relatos de guerra dedicaram poucas linhas ao se referirem a elas, deixando pistas nebulosas para dificultar o olhar sobre as fontes. Ainda assim, não puderam negar sua presença. Sendo assim, ao analisar esse tempo vivido por estas mulheres guerreiras, foi preciso fazer o movimento contrário, ao invés de pensarmos o silêncio com relação a elas como falta, pensamos a linguagem documental como excesso.

As fontes de arquivo diferem do texto impresso. Para Arlette Farge (2009), enquanto a fonte impressa organiza-se e estrutura-se segundo sistemas facilmente decifráveis, os documentos de arquivo existem para convencer e transformar a ordem dos acontecimentos. Existe para ser lido.

Ao revelar as mulheres no campo de batalha, privilegiamos ressaltar os elementos culturais de sobrevivência que se evidenciavam a partir das diversas formas de participação da mulher na guerra cabana. Desse modo, alinhados às operações metodológicas, interpretamos e construímos uma escrita revelando suas práticas cotidianas que influenciaram ações na guerra, bem como as estratégias adotadas por elas para colaborar com a comunidade guerreira a qual pertencia.

Nossa pesquisa, amparada em gestos interpretativos e críticos ao efetuar análises documentais, bem como na historiografia sobre a guerra, demonstrou que houve uma efetiva participação e resistência da mulher, que com suas práticas culturais e estratégias, estiveram inseridas no processo e nas ações dos longos anos da guerra Cabana.

Com objetivo de revelar uma participação pelo viés sociocultural, esta pesquisa privilegiou um recorte feminino bem como um recorte geográfico que compreendesse as Matas do Tombo Real entre as Províncias de Alagoas e Pernambuco, denominando as regiões em que desenvolveram os conflitos da guerra de “Cenário da Guerra”. Procuramos, a partir deste trabalho não focar na vitimização que antes fora atribuído a essas mulheres, ao contrário, lançamos uma luz, um olhar que nos permite observá-las como guerreiras atuando em diversas frentes.

Embora ainda se tenha muito para descortinar sobre essa presença feminina na guerra, acreditamos ter aberto com esse trabalho, novos caminhos para compreendermos o papel das mulheres dentro desses espaços de conflitos, bem como na historiografia sobre a guerra. As mulheres guerreiras deram vida a essa pesquisa, transitando neste cenário, como seres ativos durante a guerra, abrindo caminho de inclusão na historiografia nacional sobre a guerra e na historiografia alagoana. Realizamos um estudo cujo objetivo por meio de análises e interpretação das fontes, revelou as formas de silêncios do segmento feminino na guerra cabana e trouxe à luz da história, suas diferentes formas de atuação, participação e resistência.

No final da Guerra com a prisão do grande líder Cabano, Vicente Ferreira de Paula, que permaneceu no cárcere em Fernando Noronha durante 10 anos configurou como uma das mais importantes ações. Um segundo motivo que caracterizou o final da guerra, foi a fome a partir da

destruição sistemática das plantações e roçados dessa multidão de camponeses que tinham seus produtos agrícolas como fonte primária de sustento e de sobrevivência.

Lindoso (2005) aponta um terceiro acontecimento que caracteriza esse findar dos quase 18 anos da Guerra. Esse terceiro fato foi a prisão de algumas mulheres que foram levadas para Forte de Tamandaré<sup>28</sup> e mortas a golpes de cacetes. O que chamou a atenção nesse relato, além da violência contra essas mulheres, foram os porquês. Que mulheres eram essas? Que poder simbólico possuíam para serem amarradas, colocadas em círculos e serem mortas com tão duros golpes? Se o líder Vicente Ferreira de Paula já estava preso e ele era o elemento principal desta operação para o fim da Guerra. Em todos os documentos encontrados como também na historiografia sobre a guerra, Vicente de Paula configurou como a principal ameaça ao poder senhorial pelo seu poder de liderança junto aos escravizados fugidos e o povo cabano que o acompanhava. Muitos outros líderes que se espalhavam pelas matas sob o comando de Vicente de Paula foram devidamente nominados quando eram procurados e também quando aprisionados pelo exército legalista.

Algumas mulheres ao longo dessa pesquisa aparecem, em estratégias e nas relações do líder cabano. E mesmo que apareçam residualmente em documentos de arquivos, em exceções aparecem nominadas. É possível que essas mulheres que foram violentamente mortas ao final da guerra, também se constituíssem lideranças femininas da guerra cabana e na sua maioria mulheres negras papa-méis, mulheres fugidas e mulheres indígenas. Porque as mulheres presas no Forte de Tamandaré, neste final de guerra, tiveram penas tão duras?

É relevante refletir sobre essa dicotomia entre as regras que diferenciam a prisão do líder cabano e um seleto grupo de mulheres presas e mortas no final da Guerra. Parece contraditório que as regras de punição tenham sido mais duras e evidentes para as mulheres da resistência cabana.

Esta pesquisa sobre a Guerra dos Cabanos, pelo viés do segmento feminino, revelou um triste apagamento histórico, criado pela escrita do Império que não evidenciou as ações de mulheres que lutaram e resistiram contra um poder senhorial que não economizou esforços no sentido do seu silenciamento e apagamento. Assim, esta pesquisa foi em busca do não dito na história e das experiências cotidianas das mulheres na guerra cabana. Sendo assim, alçamos um voo ao passado em busca dessas memórias do tempo vivido por elas. Desse modo, revelamos

---

<sup>28</sup> Forte Militar de Tamandaré, construído no final do século XVII, servia de abrigo às embarcações portuguesas e na defesa das invasões holandesas. No século XIX, durante a Guerra dos Cabanos, serviu de prisão do povo cabano onde mulheres guerreiras foram aprisionadas e mortas ao final da guerra.

elementos culturais, sociais, políticos e econômicos, que, se constituem como fontes expressivas restituindo a presença dessas mulheres na historiografia, tirando-as da invisibilidade no conflito armado nas Matas do Tombo Real.

Entendemos que os debates sobre a participação da mulher na Guerra dos Cabanos, ainda precisam despertar interesse e olhares que incidam em novos desdobramentos. Só assim faremos justiça a um segmento participante da história sociocultural e política regional e nacional, lançando uma efetiva contribuição para a história da guerra e da participação da mulher na história de Alagoas.

Em contraponto a uma história forjada pelos poderes locais, ressaltamos que mulheres brancas agricultoras pobres, mulheres negras e mulheres indígenas que permaneceram às margens da escrita, lutaram e resistiram por quase duas décadas nesse conflito armado, contra a ordem senhorial e escravocrata e merecem um lugar na história regional e nacional. Evidenciamos aqui as que enfrentaram com suas práticas e estratégias durante a guerra e sobreviveram, as inúmeras que foram aprisionadas e levadas para longe de seu lugar de pertencimento, as que resistiram embrenhando-se nas matas, as que foram mortas na prisão no Forte de Tamandaré e as inúmeras que morreram ou caíram feridas heroicamente nos combates junto com seus pares.

Portanto, devemos ressaltar que o universo feminino possui suas particularidades e foi nesse universo que as mulheres guerreiras no conflito cabano souberam criar formas de resistências, lutando e sobrevivendo à dominação que não privilegiou as vozes da diversidade.

Espero que essas reflexões sejam como uma fresta de luz para novas pesquisas sobre a história dessas mulheres guerreiras, para que possamos compreender e empoderarmo-nos da nossa própria história. Como afirma Lindoso (2005), para que possamos compreender o longo processo histórico do povo das matas que se configura como resistência e não de subserviência e que a velha historiografia denominou de gente desprezível.

#### **4.1 Sobre Movimentos e Memórias da História**

Na antecedência desta pesquisa, quando eu ainda buscava o objeto para sua realização, observei o quanto eram insistentes as indicações ou frestas de luz em direção a participação da mulher na guerra, na obra de Dirceu Lindoso (2005). E foi assim que brotou em mim, a curiosidade, e, conseqüentemente o entusiasmo para estudar o tema a partir do gênero feminino que ainda não tinha despertado atenção de historiadores locais. Porém, alguns anos se passaram

até que eu tomasse consciência que queria realizar essa pesquisa. Outros movimentos aconteceram em torno desse fato histórico, onde de certa forma eu estive envolvida.

Em 1998, Dirceu Lindoso foi convidado por Sérgio Lira, que na época era prefeito da Cidade de Maragogi para assumir a pasta da Cultura. Município ao norte de Alagoas onde ele nasceu e onde ocorreram grande parte dos eventos da Guerra dos Cabanos. Assim, viemos de Minas Gerais para Maragogi. Lá, os indícios e memórias deixados pela guerra ainda transitam em silêncio. Um povoado chamado Carvão de Dentro que segundo Lindoso, leva este nome por ter sido habitado por negros papa-méis, nos remete aos guerreiros tão citados nos documentos analisados para essa pesquisa.

Fomos visitar o velho casarão do Engenho Genipapo que fica na Zona rural, onde aconteceram algumas batalhas da guerra cabana. Na ocasião conversamos com os proprietários do Genipapo, Geraldo, Clovis e Carlos Wanderley, que ainda guardavam as memórias contadas pelos avós acerca da guerra cabana. Um deles, nos mostrou as marcas de tiros nas janelas, ainda da Guerra dos Cabanos e que nunca foi restaurado. São marcas de memórias de um tempo de guerra. Em 2003, eu estava à frente do Conselho Municipal de Políticas Culturais de Maragogi e em entendimento com seus membros e o apoio do prefeito, realizamos o Primeiro Seminário Cabano de Cultura, na cidade. Neste evento, reunimos os historiadores Dirceu Lindoso, Manoel Correia de Andrade, Décio Freitas e Sávio Almeida, e foram três dias de palestras e discussões sobre a Guerra dos Cabanos envolvendo escolas e universidades das duas Províncias. Nosso objetivo era despertar na população da cidade, e nos estudantes e professores o interesse pela história local.

Há quase duas décadas, ao visitar esse cenário onde se desenvolveu a Guerra dos Cabanos, podia-se observar que aquelas propriedades não mais se reergueram como eram. Fato que permitiu aos movimentos sociais agrários lutarem pela posse de muitas delas. Cenário de luta cabana pelo direito da terra no século XIX, tornou-se realidade para o movimento social agrário no século XX.

Anos se passaram e essas memórias pareciam esquecidas. No entanto, o trabalho do historiador ao historicizar um tempo passado, antes adormecido, pode reacender frestas de sentimentos de autoestima a uma determinada comunidade. Novos movimentos estão acontecendo em torno desta memória no território cabano que evidencia a importância e o papel do historiador que insiste em reconstituir memória ao invés do esquecimento, sobretudo, porque, como afirma o historiador Jacques Le Goff, a memória é um valor disputado em conflitos sociais. Em seu livro intitulado *Memória e História*, afirma que os esquecimentos da história são reveladores dos mecanismos de manipulação da memória coletiva, de uma

memória que se quer “enquadrada”. A historiadora Arrisete C. L. Costa comentando o pensamento do filósofo Paul Ricoeur, afirma:

[...] a história não se limita a descrever e explicar os fatos passados, digamos, ‘*o que efetivamente teve lugar*’, pode também ressuscitar e reanimar as promessas não cumpridas do passado; se une, assim, ao imaginário dos irmãos desaparecidos “os mortos” e os libera da contingência das realizações inacabadas, para passá-lo a contar o imaginário do futuro (COSTA, 2015, p. 206).

Hoje, o visitante ao chegar em Maragogi se depara com a Praça dos Cabanos e se quiser, pode pernoitar em Pousada de nome Cabanos. Essa praça, hoje é abraçada pelos moradores locais.

No contexto atual, impossibilitada de ir ao campo devido ao isolamento social imposto pela pandemia do covid-19, não foi possível me deslocar até Maragogi para visitar as terras cabanas onde hoje vivem as comunidades agrárias. Então, a alternativa foi estabelecer um diálogo por telefone com a italiana Miriam Vendrani que é educadora e irmã, na Congregação Sagrado Coração de Jesus objetivando, particularmente atualizar os movimentos da memória cabana. Ela veio da Itália há quase três décadas e se fixou em Maragogi.

Miriam, acompanhou todas os movimentos de lutas agrárias daquela região apoiando mulheres e homens na luta pela posse da terra e posteriormente colaborando na implementação de projetos. Falei sobre o território da luta cabana onde hoje estão fixados alguns assentamentos os quais ela apoia, inclusive, trazendo recursos da Itália para os projetos ligados a agricultura familiar. Meu interesse era saber como esse território está sendo ocupado e quais os elementos da cultura foram herdados da gente cabana e se há um conhecimento da história daquele território pelos moradores atuais.

No Assentamento Bom Jesus, disse ela, é um dos mais organizados. Lá possui muitas casas bem construídas e cada quintal tem um roçado com verduras, legumes e frutas. E no trabalho do campo ocorre a agricultura familiar coletiva onde plantam mandioca, feijão, maracujá, entre outras especiarias. Ela conta que foi mediadora, trazendo recursos da Itália e que foi possível fazer vários açudes e implementar a criação de tilápia neste Assentamento. Segundo Miriam, neste assentamento os produtos agrícolas já vinham abastecendo algumas escolas, pousadas e cooperativas da região, porém, como relata a irmã, a pandemia tem causado grandes prejuízos a esses pequenos agricultores. Ela narra sobre um projeto que vem sendo implantado pelos moradores do assentamento Bom Jesus que se chama Cabanos Agritur, e este nome foi escolhido em homenagem aos cabanos. Embora essa memória seja bastante fragmentada por lá, mesmo assim, a escolha do nome para o projeto demonstra um interesse

pela memória histórica das guerreiras e dos guerreiros cabanos. Segundo o historiador Michael Pollack (1989, 1992), existem nas lembranças, zonas de sombras, silêncios, não ditos. As fronteiras desses silêncios com o esquecimento e o reprimido inconsciente estão em permanente deslocamento, redesenhados pela imaginação poética.

Outra experiência narrada pela irmã nas terras cabanas fica em Água Fria, território de muitas batalhas cabanas. Ela narra que nesse território tem um projeto chamado “trilhas do visgueiro”. Leva esse nome porque é uma trilha cheia de árvores nativas da Mata do Tombo Real que resistiram ao tempo e que se chama visgueiro e nessa trilha possui uma gigantesca árvore onde as pessoas sentam para absorver sua energia e descansar em sua sombra. Ela diz que nesse lugar tem um grupo de mulheres artesãs que fazem arte com palha e fibra de bananeira e se autodenominam de “Mulheres de Fibra”.

Esse espaço geográfico e histórico é o mesmo onde mulheres transitaram pelas veredas e picadas vivenciando opressões e medo, durante a Guerra dos Cabanos; por outro lado, resistiram contra a perseguição de seus algozes dentro das Matas do Tombo Real pelos seus direitos de existência como “Mulheres de Fibra”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E FONTES

### **Fontes manuscritos:**

#### **APA:**

Processo da Preta Maria da Conceição e sua filha depois de ter passado por um exame de corpo delito na delegacia do Distrito da Estância em 30 de julho de 1834. Arquivo público de Alagoas/Guerra dos Cabanos, fl 481.

#### **IHGAL:**

Ofício do militar João Carlos Barbalho de Cunha Uchôa participando que o proprietário do Engenho Flor do Meirim, Sr. José Vieira de Araújo Peixoto, protestou e não aceitou que recrutasse os habitantes do seu engenho. (Doc. 00639, em 12 de setembro de 1844, fl 01) da coleção: Rego, Manoel Francisco Alves.

#### **Fórum Domingos Fernandes Calabar, Porto Calvo:**

Inventário datado de 1845 onde Rosa Maria da Conceição e suas irmãs vendem parte de sua propriedade.

Inventário datado de 1856, mulheres da família Conceição vendem propriedade. Seus nomes constam em relatório de guerra de 1834 .

#### **APEJE/PE:**

Correspondência do presidente da província de Alagoas ao presidente da Província de Pernambuco em 06 de julho de 1845, comunicando que uma mulher de nome Dona Josepha acolheu a família do cabano Chiquinho em sua residência no Sítio Catumbí em Garanhuns, APEJE fl 175.

Correspondência enviada pelo Coronel Jacinto Paes ao Presidente da Província de Pernambuco em 30 de junho de 1845 participando que ele e seus soldados vinham pela beira de um rio e inesperadamente apareceu o Cabano Vicente de Paula que vinha com uma mulher e 10 papaméis e houve troca de tiros, APEJE, fl, 178.

Ofício datado de 29 de junho de 1845, onde uma mulher de nome Maria Baptista narra que vinha com Vicente de Paula e alguns papaméis e foram surpreendidos pela tropa e que Vicente foi baleado,, APEJE fl 176 .

Termo de Fiança para soltura de Anna Preta, presa nas matas junto com outros cabanos: Livro Arsenal de Guerra em 18 de agosto de 1834, fl, 69 .

Termo de fiança para soltura dos escravos, Antônio, Simião, Victorino, Honorato, Francisco e Simplício de propriedade da viúva Ignácia Luiza Buarque, moradora no Engenho Riachão: Livro Arsenal de Guerra em 13 de janeiro de 1835, fl,81.

### **Impressos:**

Correspondência que denuncia objetos suspeitos nas trochas das mulheres presas no Sítio Conceição em 15 de maio de 1834, folha 438.

Extrato de uma carta do Joaquim José Luiz de Souza relatando que os cabanos nos lugares Massiape, Baixa seca e jacuípe se encontravam numa roda de fuzis, nem tempo tinha de enterrar seus mortos. Publicado no Diário de Pernambuco em março de 1834.

Ofício assinado pelo José Joaquim Coelho em 1 de julho de 1834. (Diário da Administração Pública de Pernambuco, fl.559)

Ofício enviado ao Comandante das Armas, José Joaquim Coelho, Porto de Pedras, 18 de julho de 1834. (Diário da Administração Pública de Pernambuco, 18 de junho, 1834).

Proclamação assinada pelo Vice - presidente da Província de Pernambuco convocando os cidadãos a se unirem na luta contra os cabanos. Publicada no Diário de Pernambuco em 18 de março de 1834,

Relatório publicado em 15 de maio de 1834 no diário da Administração pública de Pernambuco, folha 438. Mulheres apreendidas no Engenho Conceição.

Relatório publicado em 22 de julho de 1834, folha 666 no Diário da Administração Pública de Pernambuco. As tropas fazem uma pausa na busca aos cabanos por conta das chuvas.

Relatório publicado em 12 de agosto de 1834, no Diário da Administração Pública de Pernambuco, folha 756. Uma mulher de nome Maria de Jesus, cabana, vai a delegacia saber da morte do seu marido, o cabano José Francisco.

Relatório publicado no Diário de Administração Pública de Pernambuco sobre as explorações entre 5 a 8 de agosto de 1834 onde mulheres são presas expulsas e seus destinos são marcados.

Relatório publicado no Diário de Pernambuco em 17 de maio de 1834, narrando os levantes nas regiões Água Fria, Moura Capiana, Samba e Genipapo, onde uma mulher morre em combate e uma menina fica ferida.

Relatório do quartel do comando de Porto Calvo publicado em 22 de junho de 1834 no Diário da Administração Pública, folha 666.

Relatório do coronel Carneiro em 23 de junho de 1834, remetendo os presos , inclusive mulheres para a prisão do Forte de Tamandaré,.Publicado do Diário da Administração Pública de Pernambuco, folha 656.

Relatório do Capitão Sebastião Lins Wanderley,Comandante das partidas exploradoras da Província de Pernambuco, publicada no *Diário de Pernambuco* em 17 de maio de 1834.

Relatório da operação das forças acampadas e das explorações nas matas feitas pelo Capitão José Alves, assinado por Joaquim José Luiz de Souza, Diário da Administração Pública de Pernambuco, folha 601/602 em 1 de julho de 1834.

Relatório da operação das forças acampadas e das explorações nas matas feitas pelo Major Francisco Antônio Pereira dos Santos, assinado por Joaquim José Luiz de Souza em 8 de julho de 1834. Diário da Administração Pública de Pernambuco,fl.606.

Relatório das operações das forças acampadas e das explorações nas matas entre os dias 20 a 23. Ofício assinado pelo José Joaquim Coelho em 1 de julho de 1834. Diário da Administração Pública de Pernambuco,fl.559.

Relatório das operações no Sítio Cavaco e nas imediações, durante o mês de junho pelas forças acampadas e das explorações realizadas sob os comandos de Antônio Carneiro Machado Rios e Francisco Victor de Mello e Albuquerque em 12 de julho de 1834. (fl.744/745).

Relatório escrito pelo Capitão José Alves com os acontecimentos do dia e os resultados das explorações e caça aos cabanos realizadas por sua tropa entre os dias 5 a 8 deste mês (fl.709).

Relatório da Partida exploradora comandada pelo Tenente Coronel Manoel Ignácio Bizerra de Mello dizendo que encontrou no dia 21 o rancho do chefe dos Salteadores Vicente Ferreira de Paula (fl.559).

Relatório do comandante Manoel Inácio Bezerra das tropas em Jundiá, no dia 22 de junho de 1834.

**Fonte Cartográfica:**

Mapa da repartição de obras públicas da Província de Pernambuco, datado de 1843. Demarca o espaço geográfico da guerra, indicando ser território das matas onde habita Vicente Ferreira de Paula. Mapa do Cenário da guerra delineando a região dominada pelos cabanos.

## Referências Bibliográficas:

- ALEKSIÉVITCH, Svetlana. **A guerra não tem rosto de mulher**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- ALMEIDA, Luiz Sávio de. **Memorial biográfico de Vicente de Paula: Capitão de todas as matas**. Maceió: Edufal, 2008.
- ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- ANDRADE, M. Correia. **A Guerra dos Cabanos**. Rio de Janeiro: Editora Conquista, 1965.
- \_\_\_\_\_. **A Guerra dos Cabanos**. Recife: Editora UFPE, 2005.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70 LDA/Almedina Brasil, 2011.
- MACHADO, C.; MACHADO JR., R.; VEDDA, M. (orgs.) **Experiência histórica e imagens dialéticas**. São Paulo: UNESP, 2015.
- BLOCH, Marc. **Apologia da História: Ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- BOLLE, W. **Fisiognomia da metrópole moderna**: São Paulo: Edusp, 1994.
- BRUST, M. O Mito das Amazonas nos Trópicos, **Cabanos**, V,1. 45-71, Maceió, 2006.
- BRANDÃO, Alfredo. **A Viçosa das Alagoas**. São Paulo: Plátamo editora, 2005
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. São Paulo: T. A. Queiroz/EDUSP, 1983.
- CARVALHO, J. M. **A construção nacional**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- COSTA, Arrisete. C. L. **Historiografia e Hermenêutica: Uma interpretação da narrativa microanalítica de o queijo e os vermes, de Carlo Ginzburg**. Maceió: Edufal, 2014.
- COSTA, Arrisete. C. L. **Maceió Medúscica: uma interpretação histórica das imagens da diáspora de intelectuais alagoanos na literatura - 1930/40**. Maceió: EDUFAL, 2015.
- DAVIS, Natalie Zemon. **Nas margens: Três mulheres do século XVII**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Histórias de Perdão: E seus narradores do século XVI**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- DEL PRIORE, Mary. Magia e Medicina na Colônia: o corpo feminino. In: DEL PRIORE, M. (Org.). **História Das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013.
- DIAS, M. O. L. da Silva. **Quotidiano e poder no século XIX**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

- FALSI, M. Mulheres do Sertão Nordestino. In: DEL PRIORE, M. (org) **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2013.
- FARGE, Arlette. **O Sabor do Arquivo**. São Paulo: Edusp, 2009
- FIGUEIREDO, Luciano. Mulheres nas Minas Gerais. In: DEL PRIORE, M. (org) **História Das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013.
- FREITAS, Décio. **Os guerrilheiros do Imperador**. Rio de Janeiro: Biblioteca de História, 1978.
- GINZBURG, Carlo. O nome e o como. In: GINZBURG, C. **A micro-história e outros ensaios**. Lisboa: DIFEL, 1989a.
- \_\_\_\_\_. O inquisidor como antropólogo. In: **Revista Brasileira de História**, v.1, nº 21, p. 09-20, 1991.
- \_\_\_\_\_. Sinais: Raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, C. **Mitos emblemas e sinais: Morfologia e História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989b.
- LEVI, Giovanni. **A herança imaterial: Trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. São Paulo: Editora da Unicamp, 1990.
- LINDOSO, Dirceu. **Póvoa Mundo**. Rio de Janeiro: José Olímpio Editora, 1980.
- \_\_\_\_\_. **Utopia Armada: Rebelião de pobres nas matas do Tombo real**. Maceió: Edufal, 2005.
- \_\_\_\_\_. **A Razão Quilombola: Estudos em torno do conceito quilombola de nação etnográfica**. Maceió: Edufal, 2011.
- \_\_\_\_\_. **Formação de Alagoas Boreal**. Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos: Eduneal; Fapeal, 2019.
- MELLO, Janaína. Matas Temoratas: resistência e medo na Guerra dos Cabanos (Alagoas – Pernambuco/1832-1850). **Anais do XXIII Simpósio Nacional de História**, Londrina, 2005.
- OLIVEIRA, Maria. L.F. As guerras nas matas de Jacuípe. In: **Revista de Pesquisa Histórica**. Nº 33, pag. 100-136, 2015.
- PERROT, Michelle. **Os excluídos da História: Operárias, mulheres e prisioneiros**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2018.
- POLLACK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.
- RAGO, Margareh. **As mulheres na historiografia brasileira**. São Paulo: Unesp, 1995.
- RANCIÈRE. Jacques., **Figuras da História**. São Paulo: UNESP, 2018.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. Alain François [et. al]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

SILVA, Kalina Vanderlei. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: contexto, 2020.

SCHWARCZ, L. Racismo do Brasil. In: **Folha de São Paulo**. 2001. Disponível em: <  
<https://www1.folha.uol.com.br/folha/publifolha/351832-obra-desvenda-a-construcao-e-o-funcionamento-do-racismo-no-brasil-leia-capitulo.shtml>> Acesso: 22/08/2020.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1975.